

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Marcelo Costa Benatto

**A CLÍNICA DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO NO
BRASIL: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 1985 A
2013**

**CURITIBA
2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Marcelo Costa Benatto

**A CLÍNICA DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 1985 A 2013**

Dissertação da pesquisa apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no curso de Pós Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda.

**CURITIBA
2014**

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Benatto, Marcelo Costa

A Clínica do Acompanhamento Terapêutico no Brasil: uma análise da produção científica de 1985 a 2013 / Marcelo Costa Benatto – Curitiba, 2014.

116 f.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Acompanhamento terapêutico – pesquisa. 2. Acompanhamento terapêutico - periódicos. 3. Psicoterapia. I. Título.

CDD 362.2

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus (desimpregnado da visão teológica comumente implicada nessa figura) entendendo-o como uma energia sutil que é gerada e movimentada pelas boas ações e cuidado com o próximo. Partindo desse pressuposto, eu ganhei muitos presentes nessa vida e a minha vivência com esses presentes faz com que eu mobilize essa energia e gere atração de mais e mais presentes.

O primeiro deles e que também é mais recente se chama Isabella, que com sua doçura me encantou e despertou um amor que cresce a cada dia que passa. No auge do seu 1 ano e meio de vida muitas lições foram por mim aprendidas. Essa docinha só existe porque eu tenho uma **COMPANHEIRA** – Simoni, que merece além da caixa alta, itálico e negrito, pois consegue me manter no eixo, contribui diariamente para o meu crescimento pessoal e profissional, me proporciona imensos momentos de alegria e gerou por nove meses em seu ventre o maior presente da minha vida. E para que eu e minha companheira tivéssemos nos permitido a um “encontro”, nós tivemos pais que se empenharam e se dedicaram intensamente com a nossa educação, nos amaram e nos proporcionaram limite (algo muito difícil de fazer e imprescindível para a saúde psíquica). Edison em sua quietude e por vezes intempestividade me ensinou muito sobre fidelidade e lealdade, Elenir com sua extravagância e amabilidade me ensinou sobre persistência, respeito e dignidade. Marcos com seu jeito acolhedor e apaziguador me proporciona aprendizado de calma e serenidade, Lana com sua transparência e sinceridade me ensina dia a dia a me respeitar e brigar pelo que é justo. Luiz Fernando com seu jeito cauteloso e calculista me ensina a cada ocasião sobre prestatividade e paciência. Camila e Felipe (muito parecidos) difíceis de conquistar, mas extremamente leais me auxiliam a dedicar mais atenção à família, Rafael e Fernando (também muito parecidos) provaram que existe sentimentos nas ciências exatas e me orientam (mesmo que inconscientemente) a construir relações em que as pessoas sintam prazer com a minha

presença, pois é algo que ambos carregam. Às minhas cunhadas e cunhado Carol, Ana e Vanderlei (verdadeiras caixas de Pandora), vem aos poucos mostrando que se preservar e traçar limites pessoais faz muito bem à saúde. Aos meus sobrinhos e afilhados (Ana Paula, Leonardo, Alana, João Gabriel, Carolzinha, João Pedro, Maria Clara e Vinícius) são verdadeiros raios de sol que aquecem e acalentam os meus dias (que em grande parte são engolidos pela lógica perversa vigente - capitalismo). Essas crianças e adolescentes com inocência e sabedoria reforçam o valor que por mim é tido como fundamental – respeito ao próximo.

Esse valor é também a base da AMPARE e do “Centrinho” que são espaços de relação e que com o foco na saúde mental da infância e adolescência serve de escola e estágio para a construção de um mundo melhor para nossos descendentes.

Esse grupo AMPARE é tão importante e grande que ficaria injusto eu citar somente alguns nomes e correr o risco de esquecer outros, mas aqueles que estão comigo no dia a dia tem a certeza da importância que tem na minha vida e que continuarão a ter, principalmente aqueles que além do vínculo acadêmico, estão entrelaçados também pelo profissional e espiritual (Guilherme, Willyan, Juliana e Luciano).

Não menos importantes são os Amigos da AMPARE que não estão “de corpo presente” e que torna-se difícil de explicar nessas poucas linhas, mas que contribuem ativamente para a manutenção do nosso ideal.

Mais recentemente surgiram os Doutores da Academia e que em muito estão contribuindo na minha formação. Primeiramente o Prof. Dr. Facion, que eu considero o meu PAI na saúde mental e docência. Muito do que eu sou profissionalmente hoje teve o treinamento desse grande mestre, desde a graduação em psicologia, posteriormente com grupo de estudos em neurociências, supervisor de docência e de atendimentos clínicos e agora meu avaliador.

O Professor Doutor Adriano que além de me aceitar como orientando muito contribuiu com minha formação acadêmica, mas principalmente, exercitou sua paciência em provas duríssimas como por exemplo a situação em que observou a imagem do seu time do coração ter sido alvo de “piada fenomenológica” em uma avaliação final de disciplina no mestrado, e pior: me atribuiu a nota máxima pela avaliação, demonstrando que mesmo com o seu sentimento ferido, o rigor científico prevalece.

Professor Doutor Andrés e Ricardo que com certeza muito contribuíram com a teoria presente nessa pesquisa e também gentilmente se disponibilizaram para avalia-la. Outras pessoas (também da área de Acompanhamento Terapêutico) me surpreenderam tanto pela contribuição teórica para o campo como também pela prestatividade e auxílio às minhas angústias em determinados momentos dessa trajetória – Prof. Dra. Analice e Msc Demétrius.

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1	8
A Clínica do Acompanhamento Terapêutico: Introdução e Fundamentos	8
1.1 Um olhar para o início e evolução da clínica do AT	8
1.2 Fundamentos Sobre o Acompanhante Terapêutico	10
1.3 Objetivo Geral	14
1.4 Objetivos Específicos.....	15
CAPÍTULO 2.....	15
Método e Metodologia.....	15
2.1 Formulação da pergunta da Revisão Sistemática.....	16
2.2 Etapas da revisão sistemática e Definição da estratégia de busca.....	17
2.2.1 Categoria 1 - Teses de Doutorado, Livre Docência e Dissertações de Mestrado	17
2.2.2 Categoria 2 - Artigos Científicos	18
2.3 Critérios para inclusão dos trabalhos	19
2.4 Materiais disponíveis em mais de uma base de dados.....	20
2.5 Formato da Dissertação	20
CAPÍTULO 3.....	22
Análise das Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado/Livre Docência em Acompanhamento Terapêutico de 1995 a 2013.	22
Resumo	22
Introdução	22
Método.....	24
Apresentação, Análise e Discussão dos dados.	25
Delimitação do campo: Um olhar para as pesquisas e programas de pós-graduação.	28
Gráfico 1: Ano de Defesa das produções acadêmicas em AT (Dissertações de mestrado e Teses de doutorado e Livre Docência.....	28
Tabela 1: Universidades que promoveram pesquisas strictu sensu em AT.....	29
Para além das fronteiras da Pós-Graduação	37
Considerações Finais.....	39
Referências.....	40
Referências Revisadas	43

CAPÍTULO 4	46
Análise dos artigos sobre Acompanhamento Terapêutico publicados em revistas e periódicos científicos de 1985 a 2013	46
Resumo	46
Método	47
Apresentação e análise dos resultados.....	49
Distribuição de frequência pelo ano das publicações.....	51
Gráfico 1: Publicações de artigos científicos ano a ano.....	52
Autoria	56
Fonte de publicação.....	59
Tabela 1: Quantidade de Artigos publicados em cada revista e periódicos científico.....	58
Considerações Finais.....	63
Referências.....	65
CAPÍTULO 5	81
A produção científica sobre o AT no Brasil: um processo em construção?.....	81
Referências.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
ANEXOS	94
Anexo 1– Tabela 3: Artigos sobre acompanhamento terapêutico publicados em Periódicos Científicos.....	94
Anexo 2 – Tabela 4: Dissertações de Mestrado em AT	99
Anexo 3 – Tabela 5: Teses de Doutorado e de Livre Docência em AT.....	101
Anexo 4: Listagem completa de Referências.....	102

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi analisar as produções e publicações sobre a clínica do Acompanhamento Terapêutico no contexto Brasileiro, traçando um panorama de sua construção e desenvolvimento. Para atingir esse objetivo foram efetuados alguns recortes temporais e outros relacionados à variedade de escritos científicos. O método de estudo utilizado foi o de pesquisa bibliográfica com o recurso da revisão sistemática, a partir do levantamento de artigos científicos, dissertações de Mestrado, teses de Doutorado e de Livre Docência em Acompanhamento Terapêutico. No que se refere aos documentos derivados de produções *stricto sensu*¹, foram analisadas 57 pesquisas divididas em 49 Dissertações de Mestrado; sete Teses de Doutorado; uma Tese de Livre Docência. Em relação aos artigos científicos, foram analisados 141 artigos, dispostos em 55 revistas e periódicos científicos, através de uma busca por “palavras-chave”, utilizando-se do seguinte procedimento: “acompanhamento + terapêutico” ou “acompanhante + terapêutico” e “acompanhante terapêutico” e “acompanhamento terapêutico” no título, subtítulo ou resumo dos trabalhos. Os critérios para inclusão de materiais na pesquisa foram: a) materiais caracterizados no formato de artigos científicos; b) publicações nacionais, ou ainda, de autores estrangeiros desde que a pesquisa tenha sido publicada em solo nacional e como idioma principal a Língua Portuguesa. Finalmente buscamos discutir o AT enquanto clínica em construção. Observou-se um significativo aumento da produção acadêmica refletida nos programas de pós-graduação ao longo da história, assim como, aumento na publicação de artigos científicos e pesquisadores envolvidos com a pesquisa em AT.

Palavras Chave: Acompanhamento Terapêutico, pesquisa, produção científica, aumento.

¹ As pós-graduações *stricto sensu* compreendem programas de mestrado e doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção dos alunos (Art. 44, III, Lei nº 9.394/1996).

ABSTRACT

The objective of this research was to analyze the productions and publications on the clinical Therapeutic Companion in the Brazilian context, doing a image of their construction and development. To achieve this goal has been made some clippings and other related variety of scientific writings. The method used was the literature research based on systematic review, from a research of scientific articles, Masters dissertations, PhD theses and PhD in Therapeutic Companion. With regard to documents derived from sensu stricto productions, 57 studies divided into 49 Dissertations were analyzed; seven PhD theses; one Habilitation Thesis. 141 articles, arranged in 55 magazines and journals were analyzed through a search for "keywords", using the following procedure: "+ monitor therapeutic" or "therapeutic companion +" and "chaperone therapy "and" therapeutic treatment "in the title, caption or summary of the work. The criteria for inclusion of materials in the research were: a) material featured on format of scientific papers; b) publications national, or even international authors since research has been published in national soil and the Portuguese language as the main language. Finally we discuss the AT clinical while under construction. There was a significant increase in production reflected in academic graduate programs throughout history, as well as increase in the publication of scientific articles and researchers involved with research in AT.

Keywords: Therapeutic Companion, research, scientific, increase.

Introdução

O tema da presente pesquisa trata da construção do Acompanhamento Terapêutico (AT)² no Brasil, em seus 29 anos de existência, a partir de um recorte sobre sua produção científica e acadêmica. O AT surge associado à imagem de um profissional – portanto, a uma “prática” – vinculado aos preceitos da reforma psiquiátrica. “O fato é que, no contexto da reforma psiquiátrica, a cidade invade inelutavelmente o *setting* do tratamento e vem colocar a clínica em questão. O AT torna-se uma função emblemática da interpenetração, da mistura, do contágio das disciplinas *psi* com o espaço e tempo da cidade” (Palombini, 2007, p. 8).

Já nos anos 1960-1970, surge o profissional “acompanhante terapêutico”, sob outras denominações, como “atendente psiquiátrico” e “auxiliar psiquiátrico” (Berger, Moretin & Braga Neto, 1991). Ao final da década de 70, após mudanças no perfil do profissional, ocorre mudança em sua nomenclatura que passa a se chamar “amigo qualificado”, tendo evoluído para acompanhante terapêutico na década de 80, pois se adequava melhor às características do que era realizado (Barretto, 1998).

Em 1985 foi publicado o livro que é considerado a primeira tentativa de sistematização desta prática clínica, *Acompañantes Terapéuticos y pacientes psicóticos*, escrito pelas psicólogas Susana Kuras de Mauer e Silvia Resnizky – traduzido para o português em 1987 (Mauer & Resnizky, 1987). De acordo com os dados apresentados, percebe-se um recorte no AT – prática *versus* saber – visto que a prática do AT, mesmo que sob outras terminologias data de meados da década de 1960, enquanto que o tema só foi tratado na literatura em meados da década de 1980.

Partindo do recorte citado na clínica do AT (prática *versus* saber), o foco dessa pesquisa manterá o olhar para o que foi produzido cientificamente sobre essa prática.

Para efeitos desta pesquisa, partimos do entendimento de “produção científica”, consoante proposição de Witter (2005), que a define como uma atividade que se origina em

² Para fins dessa pesquisa, utilizaremos a abreviação AT para o termo Acompanhamento Terapêutico.

novas descobertas e conhecimentos e propicia o avanço da ciência, acrescentando algo de novo em relação aos conhecimentos consolidados em determinada área; além disso, acrescenta que os textos são considerados os mais relevantes da produção científica por serem o meio de comunicação mais usual.

Dentre as diversas formas de textos científicos, consideramo-os como fonte de produção científica circunscritos a duas categorias: 1) Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado e de Livre Docência em Acompanhamento Terapêutico; e, 2) Artigos científicos publicados em revistas e periódicos sobre Acompanhamento Terapêutico. O ano de 1985 representa o ponto de partida dessa pesquisa devido à primeira produção brasileira sobre o tema, o artigo publicado na *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, de autoria de José Carlos Eggers, intitulado: “Acompanhamento terapêutico: um recurso técnico em psicoterapia de pacientes críticos”. Destacamos o ano de 2013 como o corte final do período por representar a atualidade, tendo sido o último ano completo até o término da presente pesquisa.

Esta pesquisa foi motivada pela minha experiência com o Acompanhamento Terapêutico (AT) desde a formação em Psicologia até o presente momento. No decorrer da prática de acompanhante terapêutico, diversas fontes teóricas foram buscadas para sustentar essa clínica que acontece no cotidiano; porém, essa busca trouxe uma série de dúvidas, particularmente devido à sistematização dessa prática e em relação às fronteiras que a delimitam. Segundo Marinho (2009), o campo do acompanhamento terapêutico está se sofisticando no seu processo histórico, exigindo produção científica para embasar teoricamente esta prática em franco crescimento no Brasil.

Para tanto, essa pesquisa toma caráter de importância devido ao “olhar” para a produção científica sobre acompanhamento terapêutico no Brasil, que carece de estudos dessa natureza — para apresentar o que está sendo pesquisado, de que forma, onde e por quais autores.

A necessidade de estudos como este, que visa “olhar” a produção científica na área do AT, justifica-se em virtude dos riscos que qualquer área de conhecimento sofre devido à ausência de pesquisas dessa natureza, que sirvam como balizadores ou organizadores de sua produção científica. Um risco é que se percam informações num universo de produções não sistematizadas e com isso levem a uma marginalização com crescente descrédito em relação às publicações. Por isso, analisar as produções científicas de forma sistematizada pode proporcionar o conhecimento sobre a evolução e a realidade científica de dado tema.

Principiamos esse trabalho com uma discussão sobre os antecedentes científicos do AT, de modo a contextualizar seu campo. Em seguida apresentamos os seus fundamentos com objetivo de delimitar e clarificar o objeto de pesquisa. Ao final do capítulo evidenciamos os objetivos geral, específicos e as hipóteses da pesquisa. No segundo capítulo – método e metodologia –, elucidamos o ponto de partida do estudo e delimitamos o objeto do AT, assim como a formulação da pergunta de pesquisa. Procedemos à descrição do método utilizado para análise dos dados e os processos/estratégias de busca de material de pesquisa, quais referências servem de fonte e os critérios para inclusão de trabalhos.

O terceiro capítulo apresenta a discussão e análise das produções derivadas de dissertações de mestrado, teses de doutorado e livre-docência; em seguida – no capítulo quatro – apresentamos a análise dos resultados referente ao conjunto de artigos científicos publicados. O capítulo cinco discute um dado recorrente na literatura – as fronteiras do AT. Essa análise tem por intuito complementar os resultados apresentados, enriquecendo as análises da produção científica.

Ao final, ressaltamos alguns aspectos importantes das análises e lançamos limitações da pesquisa, assim como questionamentos que extrapolam a delimitação proposta e que poderão ser utilizados como novos pontos de partida para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1

A Clínica do Acompanhamento Terapêutico: Introdução e Fundamentos

1.1 Um olhar para o início e evolução da clínica do AT

O acompanhante terapêutico surge como um profissional com forte vínculo com a reforma psiquiátrica. Segundo Paulin & Turato (2004), o movimento da reforma psiquiátrica no Brasil tem destaque com experiências inovadoras em três estados: São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, principalmente com a criação de comunidades terapêuticas. De acordo com Berger, Moretin & Braga Neto (1991), nessas comunidades surge a figura do acompanhante terapêutico (mesmo que sob outras denominações), e a especificidade desse profissional era apresentar um “olhar” diferenciado da loucura, um compartilhar, um “estar com” o louco.

As primeiras referências utilizando a terminologia “acompanhamento terapêutico” ocorrem na Argentina, na clínica do Dr. Eduardo Kalina, conhecida por CETAMP – Centro de Estudos e Abordagem Múltipla em Psiquiatria. Também nesta clínica, em 1985, surge o primeiro livro publicado sobre o tema, intitulado *Acompañantes Terapéuticos y pacientes psicóticos*, escrito pelas psicólogas Susana Kuras de Mauer e Silvia Resnizky, que consiste em um manual introdutório e sistematizador do acompanhamento terapêutico e foi traduzido no Brasil em 1987 (Mauer & Resnizky, 1987).

O acompanhamento terapêutico foi introduzido no Brasil sob a denominação de “atendente psiquiátrico”, na Clínica Pinel em Porto Alegre, nos anos 60 e 70 (Berger, Moretin & Braga Neto, 1991). Posteriormente foram encontrados registros de uma segunda experiência, no final da década de 60 no Rio de Janeiro, na Clínica Villa Pinheiros, sob a denominação de “auxiliar psiquiátrico”, com forte embasamento psicanalítico. Nessa

mudança de nomenclatura – passando de atendente psiquiátrico a auxiliar psiquiátrico – as funções deste profissional mantêm-se inalteradas, assim como o foco de atendimento, visto que a clínica de Porto Alegre – primeira experiência – serviu de base de inspiração para a clínica do Rio de Janeiro – segunda experiência (Reis Neto, 1995). A terceira experiência de Acompanhamento Terapêutico no Brasil ocorre no final da década de 70 no Instituto A CASA, na cidade de São Paulo. Neste local, que funcionava inicialmente como Hospital Dia, utiliza-se a denominação de “amigo qualificado”, termo originário da clínica dirigida pelo Dr. Eduardo Kalina na Argentina (Mauer & Resnizky, 1987).

Somente após todas essas mudanças de terminologia é que surge, no final dos anos 80, a denominação atual de “Acompanhamento Terapêutico”, como um recurso que vem sendo amplamente utilizado pelos profissionais de saúde no tratamento aos doentes mentais (Simões, 2005).

Em relação à produção científica do AT, o primeiro escrito científico brasileiro é o artigo publicado em 1985 na Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, intitulado: *Acompanhamento terapêutico: um recurso técnico em psicoterapia de pacientes críticos* (Eggers, 1985), fruto do trabalho de conclusão do curso de especialização em psiquiatria da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em junho de 1984.

Segundo Chauí-Berlinck (2011) alguns temas são recorrentes na literatura sobre AT e até a atualidade não foram esgotados. Em primeiro lugar aparecem as obras que servem de referencial teórico para o AT com predomínio do referencial psicanalítico. Em segundo lugar surgem discussões sobre a evolução do perfil do paciente atendido pelo acompanhante terapêutico, assim como o “lugar do acompanhante terapêutico” que engloba a “rua” e a “circulação” articuladas à problemática dessa clínica. Em terceiro, surge a formação do acompanhante terapêutico, suas problemáticas e o caráter interdisciplinar dessa prática.

Também são discutidos na literatura temas como o corpo no AT (Pitiá, 2002; Possani, 2010; Leães, 2011; Gonçalves, 2012); a amizade (Silveira, 2006; Araujo, 2006; Palombini,

2009) saídas (Palombini, 2007; França, 2009; Chauí-Berlinck, 2011; Silva, 2013); trabalho em equipe (Farinha, 2006; Macedo, 2011, Simões, 2005)

De acordo com o exposto sobre o início da produção científica de AT no Brasil, percebe-se que sua estruturação é muito recente, com a primeira obra tendo sido publicada há pouco menos de três décadas. Em virtude de possuir uma produção bibliográfica recente e ainda pouco explorada, ocorrem alguns desencontros na estruturação teórica dessa prática clínica, relacionados principalmente ao campo de atuação do acompanhante terapêutico, qual a formação necessária, embasamento teórico, sistematização técnica, funções, e características dos profissionais. Além disso, “(...) o lugar ocupado pelo acompanhante terapêutico é o lugar da dúvida, da incerteza, do risco seja porque não há um saber teórico ou um conjunto de regras que determinem sua prática, seja porque deliberadamente optam pela recusa dessas determinações e aceitam o inesperado e o inusitado” (Chauí-Berlinck, 2011 p. 134).

1.2 Fundamentos Sobre o Acompanhante Terapêutico

O AT representa na atualidade uma importante ferramenta de manejo clínico, utilizada principalmente por psicólogos e estudantes de psicologia³ que “quebram” as fronteiras do *setting* tradicional para oferecer uma opção terapêutica nos próprios ambientes em que cada sujeito – com algum tipo de sofrimento psíquico, emocional, relacional, ou comportamental – esteja ou circule, permitindo assim, uma maior reintegração ao seu contexto social. Segundo Simões (2005), a principal marca do acompanhamento terapêutico refere-se ao *setting* terapêutico ampliado, visto que o horário, o local e a duração das sessões podem ser variáveis.

³ “O Acompanhamento Terapêutico tem sido exercido predominantemente por psicólogos, embora outros profissionais como terapeutas ocupacionais, enfermeiros e psiquiatras atuem como Acompanhantes Terapêuticos.” (Carvalho, 2002, p. 20)

Como características que marcam essa prática, merece destaque também o diálogo com a família e o trabalho em equipe. Assim, o AT pode ser entendido como uma

(..) atividade terapêutica cujo objetivo central é promover a singularidade⁴ de pessoas que sofreram algum tipo de crise e favorecer a vivência de uma experiência significativa onde seu desejo encontre expressão. (...) O AT é um modo de intervenção terapêutica que se dá em meio à vida cotidiana de uma pessoa. É um tipo de atendimento herdeiro das transformações do cuidado na área da Saúde Mental, na busca de uma forma de tratamento mais humanizada” (Associação de Acompanhamento Terapêutico, s/d).

O trabalho do AT se constrói numa ética que se constitui basicamente, de acordo com Barretto (1997), na relação com o outro, marcada pelo respeito à singularidade. Partindo desse pressuposto básico, o acompanhante terapêutico pode ser entendido como o profissional que está presente nas situações concretas que o paciente vive, ou seja, no seu cotidiano. Essa presença *in loco*, além de auxiliar nas atividades cotidianas que o paciente se sente limitado, permite utilizar as situações do dia a dia como material para a elaboração dos conflitos psíquicos que o impedem de se organizar de modo significativo (Associação de Acompanhamento Terapêutico, s/d).

A peculiaridade do AT encontra-se na relação que é possível ser estabelecida com o paciente; a intervenção no cotidiano promove especial proximidade entre ambos, permitindo ao acompanhante terapêutico experienciar em seu próprio corpo o sofrimento vivido pelo paciente (Gonçalves, 2012). Os indivíduos que procuram ou são encaminhados para AT, não o procuram porque estão felizes e saudáveis e querem compartilhar tais sentimentos com o acompanhante terapêutico. Procuram-no, porque estão sofrendo, seja em virtude de alguma

⁴ “As singularidades são os verdadeiros acontecimentos transcendentais (...) Longe de serem individuais ou pessoais, as singularidades presidem à gênese dos indivíduos e das pessoas.” (Deleuze, 1974).

condição fisiológica, comportamental, psíquica ou emocional que esteja comprometendo suas relações sociais, ou o seu contato com o mundo. Assim, o acompanhante terapêutico buscará, por intermédio da cidade, família, residência e qualquer ambiente que faça ou um dia tenha feito parte do repertório do sujeito atendido, firmar vínculo e trabalhar problemas psíquicos no ambiente que servirá como objeto intermediário na relação acompanhante/acompanhado.

Tendo em vista a importância da relação terapêutica, quando se faz um encaminhamento para o acompanhamento terapêutico, inicialmente o profissional busca investigar quais são os gostos do paciente: “O que ele gosta de fazer?”. É neste ponto que se buscará um vínculo, ou uma facilitação da relação, visto que o vínculo é primordial para qualquer trabalho terapêutico. “(...) o AT promove a recuperação de aspectos éticos da relação terapêutica, na medida em que não é possível especificar-se numa escuta do psiquismo. O at se movimenta junto com o paciente. Está de corpo e alma presente nas situações” (Possani, 2010, p. 19).

Uma situação comum diz respeito a pacientes institucionalizados que não apresentam evolução com as terapêuticas oferecidas pela instituição. De acordo com Sereno (2006), o AT “está para”, ou seja, sempre nos remete a uma relação na qual acompanhante terapêutico e paciente acompanhado, por vezes, estão tão intimamente ligados que a fronteira psíquica entre ambos torna-se sutil. O AT pode ser inserido no cotidiano do paciente para trazer novas informações que estavam encobertas para a equipe terapêutica; além disso, pode servir também de intermediário entre a alta no tratamento e a manutenção da evolução terapêutica.

O aspecto negativo dessa clínica se encontra na fragilidade que o cotidiano oferece com situações que estão presentes e que oferecem risco para todos nós, como atropelamentos, acidentes, assaltos, crises e surtos em ambientes públicos desprotegidos, entre outros; mas o conhecimento teórico-prático sobre saúde mental, psicopatologias, ser humano, relações, comportamentos, emoções, terapêuticas, diagnósticos e prognósticos, ética, separação

Eu/Outro – além de uma capacidade ampliada de abstenção de julgamentos morais e uma visão ampliada – são fundamentais para amenizar os aspectos negativos desta clínica.

Porém, tais conhecimentos tornam-se meramente figurativos se não delimitarmos o objeto “Acompanhamento Terapêutico”, deixando-o muito bem definido e claro, tanto para o acompanhante quanto para o pesquisador da área. Uma dificuldade em relação à definição do objeto surge da falta de clareza deste para a comunidade científica, que padece de respostas para diversos questionamentos, como por exemplo: é possível um arcabouço teórico singular para abarcar essa prática?

Simões (2005) destaca que o AT pode ser realizado de diferentes formas, que vão desde as que visam adaptação do acompanhado aos mais variados contextos sociais, até condutas despreocupadas com os padrões e normas sociais. Acrescenta que tais condutas dependerão dos referenciais teóricos assumidos pelo acompanhante terapêutico, associados às suas características pessoais e seus próprios limites no ato de acompanhar. As perspectivas clínicas que embasam a prática são traçadas de acordo com a abordagem teórica que os profissionais seguem. Tais abordagens buscam justificar e orientar sua prática clínica (Carvalho, 2002).

Tradicionalmente, a psicanálise – com as escolas winnicottiana e lacaniana – apresenta uma dominância em relação às tentativas de sistematização e embasamento teórico do acompanhamento terapêutico. Porém, percebem-se tentativas de sistematização com outros referenciais teóricos (Reis Neto, Teixeira Pinto & Oliveira, 2011), tais como: a psicoterapia corporal (Pitiá, 2006), a terapia cognitivo-comportamental (Zamignani, Kovac & Vermes, 2007), a esquizoanálise (Muylaert, 2006) e o modelo de atenção psicossocial (Pitiá & Santos, 2006; Fiorati & Saeki, 2006; Pitiá e Furegato, 2009).

Independente da abordagem teórica que seguem, os acompanhantes terapêuticos mais experientes estão contribuindo para a consolidação e aprofundamento teórico do AT, atuando mais diretamente com supervisões clínicas e ministrando cursos de formação na área ligados a

instituições de pesquisa e universidades públicas e privadas (Marinho, 2009). Esse aspecto apontado representa uma ampliação da prática, visto que nos relatos de Carrozzo (1991), o trabalho de acompanhamento terapêutico era voltado para psicóticos, neuróticos graves e deficientes mentais. Além do aprofundamento teórico, Sereno (2006) cita que o acompanhamento terapêutico tem sido indicado por diversos profissionais da saúde e também no âmbito educacional.

Tendo em vista a breve explanação sobre o AT desde os seus primórdios, até a atualidade – com intuito de situar o leitor sobre o tema que será tratado e não de esgotar impasses dessa clínica – surge a motivação que será definida como o objetivo dessa pesquisa, qual seja: “olhar” para a produção científica sobre AT.

1.3 Objetivo Geral

O objetivo desta investigação é esboçar um panorama da produção científica sobre o Acompanhamento Terapêutico no Brasil, desde os seus primórdios até a atualidade, traçando um quadro dessa construção. Para atingir esse objetivo, será realizado um amplo levantamento bibliográfico buscando, em bases de dados abertas de artigos, teses e dissertações, além da busca de livros e autores que estão contribuindo para a construção e estruturação teórica desta prática clínica, bem como consultando as próprias referências dessas mesmas produções, com o intuito de estabelecer um quadro o mais amplo possível dessa perspectiva. Os resultados da pesquisa servirão como um balizador da produção científica sobre acompanhamento terapêutico no Brasil.

1.4 Objetivos Específicos

- a) Realizar ampla revisão de literatura a respeito do acompanhamento terapêutico;
- b) Levantar algumas problematizações acerca do acompanhamento terapêutico indicando caminhos que devem ser explorados em pesquisas na área;
- c) Apresentar a produção científica sobre o acompanhamento terapêutico, discutindo suas áreas, contextos e fronteiras.

A hipótese desta pesquisa é que houve um significativo crescimento da produção científica sobre AT desde o ano de 1985 até 2013, levando à consolidação do AT como prática e como campo de saber. Partindo dessa hipótese buscar-se-á a verificação de como se encontra a produção científica sobre o AT na atualidade e quais aspectos tornaram-se relevantes nesse percurso.

CAPÍTULO 2

Método e Metodologia

O método de estudo utilizado foi o de pesquisa bibliográfica – com o recurso da revisão sistemática e metanálise – a partir do levantamento de referências publicadas, livros, artigos científicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado e de livre docência em AT.

A revisão sistemática consiste em uma metodologia de estudo científico que apresenta diversas estratégias para a prevenção de vieses. O processo sistemático é planejado, *a priori*, com critérios estabelecidos para cada etapa. Um elemento que interfere diretamente na recuperação dos trabalhos é a estratégia de busca. As fontes de informação possuem particularidades que demandam a elaboração de estratégias diferentes e específicas. A revisão de literatura, também chamada de “revisão narrativa” é um estudo de caráter descritivo-

discursivo (Muñoz, Takayanagui, Santos & Sanchez-Sweatman, 2002), visando “(...) integrar a informação existente sobre uma temática específica, através do agrupamento e análise dos resultados procedentes de estudos primários” (p. 1).

Já a metanálise é a técnica que busca a integração dos resultados de um conjunto de trabalhos independentes, voltados para um mesmo objeto de estudo. “A ideia é fazer um estudo de estudos, ou seja, transformar os resultados de uma quantidade de estudos selecionados na literatura especializada em uma nova unidade de informações” (Turato, 2003, p. 243). No contexto da saúde, é comumente utilizada em sua versão quantitativo-estatística, embora tenha igualmente uma perspectiva qualitativa, também chamada de “revisão sistemática qualitativa” (Muñoz, Takayanagui, Santos & Sanchez-Sweatman, 2002). A metanálise permite “(...) combinar os resultados de estudos realizados de forma independente (geralmente extraídos de trabalhos publicados) e sintetizar as suas conclusões ou mesmo extrair uma nova conclusão” (Luiz, 2002, p. 409).

2.1 Formulação da pergunta da Revisão Sistemática

Como de praxe em pesquisas científicas, a definição da pergunta de pesquisa representa um momento turbulento da revisão sistemática, pois é a partir dessa pergunta que os objetivos são traçados e os resultados obtidos. Com base nessa crise, que representa o cerne da produção científica, foi elaborada a seguinte pergunta: *É possível abarcar em uma revisão sistemática, a totalidade da produção científica de uma determinada área do conhecimento e compreender como ela se encontra na atualidade?*

2.2 Etapas da revisão sistemática e Definição da estratégia de busca

Para atingir os objetivos da pesquisa, foi revisada a produção científica sobre acompanhamento terapêutico, buscando aproximação da totalidade das produções, que foram estruturadas em duas categorias:

- 1) Teses de Doutorado, Teses de Livre Docência e Dissertações de Mestrado;
- 2) Artigos científicos publicados em revistas e periódicos científicos.

A divisão das categorias visa dinamizar a exposição e análise do material. A busca por produções científicas nacionais foi organizada com as seguintes combinações de palavras: “acompanhamento + terapêutico” ou “acompanhante + terapêutico” no título, subtítulo ou resumo dos trabalhos, e com data de publicação superior a 1985. Também foram lidos e analisados os títulos e resumos dos trabalhos que apresentaram as palavras “acompanhante terapêutico” e “acompanhamento terapêutico” juntas, visto que somente as combinações de palavras, ou a junção das duas, não apresenta a totalidade de produções da área.

As descrições e detalhes que envolveram as buscas estão descritas em cada uma das duas categorias, tendo em vista a existência de diferenças entre elas.

2.2.1 Categoria 1 - Teses de Doutorado, Livre Docência e Dissertações de Mestrado

A Categoria 1 corresponde às Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado e de Livre Docência em Acompanhamento Terapêutico e foram acessadas em três fontes: primeiro na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, (<http://bdtd.ibict.br/>) pertencente e administrada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (<http://www.ibict.br/>). Em seguida, no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no endereço eletrônico

<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. E, por último, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) no site www.bireme.br.

O segundo passo na busca de materiais dessa categoria foi a leitura das referências bibliográficas das produções científicas para buscar materiais que não foram selecionados a partir dessas três bases de dados. O terceiro caminho de busca foi a verificação dos *Currículos Lattes* (<http://lattes.cnpq.br/>) dos pesquisadores e orientadores de pesquisa, para saber se participaram em alguma outra pesquisa da área de AT e que ainda não tenha sido encontrada nas buscas anteriores.

2.2.2 Categoria 2 - Artigos Científicos

Essa categoria evidencia a busca por artigos científicos primeiramente em bases de dados abertas, quais sejam: BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde). A segunda busca ocorreu no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no endereço eletrônico <http://www.periodicos.capes.gov.br>. A terceira busca se deu com a revisão e pesquisa das referências bibliográficas de toda a produção científica sobre acompanhamento terapêutico encontrada. Esta etapa buscou o embasamento bibliográfico das pesquisas desenvolvidas na área do acompanhamento terapêutico no Brasil.

E por fim, a quarta busca nessa etapa de revisão sistemática, foi realizada via acesso ao *Currículo Lattes* dos pesquisadores e acompanhantes terapêuticos no site <http://lattes.cnpq.br/> para revisar se havia publicação de material que escapou às buscas anteriores. Se surgissem produções que escapassem às buscas anteriores, essas seriam buscadas diretamente na revista científica que promoveu a publicação do artigo.

2.3 Critérios para inclusão dos trabalhos

Os materiais buscados foram analisados primeiramente com a leitura do título e subtítulo para saber se faziam parte do universo de produções científicas delimitadas na presente pesquisa. Foram lidos os resumos e palavras-chave de todos os materiais que não foram incluídos na primeira análise, para saber se estavam enquadrados como objeto dessa pesquisa. Os critérios para inclusão de materiais na presente pesquisa são:

A – Materiais caracterizados em uma das duas categorias citadas;

B – Publicações nacionais, ou ainda, de autores estrangeiros desde que a publicação tenha ocorrido em revista, periódico ou ainda Universidade/Faculdades nacionais.

Não consideramos, para efeitos de nossa amostra, textos publicados em jornais, revistas de divulgação geral, boletins informativos ou outro tipo de produção informal. Existem outras publicações de natureza científica que não serão incluídas nessa pesquisa, tais como publicação de anais de congresso, monografias/artigos de conclusão de graduação, especialização e formação em AT.

A exclusão dessas produções científicas justifica-se pela dificuldade em acessar esses materiais que, não raramente, estão restritos à consulta nos locais onde foram produzidos, assim como, a apresentação de artigos em anais de congressos que não tem como temática o AT, tornando assim um universo de pesquisa muito amplo e suscetível. Outra produção científica excluída deste estudo foram os livros (sobre AT) e capítulos de livro (que versavam sobre AT em livros com temática diversificada). Em virtude da natureza física do material, necessitaríamos ter acesso a todas as obras para proceder análise.

Foram excluídos dessa pesquisa autores estrangeiros, a não ser que tenham desenvolvido pesquisas em Instituições de Ensino Superior Brasileiras, ou ainda, publicado artigos em revistas e periódicos Nacionais. Esse corte foi necessário porque outros países latino-americanos apresentam representatividade na produção científica sobre AT, como Peru,

México, Uruguai e Argentina, com especial destaque para este último, país de origem da maioria das publicações estrangeiras (Benevides, 2007).

Para atender ao objetivo da pesquisa (no que se refere à aproximação da totalidade de produções) decidimos pelo recorte de materiais em virtude da amplitude de fontes e dificuldade de acesso a todas elas. Destacamos esse recorte como um limitador da pesquisa, visto que tivemos que nos atentar para os prazos do programa de mestrado. Fica em aberto, contudo, duas amplas perspectivas de pesquisas futuras, quais sejam: levantamento e análise da produção latino-americana sobre AT e o mesmo referente aos livros e capítulos de livros, no Brasil e na América Latina.

2.4 Materiais disponíveis em mais de uma base de dados

Após a busca dos materiais que foram incluídos na pesquisa, foi necessário excluir manualmente aqueles que estavam disponíveis em mais de uma base de dados, comparando-se as seguintes informações:

A – Nome dos autores;

B - Ano de publicação;

C – Revista científica, ou setor/Universidade em que foi desenvolvida a pesquisa.

2.5 Formato da Dissertação

Escolhemos registrar os resultados dessa pesquisa em formato de artigos, em virtude da grande importância da produção destes sobre as teses ou dissertações nos moldes tradicionais, no que tange a dois aspectos: primeiro à capacidade de lançar informações sintéticas sobre determinados conteúdos e em segundo devido à amplitude de divulgação do conteúdo das pesquisas. Enquanto os artigos (de bases de dados abertas) tem maior tendência

a ficar disponíveis *online*, as teses e dissertações muitas vezes ficam restritas à pesquisa na biblioteca da Universidade que promoveu a pesquisa, dificultando a divulgação. Percebe-se uma mudança nesse panorama no cenário nacional, com a disponibilização desses trabalhos em *sites* mantidos pela IES (Instituições de Ensino Superior) ou ainda *sites* pessoais dos autores da pesquisa. O formato de dissertação ou tese em um conjunto de artigos interdependentes é uma tendência percebida no cenário de pesquisas a nível nacional e favorece a visibilidade da divulgação dos resultados para um maior número de pesquisadores.

CAPÍTULO 3

Análise das Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado/Livre Docência em Acompanhamento Terapêutico de 1995 a 2013.

Resumo: O artigo se propõe a uma análise da produção acadêmica em Acompanhamento Terapêutico entre os anos de 1995 e 2013. Foram encontradas como material para análise 57 pesquisas divididas em 49 dissertações de mestrado; sete teses de doutoramento; uma tese de livre docência. O método de estudo utilizado foi o de pesquisa bibliográfica a partir do levantamento de referências publicadas (dissertações de mestrado, teses de doutorado e de livre docência). Foi realizada uma busca por “palavras-chave”, utilizando-se do seguinte procedimento: “acompanhamento + terapêutico” ou “acompanhante + terapêutico” no título, subtítulo ou resumo dos trabalhos. Observou-se um significativo aumento da produção acadêmica refletida nos programas de pós-graduação ao longo da história. A partir desse ponto apotamos relevâncias e datas que marcaram a produção acadêmica em AT. Pretende-se que esse trabalho possa servir de balizador da produção científica brasileira, apontando caminhos e direcionamentos para pesquisas futuras.

Palavras chave: Acompanhamento terapêutico, Produção acadêmica, Base de dados.

Introdução

Esse texto tem por objetivo compreender a produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil desde o seu início até as produções mais atuais. Trata-se de pesquisa em andamento, que visa buscar pesquisas, autores e programas de pós-graduação que estão contribuindo para o incremento do AT no universo científico.

Essa busca se deu através de um amplo levantamento em bases de dados de artigos, teses e dissertações, livros e autores que estão contribuindo para a construção e estruturação teórica desta prática clínica, bem como consultando as próprias referências dessas mesmas produções.

O intuito do levantamento foi de estabelecer um quadro o mais amplo possível dessa perspectiva. Para atingir o objetivo geral da pesquisa, foi categorizada a produção científica em acompanhamento terapêutico (AT) no Brasil em dois grupos: 1) Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado/Livre Docência; 2) Artigos publicados em revistas e periódicos científicos.

Neste primeiro momento, apresentamos a categorização referente às dissertações de mestrado e teses de doutorado/livre docência em acompanhamento terapêutico (AT) no Brasil de 1995 a 2013. Projetamos um “olhar” para a produção acadêmica em AT pelo seu principal substrato (dissertações e teses) partindo da hipótese que há um aumento significativo da inserção do AT na academia, conquistando espaço nas graduações, pós-graduações e em eventos de extensão universitária.

Duas vertentes direcionam esse estudo: a necessidade de conhecermos o que já havia sido produzido academicamente e a possível consequência dessa produção para o “fazer” AT, demonstrando a preocupação com um arcabouço teórico academicamente reconhecido, mas ainda pouco divulgado. Reconhecemos a necessidade de uma discussão epistemológica sobre o tema, mas não será objeto do presente trabalho, abrindo-se essa possibilidade investigativa para futuras pesquisas.

Em relação à divulgação desses materiais, nos deparamos com algumas dificuldades nesse percurso, como o fato que, na busca por teses e dissertações apareceram temas diversos que não se referiam ao objeto desse estudo; além disso, o processo de reunião de todo esse material, apesar de algumas tentativas acadêmicas (Simões, 2005; Pitiá & Santos, 2006; Benevides, 2007; Palombini, 2007; Hermann, 2008; Chauí-Berlinck, 2011) e outras profissionais (Biblioteca do AT), ainda não havia logrado êxito em apresentar esse quadro acadêmico de teses e dissertações de forma completa.

Mesmo diante de tais adversidades, conseguimos acesso aos trabalhos completos de todas as Teses de Doutorado (N=7) e Livre Docência (N=1) e 87,7% das Dissertações de Mestrado (N=43); em três dos trabalhos somente foram acessados os resumos e outros três estavam indisponíveis para consulta.

Após buscar e analisar todo o material pretendemos apresentar um conjunto de resultados inéditos, oriundos de um levantamento amplo do que produz, no contexto

brasileiro, em termos de pesquisas e reflexões sobre o AT em nível *stricto sensu*⁵. Além disso, destacamos a relevância do presente trabalho, visto que os dados encontrados e analisados nessa “viagem” pela história do acompanhamento terapêutico no Brasil possibilitarão observar a inserção do AT na academia e balizar os profissionais e pesquisadores, apontando o que foi produzido e se destacou nesse processo além de servir de base para outros – tão importantes quanto – que apontem influências teóricas/filosóficas e promovam a demarcação de períodos ao longo da história.

Antes de apresentar e analisar os dados/resultados da pesquisa, julgamos necessário discorrer sobre os procedimentos utilizados para busca da produção acadêmica e de que forma foi compilada e analisada.

Método

O método de estudo utilizado foi o de revisão sistemática a partir do levantamento de referências publicadas (dissertações de mestrado, teses de doutorado e de livre docência) no período que compreende os anos de 1995 – que representa o ponto de partida dessa pesquisa em virtude da primeira dissertação de mestrado em AT defendida neste ano – a 2013, representando o corte mais atual possível, por ser o último ano completo até a consecução da presente pesquisa.

Foi realizada uma busca por “palavras-chave”, utilizando-se do seguinte procedimento: “acompanhamento + terapêutico” ou “acompanhante + terapêutico” no título, subtítulo ou resumo dos trabalhos. Também foram lidos e analisados os títulos e resumos dos trabalhos que apresentaram as palavras “acompanhante terapêutico” e “acompanhamento terapêutico” juntas, visto que somente as combinações de palavras, ou a junção das duas, não

⁵ As pós-graduações *stricto sensu* compreendem programas de mestrado e doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção dos alunos (Art. 44, III, Lei nº 9.394/1996).

apresentou a totalidade de produções da área. O método de busca de materiais científicos incluiu a leitura de todos os títulos, subtítulos e resumos encontrados.

Os materiais foram buscados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) no *site* www.bireme.br, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – através de seu *site* localizado em <http://bdtd.ibict.br/>– e no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no endereço eletrônico <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. Posteriormente, foi efetuada a verificação dos currículos *Lattes* dos pesquisadores e orientadores das pesquisas selecionadas, para saber se participaram em alguma outra pesquisa da área de AT e que ainda não tenha sido encontrada nas buscas anteriores. E, por último, foi feita a revisão das referências bibliográficas de toda a produção encontrada.

Os critérios para inclusão de materiais na pesquisa foram: a) materiais caracterizados no formato de dissertações de mestrado e teses de doutorado/ livre docência em AT; b) publicações nacionais, ou ainda, de autores estrangeiros desde que a pesquisa tenha sido desenvolvida em Universidade/Faculdades nacionais, tendo em vista que esse estudo objetivou traçar um panorama da produção acadêmica nacional apontando quais instituições, pesquisadores e orientadores estão envolvidos nesse processo.

Apresentação, Análise e Discussão dos dados.

A análise foca o fortalecimento do AT na academia brasileira, pois desde o primeiro artigo publicado no Brasil (Eggers, 1985) e a primeira dissertação de mestrado (Reis Neto, 1995), decorreu uma década sem que tenham sido desenvolvidos estudos *stricto sensu*, ao passo que, entre 1995 até 2013 observamos aumento de uma produção que vem se consolidando enquanto área do saber, o que supõe uma maior preocupação com fundamentação e pesquisa referente ao campo.

O acompanhamento terapêutico foi introduzido no Brasil sob a denominação de “atendente psiquiátrico”, na Clínica Pinel em Porto Alegre, nos anos 60 e 70 (Berger, Moretin & Braga Neto, 1991). Posteriormente foram encontrados registros de uma segunda experiência no final da década de 60, no Rio de Janeiro, na Clínica Villa Pinheiros, sob a denominação de Auxiliar Psiquiátrico, com forte embasamento psicanalítico. Nessa mudança de nomenclatura – passando de atendente psiquiátrico a auxiliar psiquiátrico – as funções deste profissional mantiveram-se inalteradas, assim como o foco de atendimento, visto que a Clínica de Porto Alegre (primeira experiência) serviu de base de Inspiração para a clínica do Rio de Janeiro (segunda experiência) (Reis Neto, 1995).

A terceira experiência de Acompanhamento Terapêutico no Brasil ocorre no final da década de 70 no Instituto A CASA, na cidade de São Paulo. Neste local, que funcionava inicialmente como Hospital Dia, surge a denominação de “amigo qualificado”. Somente após todas essas mudanças de terminologia é que se consolida, no final dos anos 80, a denominação atual de “acompanhamento terapêutico”, como um recurso que vem sendo amplamente utilizado pelos profissionais de saúde no tratamento aos doentes mentais (Simões, 2005). O diferencial desse profissional era apresentar um “olhar” diferenciado da loucura, um compartilhar, “estar com” o louco.

Algumas datas são importantes de serem mencionadas como, por exemplo, o ano de 1985, em virtude do primeiro escrito científico brasileiro, intitulado: “Acompanhamento terapêutico: um recurso técnico em psicoterapia de pacientes críticos” (Eggers, 1985), fruto do trabalho de conclusão do curso de especialização em psiquiatria da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em junho de 1984.

Os primeiros escritos utilizando a terminologia “acompanhamento terapêutico” ocorrem na Argentina, na clínica do Dr. Eduardo Kalina, conhecida por CETAMP – Centro de Estudos e Abordagem Múltipla em Psiquiatria. Também nesta clínica, em 1985, surge o primeiro livro publicado sobre o tema intitulado *Acompañantes Terapéuticos y pacientes*

psicóticos, escrito pelas psicólogas Susana Kuras de Mauer e Silvia Resnizky. Segundo Marinho (2009), esta obra consiste em um manual introdutório e sistematizador do acompanhamento terapêutico e foi traduzido no Brasil dois anos depois (Mauer & Resnizky, 1987). No ano de 1989, ocorre o primeiro encontro paulista de ATs, e como fruto desse encontro é publicado em 1991, o primeiro livro brasileiro sobre AT intitulado *A rua como espaço clínico. Acompanhamento terapêutico*. Este livro é composto de diversos artigos sobre o tema e foi promovido pelo Instituto A CASA, de São Paulo (Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa, 1991).

Seguindo nosso percurso histórico, apontamos que nos anos de 1995 e 2002 foram defendidas a primeira dissertação de mestrado e a primeira tese de doutorado em AT. A pesquisa *Acompanhamento Terapêutico: Emergência e trajetória histórica de uma prática em saúde mental no Rio de Janeiro* foi desenvolvida no mestrado em psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Reis Neto, 1995) e o primeiro doutoramento foi defendido na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, sob o título *Acompanhamento terapêutico com enfoque da psicoterapia corporal: uma clínica em construção* (Pitiá, 2002).

Destacamos que partindo da dissertação de 1995 até o ano de 2013 (com exceção dos anos de 1998, 2000 e 2001), em todos os outros anos houve algum tipo de produção *stricto sensu* sobre o tema, apontando que, além de conquistar um espaço na academia, segue a sua expansão científica no cenário nacional.

Notamos que algumas edições especiais de revistas científicas publicaram números apenas com a temática do Acompanhamento Terapêutico, a saber: a revista *Pulsional – Revista de Psicanálise*, em 2002; a *Estilos da Clínica* (publicação do Instituto de Psicologia da USP), em 2005; e a revista *Psychê* (do Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise da Universidade São Marcos), no ano de 2006. O que todos esses periódicos compartilham é o olhar psicanalítico, sendo que apenas a *Pulsional* e a *Estilos da Clínica* continuam ativas (a

Psychê está desativada desde 2008). Outra revista – *Psicologia & Sociedade* – também publicou em 2013 um número especial da revista para a temática AT, seis anos após a realização do III Congresso Internacional de Acompanhamento Terapêutico realizado em Porto Alegre, em outubro de 2008, que teve como tema, *Multiversas cidades, andanças caleidoscópicas, tessituras de redes*.

No segundo semestre do ano de 2012, ocorre o lançamento da primeira revista científica especificamente sobre o tema, intitulada *ATravessar*, organizada pela AAT (Associação de Acompanhamento Terapêutico). Esse dado representa uma evolução na fonte de publicação da produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil e merece ser avaliada positivamente, visto que proporcionou a possibilidade de centralização da produção científica sobre AT no Brasil. Ainda em 2012, enfatizamos que foi publicada a única tese de livre docência sobre AT, em pesquisa desenvolvida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e intitulada *Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia* (Antúnez, 2012).

Após a breve apresentação do percurso histórico do AT com o apontamento de destaques e relevâncias nesse período, percebemos que esses acontecimentos têm um reflexo direto na produção acadêmica e científica sobre AT no Brasil. Ressaltamos inicialmente que a sua estruturação é recente, com a primeira obra tendo sido publicada há pouco menos de três décadas, mas conforme abordaremos a seguir, a produção acadêmica vem aumentando ano a ano, com expansão para diversas Universidades e programas de pós graduação.

Delimitação do campo: Um olhar para as pesquisas e programas de pós-graduação.

Nosso levantamento abrange 57 produções acadêmicas divididas em sete teses de doutorado, uma de livre docência e 49 dissertações de mestrado, todas defendidas em

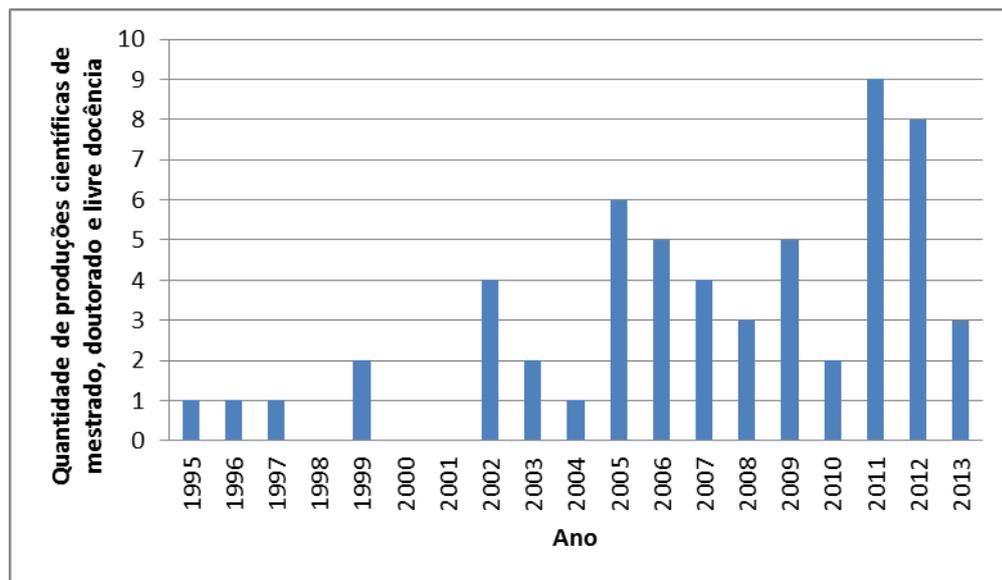
Universidades/Faculdades nacionais no período compreendido entre 1995 e 2013. Do total de pesquisas, a grande maioria delas – 40 trabalhos – apresentavam as palavras acompanhamento + terapêutico no título ou subtítulo dos trabalhos; em seis deles apareceram a combinação acompanhante(s)+terapêutico(s), e nas demais onze produções acadêmicas não constavam essas combinações em seus títulos ou subtítulos, embora estivessem presentes nos resumos dos referidos trabalhos.

A única pesquisa que não atendeu aos critérios de seleção estabelecidos nesse estudo, mas que ainda assim foi incluída foi a dissertação de mestrado intitulada *O acontecer na clínica: quando o criar resiste ao cotidiano*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Londero, 2011), pois em sua pesquisa o autor trabalha com o AT como clínica, e busca problematizá-la, para saber o que ela pode fazer enquanto prática que resiste a uma sociedade capitalista que repele de si o que sai fora de suas normatizações tentando controlar o inesperado. Dessa forma, decidimos mantê-la na amostra, por entendermos que há contribuição direta para a produção acadêmica da área.

Marinho (2009) destaca que a teoria e prática do AT tem-se difundido rapidamente, com aumento significativo da produção bibliográfica e científica sobre o tema. A seguir visualizamos as pesquisas separadas ano a ano no Gráfico 1. Essa visualização nos permite observar o crescimento da produção acadêmica que o AT vem alcançando ao longo de sua história no Brasil. Destacamos que mesmo reconhecendo a diferença que existe entre as dissertações de mestrado e teses de doutorado/livre docência, principalmente no quesito rigor metodológico da pesquisa, ambas serão analisadas pelo seu conjunto, unindo esses escritos em uma mesma categoria (pesquisas *stricto sensu*). Decidimos mantê-las unidas em virtude de não termos encontrado variações significativas nos resultados que justificasse a separação, e também pelo número baixo de teses de doutorado/livre docência (N=8). Ressaltamos que

nenhum dos autores que desenvolveu pesquisa de doutoramento em AT teve esse tema para pesquisa no mestrado.

Gráfico 1: Ano de Defesa das produções acadêmicas em AT (Dissertações de mestrado e Teses de doutorado e Livre Docência



Conforme apontado no Gráfico 1, não observamos uma ascendência uniforme nas publicações, no entanto ressaltamos que a partir de 2002 até 2013 houve 52 defesas, representando 91,2% do total de publicações nessa categoria, ou seja, esse dado por si só já nos permite concluir que o AT vem ganhando força nas pesquisas em academias brasileiras, e ainda demarca dois períodos distintos no quesito defesa de pesquisas *stricto sensu*, quais sejam: década de 90 (de 1995 a 2000) e século XXI (2001 a 2013). Mesmo entendendo que esses dois períodos não são uniformes entre si, sua separação justifica-se em virtude do viés quantitativo de defesas observados em cada um dos dois períodos, visto que no segundo deles se produziu mais de nove vezes o que se produziu no primeiro.

Ainda em relação aos dados expostos no Gráfico 1, destacamos que houve publicações ano a ano com exceção dos anos de 1998, 2000 e 2001, tendo sido registrado em 2011 o ápice

de publicações, com a defesa de nove pesquisas (oito dissertações de mestrado acadêmico e uma tese de doutorado), seguido por oito publicações em 2012 (sete dissertações de mestrado acadêmico e uma tese de livre docência) e seis dissertações de mestrado acadêmico em 2005. Percebemos que quase metade (40,3%) das defesas de teses e dissertações ocorreram nesses três anos supracitados (2005, 2008 e 2011). Esse dado nos coloca uma questão: o que ocorreu nesses anos que fomentou a publicação de tantas pesquisas? Não conseguimos responder essa questão, que fica aberta para futuras investigações.

Atualmente podemos observar que o número de pesquisadores envolvidos com o AT vem aumentando nas IES. Sendo assim, cresce a demanda por titulações, o que nos faz supor que nos próximos anos iremos nos deparar com aumento de produções acadêmicas (tanto de mestrados quanto de doutorados). Esse dado pode ser observado no Gráfico 1, pois 35% das pesquisas *stricto sensu* foram defendidas no último triênio (2011, 2012 e 2013) e percebemos que ocorre um ápice de defesas em dois destes anos (2011 e 2012), apontando um crescimento para os próximos anos.

Em relação às Universidades/Faculdades e programas de pós-graduação que desenvolveram as pesquisas em AT no Brasil, percebemos que esses dados podem indicar as possibilidades e a diversidade de programas aos quais um profissional pode se filiar.

Tabela 1: Universidades que promoveram pesquisas strictu sensu em AT

<i>Universidade</i>	<i>Número de Pesquisas de Mestrado</i>
Universidade de São Paulo	17
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	9
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	6
Universidade de Brasília	4
Universidade Estadual Paulista	4
Universidade Federal Fluminense	3
Universidade Federal de Uberlândia	2
Universidade Federal de Minas Gerais	1
Universidade Federal do Ceará	1
Universidade Federal do Espírito Santo	1
Universidade Federal São Carlos;	1
Universidade Estadual de Campinas	1
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1

Universidade Guarulhos	1
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	1
Universidade Católica de Pernambuco	1
Universidade Metodista de São Paulo	1
Faculdade Pequeno Príncipe	1

A Universidade de São Paulo foi a que mais desenvolveu pesquisas sobre o tema com 11 pesquisas de mestrado acadêmico, cinco doutoramentos e uma tese de livre docência. Em seguida estão a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com oito pesquisas de mestrado e um doutoramento; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul com seis dissertações; a Universidade de Brasília e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” com quatro dissertações cada; a Universidade Federal Fluminense com três dissertações e a Universidade Federal de Uberlândia com duas dissertações. Todas as demais Universidades desenvolveram um estudo cada uma (Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal do Ceará; Universidade Federal do Espírito Santo; Universidade Federal São Carlos; Universidade Estadual de Campinas; Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Guarulhos; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Universidade Católica de Pernambuco; Universidade Metodista de São Paulo; e Faculdade Pequeno Príncipe/Paraná).

No que se refere à caracterização das IES destacamos que as pesquisas foram desenvolvidas em 19 instituições, e ocorre uma predominância de estudos (12 ao todo) nas Universidades públicas de ensino, nas quais foram produzidas 42 pesquisas representando 73,6% do total. Nas Instituições de Ensino Superior (IES) da rede particular (sete ao todo), ocorreram 15 pesquisas. Segundo Holanda e Karwowski (2004) existe via de regra uma maior qualificação dos profissionais para pesquisa na rede pública de ensino, o que pode justificar a predominância de pesquisas em AT nessa modalidade.

Historicamente, o estado de São Paulo apresenta dominância no que se refere à produção teórica e prática em AT. Ao recordarmos os eixos de concentração do AT no país logo no seu início, percebemos que São Paulo fazia parte desse tripé, assim como Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. O primeiro encontro brasileiro sobre AT ocorreu no estado de São Paulo, além da publicação do primeiro livro sobre o tema do Instituto A CASA em 1991 e o maior número de profissionais acompanhantes terapêuticos, segundo Carvalho (2002) que apontou esse dado em sua pesquisa de mestrado que propunha caracterizar o AT a partir dos Acompanhantes Terapêuticos via questionário entregue aos participantes do 1º Encontro Nacional de Acompanhantes Terapêuticos, realizado em maio de 2001.

A região sudeste do País apresenta dominância nas publicações *stricto sensu* com 43 trabalhos defendidos em 13 Universidades, representando 75,4% do total de publicações. Em seguida encontramos a Região Sul com oito pesquisas, em duas Universidades e uma Faculdade; Região Centro-Oeste com quatro pesquisas em uma Universidade e a Região Nordeste, com duas pesquisas em duas Universidades. Não houve registro de produções na Região Norte. No que se refere à disposição geográfica, o estado de São Paulo mantém hegemonia em relação aos outros estados brasileiros e conta com 34 pesquisas defendidas em sete universidades, representando 59,6% do total de pesquisas desenvolvidas, ou seja, mais da metade delas foram desenvolvidas em um único Estado. Em seguida encontramos o Rio Grande do Sul com sete pesquisas, em duas Universidades; Rio de Janeiro, com cinco pesquisas em três Universidades; Distrito Federal com quatro pesquisas em uma Universidade; Minas Gerais com três pesquisas em duas Universidades; Espírito Santo com um estudo em uma Universidade; Pernambuco com um estudo em uma Universidade; Ceará com um estudo em uma Universidade; e Paraná com um estudo em uma Faculdade.

Ao todo, foram listadas 19 Instituições de Ensino Superior (IES) responsáveis pelo desenvolvimento de 57 estudos com predominância de pesquisas desenvolvidas no Eixo São Paulo-Rio Grande do Sul-Rio de Janeiro, que pode ser justificado pelo seu retrospecto

histórico, ou seja, é exatamente nesses três estados que surgem as primeiras experiências de AT, e pela tradição mais arraigada, é de se esperar que liderem as pesquisas na área. Porém, os resultados dessa pesquisa apontam um caminho promissor no que se refere à difusão do AT para outras Universidades distantes desse eixo (sete ao todo), que atualmente mesmo com uma participação singela, apontam potencial de crescimento para assim diminuir a hegemonia apresentada.

De acordo com Carvalho (2002), a maioria dos acompanhantes terapêuticos tem a formação em psicologia e esse dado nos remete ao próximo aspecto de nossa análise. A pós-graduação em psicologia apresenta dominância nas pesquisas *stricto sensu*, tendo desenvolvido 44 estudos (39 dissertações de mestrado, quatro teses de doutorado e uma tese de livre docência), seguidos por seis estudos em enfermagem (quatro dissertações de mestrado e dois doutoramentos); um doutoramento em medicina social, e uma dissertação em cada uma das pós-graduações que seguem: educação; história, artes visuais, biotecnologia aplicada a saúde da criança e do adolescente e ciências médicas.

Pitiá (2002) aponta que o AT pode ser referenciado teoricamente por múltiplos olhares, assim como Carvalho (2002), que cita o embasamento teórico das equipes de AT em uma dada abordagem psicológica, mas que nenhuma delas consegue abarcar a multidimensionalidade do AT. Mesmo com apontamentos na literatura científica de que é importante produzir conhecimento em outras áreas da ciência, percebemos dominância absoluta das pesquisas na área da psicologia, com 77,1% do total. Portanto, mesmo o AT em tese, carregar um *status* multidisciplinar, o desenvolvimento de suas pesquisas não são, visto que pouco mais de $\frac{3}{4}$ delas estão concentradas em apenas uma área do conhecimento – a psicologia.

Esse dado nos remete a alguns questionamentos, pois a literatura nos aponta que a “clínica do AT” é atravessada por múltiplos saberes, e apesar disso é “olhada” principalmente sob a perspectiva da psicologia, na maioria dos casos. Sendo assim, nos perguntamos porque

outras áreas do saber não apresentam relevância em pesquisas sobre o tema? Ou ainda, será que o tema AT já está esgotado em outras áreas do saber que não demanda pesquisas científicas para tentar responder questionamentos?

Pela observação dos dados e análise da literatura respondemos essas questões da seguinte forma: primeiramente, existe relevância no tema em outras áreas do saber, como a terapia ocupacional, sociologia, antropologia, direito, entre outras, e ainda percebemos demanda de produção científica; porém, a tradição do AT nos remete ao trabalho com pacientes psicóticos, nos preceitos da reforma psiquiátrica e com foco clínico. Mas essa realidade está em constante mudança.

Segundo Chauí-Berlinck (2011) alguns temas são recorrentes na literatura sobre AT até a atualidade e não foram esgotados. Em primeiro lugar, aparecem as obras que servem de referencial teórico para o AT com predomínio do referencial psicanalítico. Em segundo lugar surgem discussões sobre a evolução do perfil do paciente atendido pelo acompanhante terapêutico, assim como o “lugar do acompanhante terapêutico” que engloba a “rua” e a “circulação” articuladas à problemática dessa clínica. Em terceiro, surge a formação do acompanhante terapêutico, suas problemáticas e o caráter interdisciplinar dessa prática.

Apesar da recorrência de temas na literatura, notamos pesquisas em outras áreas do saber como em ciências médicas (Simões, 2005), medicina social (Palombini, 2007), educação (Araújo, 1999), história (Peixoto, 2009), artes visuais (Belloc, 2005) e biotecnologia (Iamin, 2011) que se fazem presentes na atualidade e que apontam para a ampliação desse campo, pois a pesquisa científica nasce de um questionamento e este leva a muitos outros que demandam novas pesquisas para respondê-los.

Outro dado relevante apontado em nosso estudo refere-se aos orientadores de pesquisas de mestrado/doutorado. Observamos que 47 pesquisadores foram responsáveis em orientar 56 pesquisas (doutorado e mestrado). O professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Andrés Eduardo Aguirre Antúnes foi o pesquisador com o maior

número de orientações, com quatro trabalhos (Possani, 2010; Ramos, 2011; Gonçalves, 2012; Marchi, 2012). Em seguida está o professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Manoel Tosta Berlinck com três orientações (Fráguas, 2003; Deus, 2006; Gerab, 2011).

Na sequência, percebemos que três pesquisadores foram responsáveis pela orientação de duas pesquisas cada um: Profa Maria Izabel Tafuri, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (Coelho, 2007; Parra, 2009); Prof. Gilberto Safra, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Barretto, 1997; Fujihira, 2008); e Profa. Ana Maria Lofredo, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ghertman, 2009; Santos, 2013). Outros 42 pesquisadores orientaram somente uma pesquisa cada na área de AT.

Para encerrar as análises referentes às produções acadêmicas em AT, apontamos os frutos gerados em virtude dos escritos defendidos na modalidade de dissertações ou teses. Das pesquisas de mestrado e doutorado ressaltamos que sete delas foram transformadas em livros, seguindo-se aqui seus títulos: *Ética e técnica no acompanhamento terapêutico. As andanças com Dom Quixote e Sancho Pança* (Barretto, 1998); *Sorrisos Inocentes, Gargalhadas Horripilantes: Intervenções no Acompanhamento Terapêutico* (Cauchick, 2001); *Acompanhamento Terapêutico: que clinica é esta?* (Carvalho, 2004); *Um passeio esquizo pelo AT: dos especialismos à política de amizade* (Araujo, 2006); *Acompanhamento Terapêutico e Psicose: articulador do real, simbólico e imaginário.* (Hermann, 2012); *Caminhos do Acompanhamento Terapêutico: os novos Andarilhos do bem.* (Chauí-Berlinck, 2012); e *Acompanhamento Terapêutico: a clínica do acontecimento.* (Possani, 2012).

Esse dado interessa-nos, pois a divulgação dos trabalhos acadêmicos gera maior acessibilidade de dados que podem ser muito proveitosos para os agentes da prática (acompanhantes terapêuticos). Entendemos que em alguns casos, existe relativa dificuldade de acesso a materiais que ficam restritos às academias, contrariando a lógica da ciência. A produção acadêmica não deve circular somente entre os pares e pesquisadores, mas sim, entre

todos aqueles que possam fazer uso e se beneficiar dos resultados dos estudos. Além disso, “(...) o lugar ocupado pelo acompanhante terapêutico é o lugar da dúvida, da incerteza, do risco seja porque não há um saber teórico ou um conjunto de regras que determinem sua prática, seja porque deliberadamente optam pela recusa dessas determinações e aceitam o inesperado e o inusitado” (Chauí-Berlinck, 2011 p. 134).

Para além das fronteiras da Pós-Graduação

Macedo (2011) apontou um aumento crescente no número de pesquisas em AT e ao longo do texto nos preocupamos em destacar os avanços conquistados na academia no que tange às dissertações de mestrado e teses de doutorado/livre docência. De acordo com a análise dos resultados, percebemos que as raízes do AT na universidade ultrapassaram o campo das pesquisas de mestrado e doutorado, atingindo as extensões e estágios universitários. Como consequência imediata dessa expansão, ressaltamos o espaço das discussões acadêmicas, que são fomentadas pela disseminação desse saber prático.

Para ilustrar a disseminação do AT na universidade nos valemos da iniciativa da Profa. Analice Palombini que arquitetou um evento acadêmico em 2005 e 2006 intitulado *Colóquio em Dois Movimentos: de Porto Alegre a Niterói – Acompanhamento Terapêutico e Políticas Públicas de Saúde*. O evento ocorreu em outubro (Porto Alegre) e janeiro (Niterói) fruto da parceria entre a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tendo como elo o envolvimento das universidades em Projetos de Acompanhamento Terapêutico, abrangendo ensino, extensão e pesquisa no campo da Psicologia articulados com a rede pública em saúde mental (Benevides, 2007).

As discussões na universidade fomentam a produção científica, assim como críticas e questionamentos em relação ao que está sendo produzido, permitindo lançar um olhar obrigatoriamente crítico para as teorias que estão se consolidando, pois a academia é o “lugar”

da ciência e a ciência é o lugar do questionamento. Bezerra & Dimestein (2009) apontam que o arcabouço teórico que serve de base para a clínica do AT encontra-se em fase de plena expansão no Brasil. O acompanhamento terapêutico tem se diversificado ao longo dos anos, seja na evolução de sua terminologia, modo de operação, preceitos teóricos, aumento de produção e de intensidade científica, nos locais de sua prática e dos profissionais envolvidos ou principalmente pelos resultados obtidos que justificam o crescimento e ampliação de sua prática.

Reconhecemos a ousadia desse estudo que busca abarcar a totalidade de produções científicas em uma área do conhecimento. As dificuldades surgem principalmente pelo crescimento que essa área do conhecimento vem se deparando e com o advento das mídias digitais que prolifera de forma acelerada as publicações. Mas essa proposta pode servir de ponto de partida para que novas pesquisas surjam com o intuito de ampliar os dados e aprofundar em alguns temas que não foram debatidos, pois extrapolam os limites traçados para essa pesquisa.

Tendo por base os dados apresentados, assim como as limitações e recortes dessa pesquisa, nesse momento focamos nosso olhar aos dados que não foram apresentados e lançamos alguns questionamentos que poderão servir de ponto de partida para pesquisas futuras.

Apesar do estudo englobar todo o âmbito nacional, muitos estados não participaram desse processo de construção teórica do AT, levantando a hipótese do AT não ser realizado nem discutido em toda a amplitude nacional. De acordo com os dados apresentados observamos pesquisas em universidades de nove estados brasileiros. O que aconteceu com os demais estados sem produção acadêmica? Será que o AT não chegou até esses estados, ou se chegou, será que não gerou questionamento? Não motivou pesquisas acadêmicas?

Dentre as possíveis respostas, uma que parece óbvia reflete a tradicional concentração das produções em estados de maior poder econômico. As pesquisas de educação caminham na

mesma direção, porém, tal resposta pode ser entendida como hipótese a ser confirmado ou refutada em pesquisas futuras. Todavia, esses dados se revestem de importância pelo fato que as políticas públicas são propostas e implementadas em âmbito nacional, mas nem sempre são acompanhadas de reflexões sobre essas proposições e suas implementações, nem mesmo sobre as formações profissionais atreladas a esses fazeres.

Considerações Finais

Essa pesquisa não objetiva oferecer conclusões fechadas, mas aponta para algumas direções importantes no que se refere à produção acadêmica em AT no Brasil: em primeiro lugar, os dados indicam hegemonia de pesquisas defendidas no estado de São Paulo, porém, num cenário animador, percebemos a difusão das pesquisas para outros estados brasileiros como os tradicionais Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, além do Distrito Federal, Minas Gerais, Paraná, Espírito Santo, Ceará e Pernambuco.

Um segundo aspecto importante de ser ressaltado é o aumento no número de pesquisas de mestrado/doutorado ao longo de sua história, demarcando três períodos distintos (década de 80, década de 90 e século XXI). Conforme apontamos no retrospecto histórico, o AT nasce como prática e assim permanece durante toda a década de 80, sem que tenha havido nenhuma pesquisa (mestrado ou doutorado) nesse período.

Na década de 90 o AT permanece com seu estatuto eminentemente prático, porém, surgem algumas pesquisas para embasar teoricamente essa prática, ou ainda, para pensá-la com o objetivo de oferecer-lhe um estatuto teórico mais preciso. As pesquisas dessa década se propõe a apontar a emergência e trajetória do AT no Rio de Janeiro (Reis Neto, 1995), discutir, problematizar e pensar o AT com pacientes psicóticos (Serenó, 1996), suas intervenções, o seu estatuto clínico (Cauchik, 1999), a importância da ética nessa modalidade

de atendimento (Barretto, 1997), e a sua importância no processo de desinstitucionalização hospitalar (Araújo, 1999).

Como as pesquisas são apresentadas *a posteriori* do fazer prático, é de se esperar que haja um aumento e pulverização destas, tendo em vista sua importância para qualquer universo prático. Com isso, a partir dos anos 2000 foram desenvolvidas 44 dissertações de mestrado, além de sete teses de doutoramento e uma tese de livre docência, mostrando uma preocupação do universo acadêmico (pesquisadores) e de profissionais (acompanhantes terapêuticos) com a crescente expansão dessa clínica originária dos preceitos da política de saúde mental vigente no país – reforma psiquiátrica.

Outro aspecto que convém destacar é a necessidade de ampliarmos a divulgação da produção acadêmica sobre o AT no Brasil. Assim sendo, conseguiremos levar essas discussões para que outros estados brasileiros que ainda mantêm-se inativos na contribuição acadêmica para essa prática clínica.

Referências

- Antúnez, A. E. A. (2012). *Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia* (Tese de livre Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Araújo, A. (1999). *O acompanhamento terapêutico no processo de desinstitucionalização hospitalar* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal São Carlos, São Paulo.
- Araújo, F. (2006). *Um passeio esquizo pelo AT: dos especialismos à política de amizade*. Niterói, RJ: Publicação Independente.
- Associação de Acompanhamento Terapêutico (n.d.). Sobre o AT. *Associação de Acompanhamento Terapêutico (AAT) Web site*. Acedido Junho 7, 2013, em <http://www.aat.org.br/sobre-o-at/>.
- Barretto, K. D. (1997). *Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança pelos Campos da Transicionalidade: Relatos de um Acompanhante Terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Barretto, K. D. (1998). *Ética e técnica no acompanhamento terapêutico. As andanças com Dom Quixote e Sancho Pança*. São Paulo, SP: Unimarco.

- Belloc, M. M. (2005). *Ato criativo e cumplicidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Benevides, L. L. M. G. (2007). *A função de publicização do acompanhamento terapêutico na clínica: O contexto, o texto e o foratexto do AT* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Berger, E, Morettin, A. V., & Braga Neto, L. (1991). Introdução à Clínica do Acompanhamento Terapêutico: I. História. Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia. Em A Casa (Org.). *A rua como espaço clínico - Acompanhamento terapêutico*. (pp.17-23). São Paulo, SP: Escuta.
- Bezerra, C. G., & Dimenstein, M. (2009). Acompanhamento terapêutico na proposta de alta-assistida implementada em hospital psiquiátrico: relato de uma experiência. *Psicologia Clínica*, 21 (1), 15-32.
- Carvalho, S. S. (2002). *Acompanhamento Terapêutico: Que clínica é essa?* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília.
- Carvalho, S. S. (2004). *Acompanhamento Terapêutico: que clinica é esta?* São Paulo, SP: Annablume.
- Cauchick, M. P. (1999). *Intervenções no acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Cauchick, M. P. (2001). *Sorrisos Inocentes, Gargalhadas Horripilantes: Intervenções no Acompanhamento Terapêutico*. São Paulo, SP: Annablume.
- Chauí-Berlinck, L. (2011). *Andarilhos Do Bem: Os Caminhos Do Acompanhamento Terapêutico* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Chauí-Berlinck, L. (2012). *Caminhos do Acompanhamento Terapêutico: os novos Andarilhos do bem*. Belo Horizonte, MG: Autentica.
- Coelho, C. F. M. (2007). *Convivendo com Miguel e Mônica: uma proposta de acompanhamento terapêutico de crianças autistas* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.
- Deus, R.T. (2006). *O psicótico e o seu ninho: um estudo clínico sobre o setting e os seus destinos* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica São Paulo, São Paulo.
- Eggers, J.C. (1985). Acompanhamento terapêutico: um recurso técnico em psicoterapia de pacientes críticos. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 7 (1), 5-10.
- Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.) (1991). *A rua como espaço clínico. Acompanhamento terapêutico*. São Paulo, SP: Escuta.
- Fráguas, V. (2003). *Saindo do ab(aut)ismo: o vivido de uma experiência a partir de um trabalho de acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- Fujihira, C. Y. (2008). *Reflexões sobre a inclusão: o trajeto de uma clínica do acompanhamento terapêutico focado na deficiência* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gerab, C. K. (2011). *A desorientação no acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Ghertman, I.A. (2009). *Aproximações a uma metapsicologia freudiana da escuta: ressonâncias a partir do campo do acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gonçalves, C. A. B. (2012). *A contratransferência na clínica contemporânea: abertura para o inédito* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hermann, M. C. (2008). *Acompanhamento terapêutico e psicose: um articulador do real, simbólico e imaginário* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Holanda, A. F. & Karwowski, S. L. (2004). Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. *Psicologia Ciência e Profissão* (Online), 24 (2), 60-71.
- Iamin, S. R. S. (2011). *Adolescentes na vivência do câncer: A interface da pesquisa-cuidado e acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Faculdades Pequeno Príncipe, Paraná.
- Londero, M. F. P. (2011). *O acontecer na clínica: quando o criar resiste ao cotidiano* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Macedo, S. P. (2011). *A clínica no espaço público: vivência de atores envolvidos no processo de acompanhamento terapêutico (AT)* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo.
- Marchi, S. (2012). *A arte como intermediador terapêutico para o desenvolvimento humano* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Marinho, D. M. (2009). *Acompanhamento Terapêutico: Caminhos clínicos, políticos e sociais para a consolidação da Reforma Psiquiátrica brasileira* (Dissertação do Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mauer, S. K. & Resnizky, S. (1987). *Acompanhantes Terapêuticos e pacientes psicóticos. Manual Introdutório a uma estratégia clínica*. Campinas, SP: Papyrus.
- Palombini, A. L. (2007). *Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica* (Tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Parra, L .S. (2009). *Atando laços e desatando nós: reflexões sobre a função do acompanhamento terapêutico na inclusão escolar de crianças autistas* (Dissertação do Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.

- Peixoto, A.C. (2009). *Os trajetos do Acompanhamento Terapêutico na cidade (São Paulo, 1980 - 2004)*(Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Pitiá, A. C. A. (2002). *Acompanhamento terapêutico com enfoque da psicoterapia corporal: uma clínica em construção* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pitiá, A. C. A., & Santos, M. A. (2006). O acompanhamento terapêutico como estratégia de continência do sofrimento psíquico. *Revista Eletrônica de Saúde Mental Álcool e Drogas (SMAD)*, 2 (2), 1-18.
- Possani, T. (2010). *A experiência de “sentir com” (Einfühlung) no acompanhamento terapêutico: a clínica do acontecimento* (Dissertação do Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ramos, F. Q. (2011). *Reflexões sobre o potencial terapêutico dos encontros com crianças e adolescentes em situação de rua no centro da cidade de São Paulo* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Reis Neto, R. O. (1995). *Acompanhamento terapêutico: emergência e trajetória histórica de uma prática em saúde mental no RJ* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Santos, R. G. (2013). *Acompanhamento Terapêutico de pacientes neurológicos: uma experiência de ensino em psicanálise* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sereno, D. (1996). *Acompanhamento Terapêutico de Pacientes Psicóticos: Uma clínica na cidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Simões, C. H. D. (2005). *A produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil de 1960 a 2003: uma análise crítica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

Referências Revisadas

- Alvarenga, C. (2006). *Trânsitos da clínica do acompanhamento terapêutico (AT): da via histórica à cotidiana* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- Araripe, N. B. (2012). *A atuação do acompanhante terapêutico no processo de inclusão escolar* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Ceará.
- Araújo, F. (2005). *Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos clínicos à política da amizade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

- Bazhuni, N. F. N. (2010). *Acompanhamento Terapêutico como dispositivo psicanalítico de tratamento das psicoses na saúde mental* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cabral, K. V. (2005). *Acompanhamento terapêutico como dispositivo da reforma psiquiátrica: considerações sobre o setting* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Carniel, A. C. D. (2008). *O acompanhamento terapêutico na assistência e reabilitação psicossocial do portador de transtorno mental* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Carregari, J. C. (2002). *Cartografias da "Excepcionalidade": para uma (re) invenção das práticas de cuidado*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", São Paulo.
- Costa, A. P. C. (2011). *O acompanhamento terapêutico no processo de construção de uma moradia possível na psicose: uma pesquisa psicanalítica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Farinha, M.G. (2006). *Acompanhamento Terapêutico como estratégia de inserção da pessoa em sofrimento psíquico na comunidade: estudo em um programa de Saúde da Família* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fiorati, R. C. (2006). *Acompanhamento Terapêutico: uma estratégia terapêutica em uma unidade de internação psiquiátrica* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fonseca, G. M. (2012). *Os caminhos no Acompanhamento Terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- França, D. A. (2009). *Passeio da tarde: um estudo sobre o "setting clínico ambulante" do Acompanhamento Terapêutico de grupo* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.
- Gonçalves B. L. (2007). *A função de publicização do acompanhamento terapêutico na clínica. O contexto, o texto e o fora-texto do AT* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Marco, M. N. C. (2011). *Acompanhante Terapêutico: caracterização da prática profissional na perspectiva analítico-comportamental* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", São Paulo.
- Miranda, C. M. (2011). *Saúde Mental infanto-juvenil: uma reflexão sobre políticas públicas a partir do dispositivo intercessor como meio de produção de conhecimento na práxis*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", São Paulo.

- Nascimento, A. K. (2012). *Implicações da Ação Clínica dos Acompanhantes Terapêuticos nas redes sociais da cidade de Recife – PE* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco.
- Nogueira, A. B. (2007). *O acompanhamento terapêutico na psicose [manuscrito]: possibilidades de uma orientação analítica* (Dissertação do Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- Pelliccioli, E. (2004). *O trabalho do acompanhamento terapêutico em grupos: novas tecnologias na rede pública de saúde* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Ramos, L.H. (2002). *Funcionamento mental e a eficácia adaptativa de acompanhantes terapêuticos que atuam com pacientes psicóticos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.
- Richter, E. P. (2003). *Fragmentos de um acompanhamento terapêutico: Reflexões a partir da teoria crítica da sociedade* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Silva, A. S. T. (2005). *A Emergência do Acompanhamento Terapêutico: O processo de constituição de uma clínica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Silva, D. (2013). *Entre-lugares e entre-tempos: cartografias de um acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- Silveira, R. W. M. (2006). *Amizade e Psicoterapia* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Tristão, K. G. (2012). *Acompanhamento Terapêutico: concepção e significados da prática de AT na Grande Vitória – ES* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo.
- Yaegashi, M. S. (2013). *Percepções e sentimentos do acompanhante terapêutico de pessoas em sofrimento psíquico* (Dissertação de Mestrado). Universidade Guarulhos, São Paulo.
- Zilberleib, C. M. O. V. (2005). *O acompanhamento terapêutico e as relações de objeto em pacientes-limite*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CAPÍTULO 4

Análise da produção de artigos sobre Acompanhamento Terapêutico publicados em revistas e periódicos científicos de 1985 a 2013

Resumo: O artigo se propõe a uma análise da produção de artigos sobre Acompanhamento Terapêutico publicados em revistas e periódicos científicos entre os anos de 1985 e 2013. Foram analisados 141 artigos. O método de estudo utilizado foi o de revisão sistemática a partir do levantamento de referências publicadas. Foi realizada uma busca por “palavras-chave”, utilizando-se do seguinte procedimento: “acompanhamento + terapêutico” ou “acompanhante + terapêutico” no título, subtítulo ou resumo dos trabalhos. Observou-se que as publicações apresentam-se em crescimento, principalmente nos últimos cinco anos. As pesquisas em Acompanhamento Terapêutico são desenvolvidas predominantemente nas áreas de psicologia e psicanálise, com uma pulverização nas fontes de publicação. Pretende-se que esse trabalho possa servir de balizador da produção científica Brasileira apontando caminhos e direcionamentos para pesquisas futuras.

Palavras chave: Acompanhamento terapêutico, análise, produção científica, pesquisa.

Há uma extensa gama de pesquisas publicadas sob a forma de artigos científicos na área de Acompanhamento Terapêutico. Os artigos científicos representam uma forma sintética de transmissão de informações oriundas de pesquisas. Para tanto, essa pesquisa objetivou o levantamento do que foi publicado sobre Acompanhamento Terapêutico no Brasil através de uma revisão sistemática em bases de dados abertas de artigos, buscando reconhecer os autores que estão contribuindo para a construção e estruturação teórica desta prática clínica, bem como consultando as próprias referências dessas mesmas produções, com o intuito de estabelecer um quadro o mais amplo possível dessa perspectiva.

O Acompanhamento Terapêutico (AT)⁶ no Brasil está em expansão, seja na clínica ou em pesquisas (Silva, 2005), no entanto não encontramos pesquisas de revisão sistemática que forneçam um quadro geral ou visão de conjunto da área. Diante desta realidade, julgou-se relevante proceder um levantamento dos artigos científicos publicados em revistas e periódicos científicos nacionais no período que compreende os anos de 1985 e 2013, tentando delinear algumas perspectivas científicas da área.

⁶ Para fins didáticos será utilizada abreviação para o termo Acompanhamento Terapêutico (AT).

A escolha pelo tema baseou-se primeiramente no interesse dos autores em pesquisar sobre o AT, e também para a importância que uma visão de conjunto das características da produção científica nacional poderia ter tanto para os profissionais que praticam quanto para os que pesquisam essa área do conhecimento.

Para atingir esse objetivo foram estabelecidas as seguintes categorias de análise: distribuição de frequência pelo ano das publicações, autoria e fonte de publicação. A escolha de apenas três categorias de análise foi motivada pelo período de recorte da produção científica – 1985 a 2013 – um espaço de tempo longo sem nenhum estudo dessa natureza. Não esperávamos nos deparar com um universo tão amplo de publicações de artigos, mas como isso se deu, preferimos manter o foco no todo e diminuir os critérios de análise, como por exemplo: enfoque teórico dos artigos, população alvo, natureza do trabalho (empírica, experiência clínica, trabalho teórico), e temas debatidos. Entendemos que esses outros critérios poderão servir de ponto de partida para pesquisas futuras.

Método

O método de estudo utilizado foi o de pesquisa bibliográfica, com revisão sistemática, a partir do levantamento de referências publicadas (artigos científicos) no período que compreende os anos de 1985 (que representa o ponto de partida dessa pesquisa em virtude do primeiro artigo publicado) a 2013 (representando o corte mais atual possível, por ser o último ano completo até a consecução da presente pesquisa).

Foi realizada uma busca por “palavras-chave”, utilizando-se do seguinte procedimento: “acompanhamento + terapêutico” ou “acompanhante + terapêutico” no título, subtítulo ou resumo dos trabalhos. Também foram lidos e analisados os títulos e resumos dos trabalhos que apresentaram as palavras “acompanhante terapêutico” e “acompanhamento terapêutico” juntas, visto que somente as combinações de palavras, ou a junção das duas, não

apresentou a totalidade de produções da área. O método de busca de materiais científicos incluiu a leitura de todos os títulos, subtítulos e resumos encontrados.

Essa etapa evidencia a busca por artigos científicos primeiramente em bases de dados abertas, quais sejam: BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde). A segunda busca ocorreu no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no endereço eletrônico <http://www.periodicos.capes.gov.br>. A terceira busca se deu com a revisão e pesquisa das referências bibliográficas de toda a produção científica sobre acompanhamento terapêutico encontrada na presente pesquisa. Esta etapa buscou o embasamento bibliográfico das pesquisas desenvolvidas na área do acompanhamento terapêutico no Brasil.

E por fim, a quarta busca nessa etapa de revisão sistemática, foi realizada via acesso ao *Currículo Lattes* dos pesquisadores e acompanhantes terapêuticos no *site* <http://lattes.cnpq.br/> para revisar se havia publicação de material que escapou às buscas anteriores. As produções que escaparam às buscas anteriores, foram em seguida buscadas diretamente na revista científica que promoveu a publicação do artigo.

Os critérios para inclusão de materiais na pesquisa foram: a) materiais caracterizados no formato de artigos científicos; b) publicações nacionais, ou ainda, de autores estrangeiros desde que a pesquisa tenha sido publicada em solo nacional e como idioma principal a Língua Portuguesa, tendo em vista que esse estudo objetivou traçar um panorama da produção científica em nível nacional apontando quais pesquisadores estão envolvidos nesse processo.

Não consideramos, para efeitos de nossa amostra, textos publicados em jornais, revistas de divulgação geral, boletins informativos ou outro tipo de produção informal. No que tange a produção científica foram excluídos: 1) artigos e resumos publicados em anais de congressos; 2) monografias de conclusão de cursos de graduação, especialização *Latu Sensu*,

cursos de formação em AT; 3) livros (sobre AT) e capítulos de livro (que versavam sobre AT em livros com temática diversificada); ou 4) publicações estrangeiras.

Para atender o objetivo da pesquisa (no que se refere à aproximação da totalidade de produções) decidimos pelo recorte de materiais em virtude da amplitude de fontes e dificuldade de acesso a todas elas.

Os objetos de nossa análise foram os artigos científicos e serão apresentados da seguinte forma: primeiramente será apresentada a categoria de análise um (distribuição de frequência pelo ano das publicações) em seguida a categoria dois (autoria), onde será realizada uma análise cruzada dos autores que publicaram mais de um artigo científico e sua representatividade no universo de pesquisas *stricto sensu*⁷. Posteriormente a categoria três (fonte de publicação). Toda a produção acadêmica em AT que serviu de resultado para essa pesquisa está citada nas referências.

Apresentação e análise dos resultados

Da busca por materiais científicos nas bases de dados BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), SCIELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), obteve-se um total de 1.833 documentos dos quais, 1.660 referiam-se a publicações de outros tipos de trabalhos, isto é, não tinham nenhuma relação com o acompanhamento terapêutico e apareceram nas buscas em virtude dos seus resumos ou palavras chave contarem com o somatório acompanhamento + terapêutico sem estarem juntas ou ainda se referirem ao objeto AT. Outros 23 documentos (quatro Teses de Doutorado, uma Tese de Livre Docência, 13

⁷ As pós-graduações *stricto sensu* compreendem programas de mestrado e doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção dos alunos (Art. 44, III, Lei nº 9.394/1996).

dissertações de Mestrado e cinco Resenhas de Livros) foram excluídos da amostra pois não se enquadravam ao tipo de material analisado nesse estudo – artigos científicos.

Após a leitura de todos os resumos deparamo-nos com os seguintes dados: na BVS, de um total de 1.499 pesquisas encontradas, somente 6% referiam-se ao AT (N=91). Deste total não consideramos 17 documentos, visto que já tinham sido relacionados em outra categoria de análise (Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado/Livre Docência em AT). Foram excluídas também duas resenhas de livro. Ressaltamos que nessa base de dados, muitos trabalhos estavam citados com duplicidade, provavelmente por estarem indexados em mais de uma base, o que gerou a exclusão de mais 11 trabalhos.

Do PePSIC, todas as 36 produções encontradas representavam artigos científicos na área de AT, assim como os 24 documentos do Scielo. Na Lilacs não encontramos nenhum artigo e na CAPES, somente 8% dos achados eram da área de AT (N=22), sendo que desse total foram excluídas três resenhas de livros e um resumo de dissertação de mestrado.

Verificamos que em 66,6% do total de pesquisas continham o conjunto de palavras “acompanhamento terapêutico” no título ou subtítulo dos artigos (N=94); 7,8% constavam com a combinação “acompanhante(s) terapêutico(s)” (N=11); e 25,5% não tinham a combinação “acompanhante terapêutico” ou “acompanhamento terapêutico” no título ou subtítulo, porém se referiam ao tema de forma direta, constando com a combinação de palavras no resumo dos trabalhos.

Tendo em vista que mais de $\frac{1}{4}$ da nossa amostra não trazia a combinação de palavras (acompanhamento terapêutico ou acompanhante terapêutico) nos títulos e subtítulos, entendemos que esse número significativo de pesquisas não estava explícito nas bases de dados quando há o desejo ou necessidade de pesquisar ou buscar referências sobre AT. Associado a isso, algumas pesquisas transmitem a impressão que a produção científica sobre AT no Brasil é incipiente. Para ilustrar o apontamento, nos remetemos a Hermann (2008) que considerou a totalidade da produção científica sobre AT restrita a três números especiais sobre

AT em revistas, quatro livros (coletâneas de artigos) e seis livros (frutos de trabalhos acadêmicos).

Até o presente momento, apresenta-se a totalidade das publicações brasileiras sobre o tema: (...) houve também publicações de números de revistas de psicanálise dedicadas, exclusivamente, ao tema AT. São elas as revistas: *Pulsional* (2002), *Psychê* (2006) e *Estilos da Clínica* (2005), sendo essa última um dossiê sobre AT, coordenado pelo autor desta tese. Alguns de seus artigos estão ancorados na teoria lacaniana das psicoses (Hermann, 2008, p. 04).

Como nosso objetivo primeiro é buscar uma aproximação da totalidade de artigos científicos publicados no Brasil e compreender a forma como se apresentam na literatura, trabalhamos com um universo mais amplo de publicações apresentadas e discutidas a seguir.

Distribuição de frequência pelo ano das publicações

Epistemologicamente algumas datas são importantes de serem mencionadas como, por exemplo, o ano de 1985 em virtude do primeiro escrito científico brasileiro, publicado na *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, intitulado “Acompanhamento terapêutico: um recurso técnico em psicoterapia de pacientes críticos” (Eggers, 1985).

Foram encontrados e analisados um total de 141 artigos científicos sobre AT. Carvalho (2002) cita que grande parte da produção sobre acompanhamento terapêutico produzida até o ano de 2002 não foi publicada, tendo sido compartilhada somente entre os próprios acompanhantes terapêuticos. Os resultados desta pesquisa confirmam a citação da autora, visto que somente 29 títulos sobre o tema foram encontrados de 1985 a 2002, representando um total de apenas 20,5% do total de artigos publicados. Se compararmos as

publicações do período supracitado com os artigos científicos publicados a partir de 2003 até 2013 – período no qual foram encontrados 112 artigos científicos – percebe-se um aumento significativo no número de publicações.

O elevado número de artigos de periódicos é reflexo do desenvolvimento percebido na produção científica em AT, visto que tais artigos passam por avaliação de um corpo editorial além de consultores *ad hoc*, e quando se trata de periódicos indexados, o compromisso com a cientificidade se torna mais presente, tanto em virtude da atualização das informações (em decorrência da periodicidade das publicações enquanto exigência do indexador), quanto pela divulgação para bibliotecas de Universidades (garantindo o acesso a especialistas da área).

Pitiá & Santos (2006), desenvolveram pesquisa em que se propuseram a avaliar sistematicamente a produção científica constituída por relatos de pesquisa indexados nas bases de dados MedLine, PsycINFO e LILACS no período de 1977 a 2001. A pesquisa foi feita pela Internet, sendo consultados os sites: www.bireme.br e www.usp.br/sibi. Os autores consideraram as publicações internacionais sobre AT e concluíram que foram publicados oito artigos científicos nas bases de dados consultadas no mesmo período.

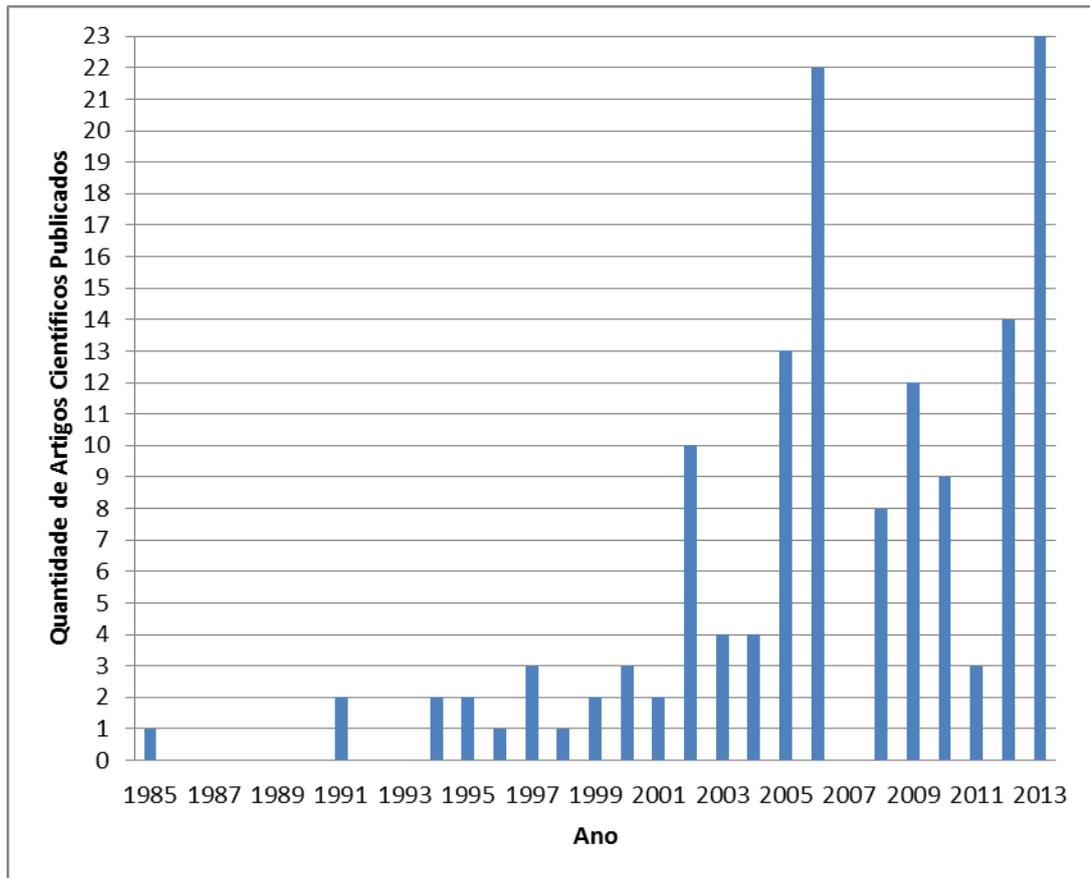
Ao analisarmos comparativamente os resultados da pesquisa de Pitiá & Santos (2006) com os atuais, constata-se que oito artigos científicos foram encontrados em um período de 20 anos (1971 a 2001) enquanto que essa pesquisa considerou 141 artigos em um período de 29 anos (1985 a 2013). Pensando no total de artigos publicados a partir de 2001 (período de corte da pesquisa anterior) encontramos um total de 122 produções, representando não só um considerável aumento no número de publicações, como também o reflexo das mudanças no campo do AT, que vem impondo aos pensadores e acompanhantes terapêuticos a busca incessante de respostas para as dúvidas e transformações que ocorrem todos os dias nessa clínica do cotidiano.

“A difusão dessa clínica se faz notar tanto através do ensino em graduações, especializações e cursos de formação específicos de AT, como por meio da prática em que os atendimentos, por exemplo, não se restringem à clínica das psicoses. Em relação ao Ensino, há nos artigos e livros uma ênfase à necessidade de se formarem mais ats em diferentes regiões do país” (Alvarenga, 2006, p. 82).

O AT se transforma na mesma velocidade com que as tecnologias do século XXI são inovadas. Para acompanhar essas mudanças, pesquisas e disseminação de seus resultados tornam-se fundamentais para que seja possível “pensar” esse fazer em construção. Se partirmos do princípio que o AT surge no contexto da Reforma Psiquiátrica Brasileira, como uma estratégia clínica que representa uma das intervenções mais eficazes no processo de reabilitação psicossocial e de desinstitucionalização (Brandalise & Rosa, 2009a), podemos entender que o AT representa não só um dispositivo clínico (Muylaert, 2006), ou ainda um dispositivo clínico-político (Palombini, 2006), mas o AT representa igualmente uma tecnologia de atendimento em saúde mental e uma inovação às práticas abusivas nos tratamentos.

Entendido como uma tecnologia (e não somente dessa forma), os pensadores da prática e acompanhantes terapêuticos encontram-se em um terreno fértil para sua reinvenção e adaptação, porque estão “pensando” e não somente “fazendo” a clínica. Defendemos a tese de que o AT encontra-se em plena expansão e difusão no cenário científico nacional, o que pode ser constatado através do gráfico a seguir (Gráfico 1).

Gráfico 2: Publicações de artigos científicos ano a ano



Podemos observar que os anos de 2013 e 2006 apresentam um salto quantitativo de publicações de artigos científicos (com um total de 23 e 22 em cada ano respectivamente), seguidos pelos anos de 2012 (com 14 publicações), 2005 (com treze publicações) e 2009 (com doze publicações). Percebemos que as publicações não marcam uma ascendência uniforme, ou seja, encontramos variações na quantidade de publicações divididas ano a ano, como por exemplo no ano de 2006, que representa um pico de publicações, seguido por 2007 onde nenhum trabalho foi publicado.

A variação quantitativa observada pode ser entendida em decorrência de um saber prático recente e que ainda busca seu espaço de discussão e identidade autônoma nas ciências da saúde, mas que ao mesmo tempo apresenta expansão no meio científico (no que tange à publicação de pesquisas em formato de artigo científico), visto que nos últimos seis anos

(2008 a 2013) foram publicados 48,9% do total de artigos nos 29 anos de existência do AT (N=69).

Vale ressaltar também que a publicação de um artigo representa um processo. Uma das etapas corresponde à sua “gestação”, ou seja, o tempo existente entre o artigo ser submetido a uma revista e a publicação deste. Percebe-se que ocorrem variações neste ínterim, o que pode igualmente explicar a variação quantitativa percebida nos resultados.

Outro dado que reforça a tese apresentada refere-se a algumas edições especiais de revistas científicas que publicaram números apenas com a temática do Acompanhamento Terapêutico, como foram os casos da revista *Pulsional-Revista de psicanálise*, em 2002; a *Estilos da Clínica* (publicação do Instituto de Psicologia da USP), em 2005; e a revista *Psychê* (do Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise da Universidade São Marcos, no ano de 2006. O que todas têm em comum é o compartilhamento do olhar psicanalítico, sendo que apenas a *Pulsional* e a *Estilos da Clínica* continuam ativas (a *Psychê* está desativada desde 2008). Hermann (2008) já havia citado essas revistas destacando que as teorizações acerca do AT no início dos anos 90 eram incipientes. Outro número especial de revista dedicado ao AT é encontrado na Revista *Psicologia & Sociedade* da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO – no ano de 2013. Essa revista privilegia pesquisas e discussões na interface entre psicologia e sociedade.

O segundo semestre do ano de 2012 merece destaque, em virtude do lançamento da primeira revista científica especificamente sobre o tema, intitulada *A Travessar*, organizada pela AAT (Associação de Acompanhamento Terapêutico). Esse dado representa uma evolução na fonte de publicação da produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil e merece ser avaliada positivamente, visto que proporcionou a possibilidade de centralização da produção científica sobre AT no Brasil.

No que se refere ao cenário científico nacional, o AT destaca-se como uma área do saber que conseguiu quatro números especiais em revistas científicas, uma revista própria

para a temática, que já lançou duas edições, além do aumento no número de pesquisas, com destaque para o século XXI que concentra 87,9% do total de artigos publicados em revistas e periódicos científicos, demonstrando uma preocupação dos acompanhantes terapêuticos e pesquisadores não só com a expansão desse saber, mas também, a construção de uma base firme e calcada nos pilares da ciência.

Autoria

Nesse quesito de análise destacamos que 190 autores foram responsáveis pela publicação de 141 artigos, sendo que 79 artigos foram de autoria individual (representando 56% do total), 43 de dupla autoria (30,4% do total) e 19 artigos de múltipla autoria com três ou mais autores (representando 13,4% do total).

Uma observação interessante é aproximação quantitativa entre os artigos de autoria única (N=79) com os de autoria conjunta (somando-se os de dupla autoria com múltipla autoria), totalizam 62 artigos. A aproximação entre os dois grupos está de acordo com o movimento geral observado na literatura científica internacional, em que trabalhos conjuntos de colaboração (incluindo também pesquisadores de Instituições diferentes) vem ganhando espaço. No Brasil percebemos também essa tendência, principalmente com a criação do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Essa tendência de publicação conjunta (incluindo autores de diferentes Universidades) foi observada também na Revista *Psicologia & Sociedade*, número especial para a temática AT em 2013) que foi analisada comparativamente com os dados dessa pesquisa pois representa uma publicação atual e com artigos na temática AT. Dos 13 artigos publicados, 46,1% são de autoria individual, 23% são de dupla autoria e os 30,7% restantes são de múltipla autoria (três ou mais autores). Somados os conjuntos de artigos de dupla autoria e

múltipla autoria, obtemos valor que supera a autoria individual levando-nos a entender que neste quesito o AT está seguindo as tendências de pesquisa nacionais e internacionais.

Ressaltamos que somente 16,8% dos autores publicaram mais de um artigo ao longo da história do AT (N=32). As pesquisadoras com maior número de publicações foram Analice de Lima Palombini (Palombini, 1999; Palombini, 2002; Palombini, Cabral & Belloc, 2005; Palombini, 2006; Palombini, 2009); e Ana Celeste de Araújo Pitiá (Pitiá, 2005; Pitiá, 2006; Pitiá & Santos, 2006; Pitiá & Furegato, 2009; Pitiá, 2013), ambas com cinco artigos publicados cada uma.

Em seguida, notamos dez autores com três publicações cada: 1) Anamaria Batista Nogueira (Santos, Nogueira & Dutra, 2002; Nogueira, Pereira, Peixoto, Dutra & Santos, 2003; Nogueira, 2009); 2) Luiz Jorge Pedrão (Andrade & Pedrão, 2005; Carniel & Pedrão, 2005; Carniel & Pedrão, 2010); 3) Lúcia Grossi dos Santos (Santos, Nogueira & Dutra, 2002; Nogueira, Pereira, Peixoto, Dutra & Santos, 2003; Santos, Mota & Dutra, 2005); 4) Deborah Sereno (Sereno, 1995; Sereno, 2006; Sereno, 2012); 5) Braz Dario Werneck Filho (Werneck Filho, 2009a, 2009b; Werneck Filho, 2010); 6) Regina Célia Fiorati (Fiorati & Saeki, 2006; Fiorati & Saeki, 2008; Fiorati, 2013); 7) Ana Paula de Freitas (Freitas, 2003; Freitas, 2006; Freitas, 2013); 8) Carlos Estellita-Lins (Estellita-Lins, Oliveira & Coutinho, 2006; Estellita-Lins, Oliveira & Coutinho, 2009; Estellita-Lins, Oliveira, Coutinho & Btesche, 2009); 9) Maria Fernanda Coutinho (Estellita-Lins, Oliveira & Coutinho, 2006; Estellita-Lins, Oliveira & Coutinho, 2009; Estellita-Lins, Oliveira, Coutinho & Btesche, 2009); 10) Verônica Miranda Oliveira, (Estellita-Lins, Oliveira & Coutinho, 2006; Estellita-Lins, Oliveira & Coutinho, 2009; Estellita-Lins, Oliveira, Coutinho & Btesche, 2009).

E ainda, outros 20 autores publicaram dois artigos cada: 1) Debora Isane Kirschbaum (Kirschbaum & Rosa, 2003; Simões & Kirschbaum, 2006); 2) Maurício Castejón Hermann (Hermann, 2005; Hermann, 2010); 3) Itamar Farah (Farah, 1994a, 1994b); 4) Juliana Barbosa Rezende Dutra (Santos, Nogueira & Dutra, 2002; Nogueira, Pereira, Peixoto, Dutra & Santos,

2003); 5) Magda Dimenstein (Azevedo & Dimenstein, 2008; Bezerra & Dimenstein, 2009); 6) Luciana Chauí-Berlinck (Chauí-Berlinck, 2010; Chauí-Berlinck, 2012); 7) Aline Cristina Dadalte Carniel (Carniel & Pedrão, 2005; Carniel & Pedrão, 2010); 8) Fernando Brandalise (Brandalise & Rosa, 2009a, 2009b); 9) Manoel Tosta Berlinck (Fráguas & Berlinck, 2001; Gerab & Berlinck, 2012); 10) Haílton Yagiu (Yagiu, 2006; Yagiu, 2013); 11) Alex Sandro Tavares da Silva (Silva, 2000; Silva & Silva, 2006) 12) Ricardo Gomide Santos (Quagliatto & Santos, 2004; Santos, 2009); 13) Siddhartha Sacadura (Romero & Sacadura, 2013; Sacadura, 2013); 14) Toyoko Saeki (Fiorati & Saeki, 2006; Fiorati & Saeki, 2008); 15) Gilberto Safra (Safra, 2006; Safra, 2012); 16) Gabriela Lyra Rosa, (Brandalise & Rosa, 2009a, 2009b); 17) Simone Mainieri Paulon (Wachs, Jardim, Paulon & Resende, 2010; Londero & Paulon, 2012); 18) Maurício Porto (Porto, 1997; Porto, 2013); 19) Marcelo Lubisco Leães (Leães, 2011; Disconsi, Cavedon, Greff, Chassot, Galvão, Leães, & Carvalho, 2013); 20) Rosane Azevedo Neves da Silva (Silva & Silva, 2006; Lemke & Silva, 2013).

Analisando os dados apresentados no que se refere à autoria, percebemos dois grupos distintos: uma parcela de autores (16,8%) publicou mais de um artigo ao longo da história do AT, enquanto que outro grupo mais numeroso apresentou apenas uma publicação. Esse dado nos remete a algumas reflexões críticas: a primeira delas implica no questionamento do motivo pelo qual 158 autores publicaram somente um artigo na área. Esse questionamento nos remete à investigação de uma próxima pesquisa, para saber se esses autores estão produzindo pesquisa em outras áreas do conhecimento, ou ainda, se fazem parte de um grupo de acadêmicos que sob influência de orientadores na graduação, desenvolveram seus estudos mas ao atingir a formação acadêmica optaram por outras áreas, afastando-se das pesquisas acadêmicas, tendo em vista que grande parte dos acompanhantes terapêuticos é formado por essa população, conforme aponta Carvalho, (2002).

Um segundo aspecto de análise diz respeito aos 32 autores que publicaram mais de um artigo. Analisando suas respectivas titulações, via Currículo Lattes, constatamos que metade

deles tem Doutorado (N=16). Dos Doutores, 31,2% desenvolveram pesquisas de doutoramento em AT (N=5) (Pitiá, 2002; Palombini, 2007; Hermann, 2008; Chauí-Berlinck, 2011 & Santos, 2013). Ainda 43,7% orientaram pesquisas de mestrado em AT (N=7), e os outros 25% desenvolveram pesquisa de doutoramento em áreas de interface do AT, como por exemplo reabilitação psicossocial ou saúde mental.

Nove autores são mestres, sendo que 44,4% desses dissertaram com pesquisas em AT (Sereno, 1996; Silva, 2005; Nogueira, 2007 & Carniel, 2008). Deborah Sereno está com Doutorado em andamento. Dois autores são especialistas, quatro graduados e apenas um cursando graduação.

Percebe-se assim, que uma parcela significativa de pesquisadores (16,8% da amostra total), está comprometida com pesquisas na área de AT, estudando-o das mais diferentes perspectivas, contribuindo assim para ampliação do campo, visto que há uma tendência natural que os Doutores continuem orientando pesquisas de mestrado, especialização e graduação, e os que conseguiram o título de mestre, vão em busca do doutoramento promovendo um crescimento neste universo nos próximos anos. A análise é corroborada observando-se as publicações de artigos científicos no último ano completo até a publicação deste estudo (2013), que representa o ano com o maior número de publicações na área desde a publicação do primeiro artigo em 1985.

Fonte de publicação

Em relação à fonte de publicação, ou seja, as revistas ou periódicos científicos que publicaram artigos sobre acompanhamento terapêutico nesses 29 anos de existência da terminologia, observou-se que o universo de 141 artigos científicos que servem de material para a presente análise, foi publicado em 55 revistas e periódicos científicos. Desse total,

52,7% publicaram apenas um artigo (N=29) enquanto que 47,2% publicaram mais de um artigo (N=26), conforme pode-se observar na Tabela 2 que segue.

Tabela 2: *Quantidade de Artigos publicados em cada revista e periódicos científico*

Revista Científica	Número de artigos publicados
AdVerbum	1
A rede: clínica ampliada em saúde mental	2
Arquivos Brasileiros de Psicologia	1
Atravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico	15
Cadernos Brasileiros de Saúde Mental	3
Ciência: saúde coletiva	1
CliniCaps – Impasses da clínica	1
Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre	1
Educação, subjetividade & poder	1
Estilos da Clínica	11
Estudos de Psicologia	2
Estudos e Pesquisas em Psicologia	1
Estudos Interdisciplinares em Psicologia	1
Família e Comunidade	1
Fractal: Revista de Psicologia	2
Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia	2
Infante: Revista de Neuropsiquiatria da infância e adolescência	1
Interface – Comunicação, Saúde e Educação	2
Mental	1
O mundo da saúde	1
Percurso	2
Perfil: Boletim de Psicologia	1
Physis Revista de Saúde Coletiva	1
Psicologia, Ciência e Profissão	6
Psicologia Clínica	1
Psicologia & Sociedade	13
Psicologia em estudo	1
Psicologia em Revista	5
Psicologia: teoria e prática	1
Psicoterapia Psicanalítica	2
Pulsional: Revista de Psicanálise	5
Psychê	15
Psychiatry On Line Brazil	4
Revista Biociências	1
Revista Brasileira de Psicodrama	2
Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva	1
Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre	2
Revista da Escola de Enfermagem da USP	1
Revista de Medicina da PUC RS	1
Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul	2
Revista de Terapia Ocupacional da USP	2
Revista do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre	1
Revista Eletrônica de Enfermagem	1
Revista Estudos Lacanianos	1
Revista Gaúcha de Enfermagem	1
Revista Interinstitucional de Psicologia	1
Revista Latinoamericana de Enfermagem	1
Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental	4
Revista Psicologia Plural	2
Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar	2
Saúde e Sociedade	1
Saúde em Debate	1
SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog	2
Temas sobre desenvolvimento	2
Vertentes	1

Quatro revistas são apontadas em destaque por terem apresentado o maior número de publicações: *Atravessar* e *Psychê* (com 15 publicações cada); *Psicologia & Sociedade* (com

13 publicações) e *Estilos da Clínica* (com 11 publicações). Esse destaque pode ser fruto da publicação de números especiais com a temática AT (*Estilos da Clínica* em 2005, *Psychê* em 2006 e *Psicologia & Sociedade* em 2013) e também pelo fato da *Revista ATravessar* ser uma revista especificamente dedicada ao AT.

Dos periódicos e revistas científicas citados na Tabela 2, a maioria delas (17 ao todo) são da área de psicologia representando 30,9% do total, sendo que foram responsáveis pela publicação de 42 artigos, a saber: *Psicologia & Sociedade* (com 13 publicações); *Psicologia, Ciência e Profissão* (com seis publicações); *Psicologia em Revista* (com cinco publicações); *Estudos de Psicologia*; *Fractal: revista de psicologia*; *Revista Psicologia Plural*; *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*; *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar* (com duas publicações cada) e *Arquivos Brasileiros de Psicologia*; *Estudos e Pesquisas em Psicologia*; *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*; *Mental*; *Psicologia Clínica*; *Psicologia em estudo*; *Psicologia: teoria e prática*; *Revista Interinstitucional de Psicologia*; e *Perfil: Boletim de Psicologia* (com uma publicação cada).

O acompanhamento terapêutico, enquanto clínica, pode ser realizado por profissionais de diferentes categorias e formações, embora a maioria tenha graduação em Psicologia (Carvalho, 2002). Essa tendência não é recente, pois desde os primórdios do AT a psicologia já apresentava relevância: “Sobre o perfil do auxiliar psiquiátrico, a maioria dos contratados eram estudantes de Psicologia interessados na área clínica; logo estes já tinham uma compreensão da doença mental” (Simões, 2005, p. 130).

A segunda área do conhecimento que mais publicou pesquisas de AT foi a área da saúde, onde encontramos nove revistas responsáveis pela publicação de 13 artigos: *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental* (com três publicações); *SMAD, Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas*; *A rede: clínica ampliada em saúde mental* (com duas publicações) e *Saúde em Debate*; *Saúde e Sociedade*; *Physis Revista de Saúde Coletiva*; *Ciência: saúde coletiva*; *CliniCaps – Impasses da clínica*; *O mundo da Saúde* (com uma publicação).

Esse dado nos remete à relação do AT com a área da saúde, em especial à saúde mental, tendo em vista o seu caráter essencialmente clínico. “O Acompanhamento Terapêutico é um procedimento clínico em Saúde Mental, cujo objetivo é proporcionar recursos para uma melhor qualidade de vida daqueles que, de alguma forma, têm um sofrimento psíquico que restringe sua circulação no mundo” (Moura, 2002, p.55).

Em sequência encontramos as sete revistas de psicanálise: *Psychê* (com 15 publicações); *Estilos da Clínica* (com 11 publicações); *Pulsional - Revista de Psicanálise* (com cinco publicações); *Percurso*; *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*; *Psicoterapia Psicanalítica* (com duas publicações cada) e *Revista Estudos Lacanianos*; *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*; e *Revista do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre* (com uma publicação cada). Apesar das revistas de psicanálise representarem 16,3% do total de revistas, elas foram responsáveis pela publicação de 40 artigos, representando 28,3% do total de artigos científicos publicados em AT. A psicanálise apresenta uma força muito grande para o AT, e os resultados apontam que as revistas científicas dessa área do conhecimento estão em segundo lugar no número de publicações de artigos. “Também encontramos nos discursos, tanto das entrevistadas como da literatura sobre o AT, o uso de conceitos como inconsciente, processos inconscientes e transferência, o que nos mostra que, como ontem, também hoje há uma aproximação com a psicanálise” (Chauí-Berlinck, 2011, p. 150).

Em relação ao item “fonte de publicação” observamos um grande número de periódicos da área da psicologia focaram o AT, assim como revistas de psicanálise que apresentaram grande representatividade no número de publicações. Entendemos que esse dado revela o grande investimento dessas duas áreas do saber (psicologia e psicanálise) operando na interface com o AT, contribuindo assim para a sua estruturação; o que “(...)nos permitem afirmar que há dois saberes teóricos (psicologia e psicanálise) que sempre aparecem nos discursos sobre AT, às vezes sozinhos, às vezes em meio a outras teorias, mas esses dois

surtem como parte intrínseca desse fazer e, desta forma o Acompanhamento Terapêutico se vê com fortes ligações com a área “psi” (Chauí-Berlinck, 2011, p. 150).

Mesmo assim, convém destacar o fato da prática do AT ser essencialmente multifacetada e acolhida por diversas disciplinas, o que pode ser facilmente constatado pela linha editorial da revista *ATraversar* – editada pela AAT (Associação de Acompanhamento Terapêutico) –, e que tem como seus objetivos a publicação de trabalhos de pesquisa e reflexão sobre questões do AT, incluindo a interlocução “entre o AT e vários campos do saber”.

Considerações Finais

O objetivo dessa pesquisa foi buscar uma aproximação da totalidade de artigos científicos publicados no Brasil e compreender a forma como se apresentam na literatura. A partir desse “norte” traçado, alguns dados tornaram-se relevantes nesse percurso, tendo sido apontados nas três categorias em que foram analisados (distribuição de frequência pelo ano das publicações, autoria e fonte de publicação).

Os resultados da pesquisa indicaram um quadro bastante heterogêneo quanto à distribuição da produção nos diferentes periódicos e revistas científicas, tendo sido publicados 141 artigos em 55 revistas. Deve-se considerar que a produção disponibilizada nas bases de dados conta, efetivamente, com maior visibilidade e, portanto, com maior probabilidade de exercer impacto sobre os rumos do conhecimento na área. Nessa medida, pode-se dizer que as bases de dados eletrônicas constituem, atualmente, importante fonte de acesso para a produção brasileira.

Das 55 revistas, quase a metade delas, 47,2%, publicaram mais de um artigo, demonstrando interesse pelo tema que destaca-se como uma área do saber que conseguiu

quatro números especiais em revistas científicas, uma revista própria para a temática e que já lançou duas edições, além do aumento no número de pesquisas.

Os artigos publicados no século XXI apresentam-se com relevância numérica em relação aos períodos anteriores, visto que concentra 87,9% do total de artigos publicados, demonstrando uma preocupação dos acompanhantes terapêuticos e pesquisadores não só com a expansão desse saber, mas também, a construção de uma base firme e calcada nos pilares da ciência.

A Psicologia apresenta dominância no quesito publicação, sendo área do saber de 30,9% do total de revistas e periódicos científicos, demonstrando que desde o início do AT até a atualidade tem concentrado esforços para a estruturação teórica dessa prática clínica.

Dos pesquisadores envolvidos com a produção científica na área, 16,8% publicaram mais de um artigo, demonstrando o seu comprometimento com o desenvolvimento de pesquisas na área, contribuindo assim para ampliação do campo. Essa realidade já pode ser percebida nas publicações de artigos científicos no último ano completo até o encerramento desse estudo (2013), que representa o ano com o maior número de publicações na área ao longo da história.

Após a delimitação do campo no que se refere aos artigos científicos de AT, um vasto caminho de possibilidades de pesquisa se abre, para que se busque respostas para perguntas como: Quais os temas de cada uma das pesquisas, e existe algum tipo de relação entre eles? Sob qual perspectiva teórica cada uma delas foi alicerçada? Existe repetição de temas observados por perspectivas diferentes? A ciência se faz no questionamento, sendo assim, mais um passo foi dado dentre tantos outros que virão.

Referências

- Alvarenga, C. (2006). *Trânsitos da clínica do acompanhamento terapêutico (AT): da via histórica à cotidiana* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- Andrade, R. L. P. & Pedrão, L. J. (2005). Algumas considerações sobre a utilização de modalidades terapêuticas não tradicionais pelo enfermeiro na assistência de enfermagem psiquiátrica. *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, 13 (5), 737-742.
- Azevedo, T. & Dimenstein, M. (2008). O Acompanhamento Terapêutico no cuidado em Saúde Mental. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ), 8 (3), 658-671.
- Bezerra, C. G., & Dimenstein, M. (2009). Acompanhamento terapêutico na proposta de alta-assistida implementada em hospital psiquiátrico: relato de uma experiência. *Psicologia Clínica*, 21(1), 15-32.
- Brandalise, F. & Rosa, G. L. (2009a). Velhas Estradas: Caminho Novo – Acompanhamento Terapêutico No Contexto Da Reforma Psiquiátrica. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 1(1). (CD-ROM).
- Brandalise, F. & Rosa, G. L. (2009b). Estratégias clínicas: a construção de projetos terapêuticos e o acompanhamento terapêutico-at na atenção psicossocial. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 1(2), 150-161.
- Carniel, A. C. D. (2008). *O acompanhamento terapêutico na assistência e reabilitação psicossocial do portador de transtorno mental* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Carniel, A. C. D. & Pedrão, L. J. (2005). A prática de acompanhante terapêutico com o portador de transtorno mental. *Revista Eletrônica de Saúde Mental Álcool e Drogas (SMAD)*, 1 (2), 1-12.
- Carniel, A. C. D., & Pedrão, L. J. (2010). Contribuições do acompanhamento terapêutico na assistência ao portador de transtorno mental. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 12(1), 63-72.
- Carvalho, S. S. (2002). *Acompanhamento Terapêutico: Que clínica é essa?* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.
- Chauí-Berlinck, L. (2010). O acompanhamento terapêutico e a formação do psicólogo: por uma saúde humanizada. *Arquivos brasileiros de psicologia (Online)*, 62(1), 90-96.
- Chauí-Berlinck, L. (2011). *Andarilhos Do Bem: Os Caminhos Do Acompanhamento Terapêutico* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Chauí-Berlinck, L. (2012). JJ, o menino sol: o AT na volta para casa. *ATraversar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1(1), 31-38.
- Disconsi, A. M., Cavedon, B. Z., Greff, B. P., Chassot, C. S., Galvão, C., Leães, M. L., & Carvalho, M. G. (2013). Acompanhamento terapêutico: andanças pelo dentro e o fora da instituição. *Psicologia & Sociedade*, 25(n. spe. 2), 65-72.
- Eggers, J.C. (1985). Acompanhamento terapêutico: um recurso técnico em psicoterapia de pacientes críticos. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 7 (1), 5-10.
- Estellita-Lins, C., & Oliveira, V. M., & Coutinho, M. F. (2006). Acompanhamento terapêutico: intervenção sobre a depressão e o suicídio. *Psyche (Online)*, 10 (18), 151-166.

- Estellita-Lins, C., & Oliveira, V. M., & Coutinho, M. F. (2009). Clínica ampliada em saúde mental: cuidar e suposição de saber no acompanhamento terapêutico. *Ciência: saúde coletiva*, 14 (1), 205-215.
- Estellita-Lins, C., Oliveira, V. M., Coutinho, M. F., & Bteshe, M. (2009). Por uma Tentativa de Situar o Acompanhamento Terapeutico entre a Psicanálise e a Psiquiatria Comunitária. *AdVerbum*, 4 (2), 59-63.
- Farah, I. (1994a). A clinica do acompanhamento terapeutico: uma alternativa que pode dar certo: atendimento de pessoas portadoras de síndrome de down (parte 1). *Temas sobre desenvolvimento*, 17 (3), 35-37.
- Farah, I. (1994b). A clinica do acompanhamento terapeutico: uma alternativa que pode dar certo: atendimento de pessoas portadoras de síndrome de down (parte 2). *Temas sobre desenvolvimento*, 19 (4), 25-32.
- Fiorati, R. C. (2013). Acompanhamento terapêutico, clínica e atenção psicossocial: uma relação possível? Reflexão crítica segundo a hermenêutica dialética de Jürgen Habermas. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 82-89.
- Fiorati, R. C., & Saeki, T. (2006). O acompanhamento terapêutico: criatividade no cotidiano. *Psyche*, 10 (18), 81-90.
- Fiorati, R. C., & Saeki, T. (2008). O acompanhamento terapêutico na internação hospitalar: inclusão social, resgate de cidadania e respeito à singularidade. *Interface*, 12 (27), 763-772.
- Fráguas, V. & Berlinck, M. T. (2001). Entre o pedagógico e o terapêutico: algumas questões sobre o acompanhamento terapêutico dentro da escola. *Revista Estilos da Clínica*, 6 (11), 7-16.

- Freitas, A. P. (2003). O espaço cênico da rua: psicodrama e acompanhamento terapêutico com a terceira idade. *Revista brasileira de psicodrama*, 11 (1), 11-26.
- Freitas, A. P. (2006). Transformações da expansividade afetiva de idosos com transtornos psiquiátricos como avaliação dos resultados do acompanhamento terapêutico. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 14 (2), 47-63.
- Freitas, A. P. (2013). Olhares e perspectivas do acompanhante terapêutico sobre a família do acompanhado. *A Traversar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 09-18.
- Gerab, C. K. & Berlinck, M. T. (2012). Considerações sobre o enquadre na clínica do AT. *Estilos da Clínica*, 17 (1), 88-105.
- Hermann, M. C. (2005). O significante e o real na psicose: ferramentas conceituais para o acompanhamento terapêutico. *Estilos da clínica*, 10 (19), 132-153.
- Hermann, M. C. (2008). *Acompanhamento terapêutico e psicose: um articulador do real, simbólico e imaginário* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hermann, M. C. (2010). Acompanhamento terapêutico, sua criação em uma montagem institucional de tratamento e as ofertas de laço social. *Estilos da clínica*, 15 (1), 40-59.
- Kirschbaum, D. I. R. & Rosa, T. M. (2003). Os trabalhadores de enfermagem como acompanhantes terapêuticos de um centro de atenção psicossocial. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37 (1), 97-106.
- Leães, M. L. (2011). Estendendo a psicanálise: acompanhamento terapêutico na cidade, o corpo e possibilidades. *Revista do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre*, 18, 167-174.
- Lemke, R. A. & Silva, R. A. N. (2013). Itinerários de construção de uma lógica territorial do cuidado. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 9-20.

- Londero, M. F. P. & Paulon, S. M. (2012). Intermitências no cotidiano: criação e resistência na clínica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15 (4), 812-824.
- Moura, C.P. (2002). Algumas considerações sobre o Acompanhamento Terapêutico. Em: *A Rede: clinica ampliada em saúde mental*, 1 (1), 55-57.
- Muylaert, M. A. (2006). AT como dispositivo clínico: uma perspectiva da esquizoanálise. *Psyche*, 10 (18), 109-114.
- Nogueira, A. B. (2007). *O acompanhamento terapêutico na psicose [manuscrito]: possibilidades de uma orientação analítica* (Dissertação do Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- Nogueira, A. B. (2009). O acompanhamento terapêutico e sua caracterização em Betim e Belo Horizonte. *Psicologia em revista*, 15 (2), 204-222.
- Nogueira, A. B. & Pereira, A. C. & Peixoto, D. G. & Dutra, J. B. R. & Santos, L. G. (2003). Pesquisando a história do acompanhamento terapêutico. *Revista psicologia plural*, 11 (16), 7-17.
- Palombini, A. L. (1999). O louco e a rua: a clínica em movimento mais além das fronteiras institucionais. *Educação, subjetividade & poder*, 6, 25-31.
- Palombini, A. L. (2002). Passagens obstruídas: quartos privativos, mínimas janelas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Clínica da adolescência*, (23), 63-68.
- Palombini, A. L. (2006). Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. *Psyche*, 10 (18), 115-127.
- Palombini, A. L. (2007). *Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica* (Tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- Palombini, A. L. (2009). Utópicas cidades de nossas andanças: flânerie e amizade no acompanhamento terapêutico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21 (2), 295-318.
- Palombini, A. L., & Cabral, K. V., & Belloc, M. M. (2005) Acompanhamento terapêutico: vertigens da clínica no concreto da cidade. *Estilos da clínica*, 10 (19), 32-59.
- Pitiá, A. C. A. (2002). *Acompanhamento terapêutico com enfoque da psicoterapia corporal: uma clínica em construção* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pitiá, A. C. A. (2005). O resgate da cidadania: o acompanhamento terapêutico e o aspecto da reabilitação psicossocial. *Saúde em Debate*, 29 (70), 179-185.
- Pitiá, A. C. A. (2006). Um olhar sobre o acompanhamento terapêutico pelo conceito reichiano de auto-regulação social. *Psyche*, 10 (18), 141-150.
- Pitiá, A. C. A. (2013). Acompanhamento Terapêutico e ação interdisciplinar na atenção psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 73-81.
- Pitiá, A. C. A., & Santos, M. A. (2006). O acompanhamento terapêutico como estratégia de continência do sofrimento psíquico. *Revista Eletrônica de Saúde Mental Álcool e Drogas (SMAD)*, 2 (2), 1-18.
- Pitiá, A. C. A., & Furegato, A. R. F. (2009). O Acompanhamento Terapêutico (AT): dispositivo de atenção psicossocial em saúde mental. *Interface*, 13 (30), 67-77.
- Porto, M. (1997). Quarto mundo. *Percurso*, 18 (1), 51-58.
- Porto, M. (2013). A pólis arquipélago - notas do acompanhamento terapêutico. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe.2), 2-8.
- Quagliatto, H. S. M. & Santos, R. G. (2004). Psicoterapia psicanalítica e acompanhamento terapêutico: uma aliança de trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24 (1), 74-81.

- Romero, R. G. & Sacadura, S. A. R. C. (Trad.). (2013). O acompanhamento terapêutico, campo de intervenções específicas, uma questão ética. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 45-56.
- Sacadura, S. A. R. C. (2013). Autenticidade e a práxis do acompanhamento terapêutico. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 57-74.
- Safra, G. (2006). Placement: modelo clínico para o acompanhamento terapêutico. *Psyche*, 10 (18), 13-20.
- Safra, G. (2012). Acompanhamento Terapêutico: uma clínica assentada na ética. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 91-98.
- Santos, L. G. & Nogueira, A. B. & Dutra, J. B. R. (2002). O acompanhamento terapêutico como dispositivo clínico na reinserção social do psicótico. *Revista Psicologia Plural*, 11 (16), 99-120.
- Santos, L. G. & Motta, J. M. & Dutra, M. C. B. (2005). Acompanhamento terapêutico e clínica das psicoses. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8 (3), 497-514.
- Santos, R. G. (2009). A inserção do acompanhamento terapêutico em um modelo interdisciplinar de atendimento a pacientes neurológicos. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 1 (1), 15.
- Santos, R. G. (2013). *Acompanhamento Terapêutico de pacientes neurológicos: uma experiência de ensino em psicanálise* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sereno, D. (1995). Acompanhamento Terapêutico e produção de cinema. *Percurso*, 14 (1), 22-26.

- Sereno, D. (1996). *Acompanhamento Terapêutico de Pacientes Psicóticos: Uma clínica na cidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sereno, D. (2006). Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva. *Psyche*, 10 (18), 167-179.
- Sereno, D. (2012). Sobre a ética no acompanhamento terapêutico (AT). *Psicologia em Revista*, 21 (2), 217-232.
- Silva, A. S. T. (2000). A “Clínica de Rua”: Acompanhamento Terapêutico. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 22 (3), 244.
- Silva, A. S. T. (2005). *A Emergência do Acompanhamento Terapêutico: O processo de constituição de uma clínica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Silva, A. S. T. & Silva, R. N. (2006). A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. *Psicologia ciência e profissão*, 26 (2), 210-221.
- Simões, C. H. D. (2005). *A produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil de 1960 a 2003: uma análise crítica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Simões, C. H. D. & Kirschbaum, D. I. R.. (2005). Produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil de 1960 a 2003: uma análise crítica. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 26 (3), 392-402.
- Wachs, F. & Jardim, C. & Paulon S. M. & Resende, V. (2010). Processos de subjetivação e territórios de vida: o trabalho de transição do hospital psiquiátrico para serviços residenciais terapêuticos. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 20 (3), 895-912.

- Werneck Filho, B. D. (2009a). Acompanhamento Terapêutico com pacientes maníacos: reconstruções teóricas baseadas na prática clínica. *Psychiatry On Line Brazil*, 14 (7), 0.
- Werneck Filho, B. D. (2009b). Hospital-Dia e Acompanhamento Terapêutico: trabalhos essenciais em saúde mental. *Psychiatry On Line Brazil*, 14 (11), 0.
- Werneck Filho, B. D. (2010). Os três elementos essenciais no Acompanhamento Terapêutico: encontro no cotidiano, intuição e movimento. *Psychiatry On Line Brazil*, 15 (2), 0.
- Yagiu, H. (2006). Reflexões sobre o enquadre no acompanhamento terapêutico. *Psyche*, 10 (18), 91-100.
- Yagiu, H. (2013). Management no acompanhamento terapêutico de uma paciente psicótica idosa. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 75-106.

Referências Revisadas

- Acioli Neto, M. L. & Amarante, P. D. C. (2013). O Acompanhamento Terapêutico como estratégia de cuidado na atenção psicossocial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33 (4), 964-975.
- Affonso, K. C. (2013). O show da fé e o acompanhamento terapêutico: acompanhando na igreja internacional da graça de Deus, no centro de São Paulo. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 27-43.
- Aguiar, J. R. (2002). A clínica do Acompanhamento Terapêutico. Clínica urgentemente. *A Rede: clinica ampliada em saúde mental*, 1 (1), 42-48.
- Almeida, B. H. M. (2005). A mulher que não existe no laço social: um caso de paranoia. *Estilos da clínica*, 10 (19), 122-131.

- Antúnez, A. E. A. & Martins, F. (2013). Acompanhamento Terapêutico: vinculação dos fenômenos contingentes e da vida privada. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 2 (1), 19–26.
- Araujo, F. (2005). Do amigo qualificado à política da amizade. *Estilos da clínica*, 10 (19), 84-105.
- Ayub, P. (1996). Do amigo qualificado ao acompanhante terapêutico. *Infanto: Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência*, 4 (2), 37-40.
- Backes, C. (2002). O Fóbico e Seu Acompanhante. Em: Psicopatologia do Espaço e Outras fronteiras. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 10 (22), 30-37.
- Bellenzani, R. & Malfitano, A. P. S. (2006). Juventude, vulnerabilidade social e exploração sexual: um olhar a partir da articulação entre saúde e direitos humanos. *Saúde e Sociedade*, 15 (3), 115-130.
- Braga, F. & Gonzaga, L. (1991). Acompanhamento terapeutico: esboço de articulação de uma terapêutica profana. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, 2 (4), 146-56.
- Camargo, R. F. (2004). Espaço e estrutura: o caso urbano. *Mental*, 2 (2), 55-65.
- Canongia, A. I. & Teixeira, S. R. L. P. (2002). O recurso terapêutico do acompanhamento visibilizado no (en)canto. *Pulsional: revista de psicanálise*, 15 (162), 11-14.
- Cataldo Neto, A. & Zanella, A. P. (1998). O acompanhante terapêutico (AT) no tratamento de pacientes psiquiátricos graves. *Revista de Medicina da PUC – RS*, 8(4), 166-71.
- Chauí, M. (2012). Desencontros e encontros. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 09-18.
- Chévez, A. (2012). El rol, la autopercepción del rol y la función. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 77-90.

- Costa, A. P. C. & Poli, M. C. (2010). Dos discursos no laço social: a construção de uma moradia possível na psicose. *Psicologia em revista*, 16 (2), 409-427.
- Costa, L. A. & Fonseca, T. M. G. (2013). Cidades sutis: dispersão urbana e da rede de saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 21-30.
- Deus, R. T. (2001). O Sirenista. *Pulsional: revista de psicanálise*, 14 (150), 36-40.
- Donini, A.; Marques, D. G.; Mecca, R. C.; Oliveira Neto, S. & Silva, F. P. (2002). Acompanhamento terapêutico e transtornos alimentares. *O mundo da saúde*, 26 (3), 435-439.
- Dozza, L. M. (2012). Encuadre abierto y clínica de lo cotidiano. *ATraversar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 59-66.
- Elias, A. M. S. (2013). Acompanhamento terapêutico em hospital de reabilitação fisioterápica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25 (1), 207-216.
- Fonseca, J. P. (2004). Luto antecipatório: experiências familiares diante de uma morte anunciada. *Família e Comunidade*, 1 (1), 39-67.
- Fujihira, C. Y. (2006). Acompanhando a inclusão: um percurso ético. *Psyche*, 10 (18), 101-108.
- Gonçalves, L. L. M. & Benevides de Barros, R. D. (2013). Função de publicização do Acompanhamento Terapêutico: a produção do comum na clínica. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 108-116.
- González, L. E. R. (2002). El lazo social: la función de testigo desde el acompañamiento terapéutico em las psicosis. *Pulsional: revista de psicanálise*, 15 (162), 23-27.
- Guerra, A. M. C., & Milagres, A. F. (2005). Com quantos paus se faz um acompanhamento terapêutico?: contribuições da psicanálise a essa clínica em construção. *Estilos da clínica*, 10 (19), 60-83.

- Gulassa, D. C. R. (2011). 'Tire-me desta, mas daqui não me deixe sair!' Hospitalismo: Reflexões sobre o drama da (co) dependência em instituição psiquiátrica. *Revista brasileira de psicodrama*, 19 (2), 57-71.
- Jerusalinzky, J. (2002). O AT e a construção de um protagonismo. *Pulsional: revista de psicanálise*, 15 (162), 32-41.
- Kasper, S. G. (2000). Transitando pela clínica do AT. *Correio da APPOA*, 9 (82), 19-26.
- Kibrit, B. (2013). Possibilidades e desafios da Inclusão Escolar. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16 (4), 683-695.
- Lattanzio, F. F. & Braga, L. H. (2010). O acompanhamento terapêutico na perspectiva lacaniana: contribuições para uma clínica em construção. *Revista Estudos Lacanianos*, 3 (4), 0.
- Lazzarotto, G. D. R., Carvalho, J. D., & Becker, J. L. (2013). Acompanhando micropolíticas juvenis: estratégias clínico-institucionais. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 55-64.
- Lerner, R. (2006). Matriz discursiva da contra-transferência: discussão ética acerca do acompanhamento terapêutico e de instituições de saúde mental. *Psyche*, 10 (18), 21-28.
- Londero, I., & Pacheco, J. T. B. (2006). Por que encaminhar ao acompanhante terapêutico? uma discussão considerando a perspectiva de psicólogos e psiquiatras. *Psicologia em Estudo*, 11 (2), 259-267.
- Maia, M. S. (2002). O louco na cidade: clínica na rua. Moradia protegida e Acompanhamento Terapêutico. Clínica urgentemente. *A Rede: clinica ampliada em saúde mental*, 1 (1), 58-62.

- Maia, S. M.. (2006). O acompanhamento terapêutico como uma técnica de manejo. *Psyche*, 10 (18), 29-40.
- Marco, M. N. C. & Calais, S. L. (2012). Acompanhante terapêutico: caracterização da prática profissional na perspectiva da análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 14 (3), 4-18.
- Marques, M. R. M. (1991). Atelier Bricoleur: intervencao no atendimento das psicoses. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, 2 (4), 201-210.
- Marques, M. R. (2013). A prática do Acompanhamento terapêutico como estratégia de expansão territorial: uma incursão cartográfica. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 31-40.
- Mauer, S. K. & Resnizky, S. (2012). Acompanhamento Terapêutico e lógicas fraternas. *A Travessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 19-30.
- Medeiros, L. L. C. (1995). Da experiencia de acompanhamento terapeutico com crianças psicoticas: relato de um caso. *Perfil: Boletim de Psicologia*, 8, 83-89.
- Meira, A. M. (2013). As crianças na cidade e o acompanhamento terapêutico. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe.2), 41-45.
- Melão, M. S. (2008). A escrita e a constituição do sujeito: um caso de autismo. *Estilos da Clínica*, 13 (25), 94-117.
- Metzger, C. (2006). Contornos e fragmentação do eu na psicose: reflexão a partir do acompanhamento terapêutico de uma adolescente. *Psyche*, 10 (18), 41-52 .
- Moraes, G. S. & Herrera, L. B. (2008). O acompanhamento terapêutico (at): uma outra possibilidade terapêutica de intervenção. *Revista Psicoterapia Psicanalítica*, (10), 153-158.

- Moraes, M. C. (2008). Comentários sobre o trabalho “O acompanhamento terapêutico (at): uma outra possibilidade terapêutica de intervenção”. *Revista Psicoterapia Psicanalítica*, (10), 159-161.
- Moreira, G. M. E. L. (2000). O acompanhante terapêutico - impasses e possibilidades do atendimento domiciliar. *Psicologia em Revista*, 1 (10), 35-43
- Moreira, J. O. (2003). Matrizes históricas do acompanhamento terapêutico: raízes e conceituação. *Pulsional: revista de psicanálise*, 16 (173), 48-59.
- Oliveira, R. W. (2013). Os caminhos da reforma psiquiátrica: Acompanhamento Terapêutico, propagação e contágio na metrópole. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 90-94.
- Paravidini, J. L. L., & Alvarenga, C. (2008). Acompanhamento Terapêutico (AT) e saberes psicológicos: enfrentando a história. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 1 (2), 172-188.
- Peixeiro, M. H. (2006). A clínica do acompanhamento terapêutico: intervenções quando a recusa toma a cena. *Psyche*, 10 (18), 67-80.
- Piccinini, W. (2006). O acompanhante terapêutico. *Psychiatry On-line Brazil. Sessão História da Psiquiatria*, 1 (11), 0.
- Portela, M. (2012). El a-fectarse do AT y sus efectos en el tratamiento. *A Travessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 39-43.
- Proença, P. F. & Lapastini, M. A. B. (1999). Entrevista com Dr. Eduardo Kalina. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1 (1), 57-72.
- Pulice, G. O. & Manson, F. & Teperman, D. (Trad.), (2005). Acompanhamento terapêutico: contexto legal, coordenadas éticas e responsabilidade profissional. *Estilos da clínica*, 10 (19), 12-31.

- Ramos, F. Q. & Majolo, T. (2012). Instantes de encontros com crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo. *A Traversar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 67-75.
- Reis Neto, R. O.; Teixeira Pinto, A. C., & Oliveira, L. G. A. (2011). Acompanhamento terapêutico: história, clínica e saber. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (1), 30-39.
- Ribeiro, A. M. (2009). A idéia de referência: o acompanhamento terapêutico como paradigma de trabalho em um serviço de saúde mental. *Estudos de Psicologia*, 14 (1), 77-83.
- Ribeiro, T. C. C. (2002). Acompanhar é uma barra: considerações teóricas e clínicas sobre o acompanhamento psicoterapêutico. *Psicologia ciência e profissão*, 22 (2), 78-87.
- Ribot, G. & Machado, M. S. (2005). Da errância à transumância: acompanhamento educativo de adolescentes delinquentes. *Estilos da Clínica*, 10 (19), 106-121.
- Salotti, M. R. R. & França, S. A. M. (1997). Acompanhamento terapêutico: prática dinâmica de ocupação do espaço urbano. *Vertentes*, (3), 111-118.
- Salvari, L. F. C. & Dias, C. M. S. B. (2006). Os problemas de aprendizagem e o papel da família: uma análise a partir da clínica. *Estudos de Psicologia*, 23 (3), 251-259.
- Silva, D. & Silveira, R. W. M. (2013). Devires e drivers da clínica: acontecimentos no acompanhamento terapêutico. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (1), 71-89.
- Silva, M. V. O. & Costa, F. R. M. & Neves, L. M. (2010). Programa de Intensificação de Cuidados: Experiência Docente-Assistencial em Psicologia e Reforma Psiquiátrica. *Psicologia ciência e profissão*, 30 (4), 882-895.
- Sousa, N. (2008). Atuação em rede de proteção social. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 11 (2), 73-87.

- Souza, A. M. & Cabrit, E. C. & Costa, E. & Koda, M. Y. & Ramalho, S. A. (2004). O acompanhamento terapêutico: uma estratégia de reabilitação psicossocial. *Psicologia em revista*, 13 (2), 89-96.
- Varella, M. R. D. & Lacerda, F. & Madeira, M. (2006). Acompanhamento terapêutico: da construção da rede à reconstrução do social. *Psyche*, 10 (18), 129-140.
- Vasconcelos, M. F. F., Machado, D. O., & Mendonça Filho, M. (2013). Acompanhamento terapêutico e reforma psiquiátrica: questões, tensões e experimentações de uma clínica antimanicomial. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 95-107.
- Velozo, R. S. & Serpa Junior, O. D. (2006). O acompanhamento terapêutico “em ação” no campo público da assistência em saúde mental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 9 (2), 318-338.
- Vilela, A. A. M. & Silva, C. R. & Oliveira, J. B. (2010). O AT como recurso clínico no tratamento da psicose. *CliniCAPS*, 4 (10), 0.
- Zamignani, D. R. (1997). O Trabalho do Acompanhante Terapêutico: A prática de um analista do Comportamento. *Revista Biociências. Taubaté*, 1 (3). 77-90.
- Zanetti, C. E. (2008). O Acompanhamento Terapêutico (AT) no Hospital Geral: Música e Psicologia Aplicada à Saúde. *Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 11 (1), 49-59.
- Zilberleib, C. M. O. V. (2006) O acompanhamento terapêutico e as relações de objeto em pacientes-limites. *Psyche*, 10 (18), 53-66.

CAPÍTULO 5

A produção científica sobre o AT no Brasil: um processo em construção?

Resumo: O artigo se propõe a um “olhar” para a expansão do Acompanhamento Terapêutico no Brasil. Foram apontadas experiências da inserção do AT na Academia, assim como questionamentos em relação à esse caminhar. O método de estudo utilizado foi o de pesquisa bibliográfica a partir do levantamento de referências publicadas (dissertações de mestrado, teses de doutorado e de livre docência), assim como artigos científicos e livros sobre o tema. Foi realizada uma busca por “palavras-chave”, utilizando-se do seguinte procedimento: “acompanhamento + terapêutico” ou “acompanhante + terapêutico” no título, subtítulo ou resumo dos trabalhos. Observou-se um esforço de sistematização teórica na busca por um estatuto teórico mais preciso para essa prática clínica, assim como discussões acadêmicas referentes a tentativa de regulamentação dessa clínica enquanto profissão. Essa pesquisa desenvolve uma análise crítica em relação às fronteiras desse saber.

Palavras chave: Acompanhamento terapêutico, sistematização teórica, prática clínica, fronteiras.

Conforme apontam os resultados dessa pesquisa, a produção científica do AT se apresenta em expansão no cenário nacional. Essa conclusão já havia sido ressaltada em pesquisa anterior: “O campo de produção teórica sobre a clínica do acompanhamento terapêutico vem crescendo a olhos vistos no Brasil” (Hermann, 2005, p.1). O crescimento da produção no campo teórico é igualmente observado pelo mesmo autor sob duas perspectivas distintas: tanto pelos interessados em tê-lo como uma possibilidade de trabalho, ou seja, os acompanhantes terapêuticos, quanto por aqueles que optaram em aproveitar o seu percurso clínico para sistematizar suas questões em pesquisas acadêmicas – os pesquisadores.

Atualmente, o Acompanhamento Terapêutico em Porto Alegre e outras cidades Brasileiras está sendo pensado para além de uma *prática* de tratamento de “doentes mentais”, contando, inclusive, com várias produções acadêmicas que falam de sua *clínica* e das intervenções em outros contextos, alguns considerados ainda inusitados. O campo do AT está, portanto, em expansão, e seu futuro é imprevisível, pelo menos aqui no Brasil onde essa estratégia é amplamente usada e criada (Silva, 2005, p. 54-55).

Bezerra & Dimenstein (2009) corroboram essa ideia, em pesquisa mais recente, que o arcabouço teórico que sustenta a clínica do AT encontra-se em plena expansão e que pode ser entendido sob diversas definições e perspectivas, dependendo do “olhar teórico” que o observador utilizar para entrar em contato com o fenômeno AT.

Entendemos que o AT representa uma prática interdisciplinar, transpassada e influenciada por diferentes saberes⁸ (Nogueira, 2007; Reis Neto, Teixeira Pinto & Oliveira, 2011) e que até o momento essa prática está atrelada a referenciais teóricos de outros campos de atuação como a psicanálise (Guerra & Milagres, 2005), a psicoterapia corporal (Pitiá, 2006), a terapia cognitivo comportamental (Zamignani & Kovac & Vermes, 2007), a esquizoanálise (Cauchick, 2001; Muylaert, 2006) e o modelo de atenção psicossocial (Fiorati & Saeki, 2006; Pitiá & Santos, 2006; Pitiá e Furegato, 2009). Até o momento o AT não apresenta um arcabouço teórico próprio e singular para abarcar essa prática que acontece “entre” lugares.

O conjunto dos discursos evidencia que o lugar ocupado pelo at é o lugar da dúvida, da incerteza, do risco seja porque não há um saber teórico ou um conjunto de regras que determinem sua prática, seja porque deliberadamente optam pela recusa dessas determinações e aceitam o inesperado e o inusitado (Chauí-Berlinck, 2011, p. 134).

Porém, percebe-se a emergência de uma preocupação dos acompanhantes terapêuticos sobre o manejo do vínculo e da escuta, o que vem conduzindo a um esforço de sistematização

⁸ O AT é atravessado por múltiplas influências teóricas, tanto na sua constituição quanto no seu fazer, e essa pesquisa busca analisar a produção acadêmica e científica sobre esse campo do saber, buscando para isso, um olhar desimpregnado de influências teóricas. O objetivo é ressaltar o que foi percebido na constituição da produção acadêmica e seus destaques. Acreditamos que o “olhar” para a produção do AT sob o viés de qualquer referencial teórico poderia contaminar os dados apresentados. Para tanto, ao longo da pesquisa foram buscados diferentes referenciais teóricos, sendo que alguns deles com base epistêmica adversa, porém todos voltados para um mesmo fim: contribuir com a pesquisa científica e desenvolvimento do AT no Brasil.

teórica, estabelecendo um estatuto teórico mais preciso. Esse esforço é motivado principalmente pela mudança no perfil dos profissionais que inicialmente eram leigos, depois estudantes de psicologia e medicina e hoje são profissionais com formação superior, muitos deles em psicologia (Reis Neto, Teixeira Pinto & Oliveira, 2011). No entanto, independente da articulação teórica que se utilize para embasar essa clínica, a ética deve servir de base impedindo o enquadramento à hegemonia de qualquer modelo teórico e prático, comprometendo-se em encontrar vias criadoras para preservar a individualidade de cada sujeito no mundo (Bezerra & Dimenstein, 2009).

Estariamos diante de um trabalho que se inspira nas necessidades éticas fundamentais do ser humano. Nessa perspectiva, o adoecimento pode ser visto não só como decorrente de dinâmicas intrapsíquicas, mas também do mal-estar no mundo social e cultural (Antúnez, Barretto & Safra, p. 14, 2011).

Barretto (1997) propõe uma ética no trabalho de acompanhamento terapêutico, que se constitui basicamente na relação com o outro. Destaca que a relação deve ser marcada pelo respeito e compreensão da singularidade que deve ser vista como marca do sujeito, assim como o uso de categorias psicopatológicas como instrumento de compreensão. Partindo desse pressuposto básico permite-se a ampliação do olhar para o profissional acompanhante terapêutico, e as implicações deste posicionamento.

Sob essa perspectiva, algumas tentativas de regulamentação dessa clínica enquanto profissão já foram discutidas academicamente. Pulice, Manson & Teperman (2005) abordaram o caminho que deveria ser trilhado em direção à regulamentação do trabalho dos acompanhantes terapêuticos, com foco na ampliação do oferecimento dessa clínica para pessoas que não conseguem bancá-la financeiramente. Em sua discussão, colocam que, primeiramente deveria ser pensada a possibilidade dos acompanhantes terapêuticos obterem

alguma compensação econômica rentável pelo seu trabalho, e somente depois focar numa formação regulamentada que passaria pelo reconhecimento acadêmico formal.

O reconhecimento pela academia já pode ser observado em algumas inserções do AT na Universidade, como a experiência formativa do *Programa de Intensificação de Cuidados a Pacientes Psicóticos (PIC)* implementado em 2004, através de uma parceria entre o curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o de Terapia Ocupacional da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP). O AT fazia parte das atividades desenvolvidas nesse programa que, por sua vez, se posicionou como uma experimentação clínica coerente com as demandas da população assistida, entrelaçando assistência, formação e postura ético-crítica. Se baseou no esforço teórico e prático de fundamentar uma clínica psicossocial com psicóticos superando o modelo tradicional de atendimento nos moldes de consultório (Silva, Costa & Neves, 2010).

Outra experiência de reconhecimento do AT na universidade é o *Programa de Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública*, vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que teve origem em 1996 junto aos serviços da rede municipal e estadual de saúde, consolidando-se como projeto continuado de extensão universitária a partir de 1998. O programa – ainda ativo – articula à experiência de estágio curricular, atividades de ensino e pesquisa, por intermédio da ferramenta do acompanhamento terapêutico, contando com um espaço semanal de supervisão do trabalho na universidade, além da participação nas reuniões de equipe, supervisão local e interconsultas, bem como a possibilidade de inserir-se nas atividades cotidianas do serviço (Palombini, 2008).

Desde sua origem, o AT trabalha com a diversidade, sendo mais um recurso no tratamento psíquico, além de uma alternativa à internação. Tem sua prática relacionada com a vulnerabilidade social com intervenções que se voltam para a socialização, procurando atender às necessidades e desejos da pessoa a partir de situações reais de sua vida, permitindo

que novos horizontes sejam vislumbrados e que haja o exercício de seus direitos. Porém, nos cursos de graduação em psicologia, principalmente na disciplina de psicopatologia percebe-se um afastamento desta realidade tal qual é pregada nos moldes da saúde pública (Chauí-Berlinck, 2010). Tendo em vista o exposto, essa autora propõe a inclusão de uma disciplina de AT nos currículos universitários para refundamentação da psicopatologia e com isso, a aproximação da formação universitária com a realidade vivida no país no que tange à saúde.

Todavia, tais experiências devem ser muito bem pensadas e dirigidas para que a função do AT não se perca enquanto dispositivo clínico. Nogueira (2009) cita algumas experiências negativas da inserção do AT em universidades de Minas Gerais, principalmente em virtude das tarefas de muita responsabilidade e com pouca relação com o AT que passaram a ser incumbidas aos alunos (acompanhantes terapêuticos), ocorrendo uma inversão da lógica do acompanhar.

Os acompanhantes terapêuticos têm uma função direta com os seus acompanhados, operam nessa relação em primeiro plano, e em segundo plano nas relações (e forma como elas acontecem) do acompanhado com o mundo, e nesse ponto que podem estar presentes a Instituição de Saúde Mental e sua equipe. “Acompanhar alguém se torna terapêutico quando possibilita vivências relacionais que muitas vezes nunca foram sentidas na relação com alguém significativo” (Antúnez, 2012, p. 91).

As situações levantadas podem ser decorrentes de uma prática ainda incipiente no que se refere às suas fronteiras, visto que a multiplicidade de influências que delineiam esse recurso terapêutico acabou gerando uma prática ainda pouco delimitada e mesmo vaga no que se refere à sua orientação clínica (Nogueira, 2007). Entendemos que o AT é atravessado e embasado por múltiplas influências teóricas e esse fator pode ser preponderante na fragilidade de fronteiras que delimitam essa prática clínica. O Acompanhamento Terapêutico atua nos casos mais diversos possíveis e ainda busca um método que não restrinja a sua atividade (Antúnez & Martins, 2013).

Entendemos que para traçar fronteiras em uma prática é necessário ter uma definição clara de seu objeto ou fazer. Tendo em vista a amplitude do fazer AT e da multiplicidade de relações e variáveis nele implicadas concluimos que essa não é uma tarefa fácil.

O Acompanhamento Terapêutico é algo que tem a ver com ajuda, com inclusão, exclusão, com ser ponte, com redes sociais, rejeição, família, vida sem sentido, suporte, facilitação da alta, hospital, não reinternação, casos complicados e superação da era manicomial. Esse conjunto de aspectos e ações conferem ao Acompanhamento seu caráter Terapêutico. Visto que a ação do acompanhante se inicia depois que casos complicados ou problemáticos foram detectados nas instituições hospitalares ou asilares, o caráter terapêutico do AT está articulado a uma dimensão clínica (Chauí-Berlinck, 2011, p. 120 - 121).

De acordo com a citação supracitada, destaca-se a dificuldade na definição do seu fazer, visto que ele “tem a ver com” e não necessariamente “é”. Alguns estudos anteriores trabalharam nessa zona delicada (fronteiras do AT).

Inicialmente destacamos a dissertação de mestrado de Carvalho (2002), que investigou o AT a partir do olhar de profissionais que atuam como acompanhantes terapêuticos, ou ainda Simões (2005) que por intermédio de um estudo bibliográfico analisou as produções científicas referentes ao tema AT a partir de 1960 até 2003, com o objetivo de identificar os temas emergentes dessa produção e estabelecer o que é o AT para os agentes dessa prática. Em outro estudo, Alvarenga (2006) investigou as transformações na clínica do AT para pensar a ocupação do seu lugar nas práticas psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise), concluindo que o “fazer” dos acompanhantes terapêuticos apresentam-se habitados por diferentes posturas e que existe a necessidade da clínica AT encontrar estratégias para a

invenção de saberes que não se choquem com as características “itinerantes” e “fronteiriças” que a identificam.

Todas as tentativas de trabalhar as fronteiras do AT, respeitando os seus recortes serviram para estabelecer ou reconhecer as fronteiras do campo, mesmo com toda a sua dinamicidade inerente. Nos três estudos supracitados, as autoras não incluíram o “traçar” fronteiras no AT como objetivo primário em suas pesquisas, mas é inegável a contribuição delas no clareamento desta zona ainda nebulosa tanto na produção científica quanto para os pesquisadores da área. A ausência de teorização singular no campo do AT é justificada por Barretto (1997) pelo receio de que ao teorizar, se perca a riqueza e a vida das experiências suscitadas, e o melhor caminho apontado pelo autor é nos arriscarmos nesse trânsito entre a experiência e a conceituação.

Os fenômenos que estão presentes numa relação terapêutica na modalidade de AT por vezes resistem à objetividade, no entanto, também não se delimitam à subjetividade.⁹ E esses fenômenos pertencentes à efetivação da vida tornam-se irreduzíveis a determinado modelo teórico. O AT enquanto clínica, não carrega consigo a necessidade de comprovações científicas em virtude da inoperância desse método em satisfazer as exigências de fenômenos tão singulares e em constante mutação, como os fenômenos da “vida” (Antúnez & Martins, 2013). “A fenomenalidade dos fenômenos não se esgota nos tradicionais processos de categorização do real dado, (...) não se submete a qualquer processo teórico que a anteceda, pois é ela mesma prova de si no seu porvir e acontecer” (Antúnez & Martins, p. 21, 2013).

Simões (2005) cita que existem duas vertentes na teorização do AT. A primeira formada por autores de orientação psicanalítica (incluindo as diferentes escolas) que utilizam

⁹ É comum os textos se referirem à subjetividade como se já estivesse claro para o leitor o seu significado. No entanto, na história do pensamento ocidental, a concepção de subjetividade adquiriu significados diferentes. “Compreender a subjetividade é também compreender a formação das identidades sociais e como elas estabelecem um processo dinâmico. A constituição da subjetividade não está isolada dos contextos filosófico, social, político e econômico.” (Philippi, 2004, p. 15).

alguns conceitos da psicanálise para compreensão e intervenção no caso atendido na modalidade de AT, mas que esta relação entre psicanálise e AT apresenta suas dificuldades e até impossibilidades. A segunda vertente considera que é preciso se embasar em diversos campos de saberes para atingir uma teorização do AT.

Longe de tentar resolver esse impasse, mas não alheios à demanda percebida na produção científica sobre AT, pensamos que para que consigamos estruturar esse campo teórico do saber necessitamos entender, ou conhecer previamente o que já foi pesquisado, sob quais perspectivas, para traçarmos as fronteiras teóricas que delimitam essa prática clínica e, independentemente se um dia isso irá ocorrer, entendemos que o estabelecimento de fronteiras neste campo do saber é importante.

De acordo com os dados discutidos e analisados nesta pesquisa percebemos que um grande passo foi dado no sentido de mapear a produção científica na área de AT. Esse passo possibilitou a ampliação da pesquisa para aprofundar os estudos, ou seja, no nosso estudo focamos o que foi pesquisado/publicado, por quais autores e em quais Instituições. Mantemos o foco na *forma* com que os dados foram apresentados. Um estudo subsequente e com especial importância para a comunidade científica seria pesquisar o *conteúdo* presente nas publicações, o que foi pesquisado e sob quais perspectivas. Com os dados desse estudo avançaríamos ainda mais nesse processo de clarificação do saber AT para então traçar fronteiras e estruturar um saber independente.

Referências

- Alvarenga, C. (2006). *Trânsitos da clínica do acompanhamento terapêutico (AT): da via histórica à cotidiana* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- Antúnez, A. E. A. (2012). *Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia* (Tese de livre Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Antúnez, A. E. A. & Martins, F. (2013). Acompanhamento Terapêutico: vinculação dos fenômenos contingentes e da vida privada. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 19-26.
- Antúnez, A. E. A.; Barretto, K. D. & Safra, G. (2011). Acompanhamento Terapêutico: contribuições de Minkowski. Em: A. E. A. Antúnez (Org.), *Acompanhamento Terapêutico: casos clínicos e teorias* (pp.12-20). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Barretto, K. D. (1997). Uma proposta de uma visão ética no acompanhamento terapêutico. Em: Equipe de acompanhantes terapêuticos do hospital-dia A CASA (Org.), *Crise e cidade: acompanhamento terapêutico* (pp.241-268). São Paulo: Escuta.
- Bezerra, C. G., & Dimenstein, M. (2009). Acompanhamento terapêutico na proposta de alta-assistida implementada em hospital psiquiátrico: relato de uma experiência. *Psicologia Clínica*, 21 (1), 15-32.
- Carvalho, S. S. (2002). *Acompanhamento Terapêutico: Que clínica é essa?* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília.
- Cauchick, M. P. (2001). *Sorrisos Inocentes, Gargalhadas Horripilantes: Intervenções no Acompanhamento Terapêutico*. São Paulo, SP: Annablume.
- Chauí-Berlinck, L. (2010). O acompanhamento terapêutico e a formação do psicólogo: por uma saúde humanizada. *Arquivos brasileiros de psicologia* (Online), 62 (1), 90-96.
- Chauí-Berlinck, L. (2011). *Andarilhos Do Bem: Os Caminhos Do Acompanhamento Terapêutico* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fiorati, R. C., & Saeki, T. (2006). O acompanhamento terapêutico: criatividade no cotidiano. *Psyche*, 10 (18), 81-90.
- Guerra, A. M. C., & Milagres, A. F. (2005) Com quantos paus se faz um acompanhamento terapêutico?: contribuições da psicanálise a essa clínica em construção. *Estilos da clínica*, 10 (19), 60-83.
- Hermann, M. C. (2005). O significante e o real na psicose: ferramentas conceituais para o acompanhamento terapêutico. *Estilos da clínica*, 10 (19), 132-153.

- Muylaert, M. A. (2006). AT como dispositivo clínico: uma perspectiva da esquizoanálise. *Psyche*, 10 (18), 109-114.
- Nogueira, A. B. (2007). *O acompanhamento terapêutico na psicose [manuscrito]: possibilidades de uma orientação analítica* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Nogueira, A. B. (2009). O acompanhamento terapêutico e sua caracterização em Betim e Belo Horizonte. *Psicologia em revista*, 15 (2), 204-222.
- Palombini, A. L. (2008). *Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.
- Philippi, M. M. (2004). *Co-construindo Pontes entre a Gestalt-terapia e as Terapias Sistêmicas Construtivistas Construcionistas Sociais: Subjetividade e Intersubjetividade em Questão*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica - Universidade de Brasília, Brasília.
- Pitiá, A. C. A. (2006). Um olhar sobre o acompanhamento terapêutico pelo conceito reichiano de auto-regulação social. *Psyche*, 10 (18), 141-150.
- Pitiá, A. C. A., & Santos, M. A. (2006). O acompanhamento terapêutico como estratégia de continência do sofrimento psíquico. *SMAD, Revista Eletrônica de Saúde Mental Álcool e Drogas*, 2 (2), 1-18.
- Pitiá, A. C. A., & Furegato, A. R. F. (2009). O Acompanhamento Terapêutico (AT): dispositivo de atenção psicossocial em saúde mental. *Interface*, 13 (30), 67-77.
- Pulice, G. O. & Manson, F. & Teperman, D. (Trad.), (2005). Acompanhamento terapêutico: contexto legal, coordenadas éticas e responsabilidade profissional. *Estilos da clínica*, 10 (19), 12-31.
- Reis Neto, R. O.; Teixeira Pinto, A. C., & Oliveira, L. G. A. (2011). Acompanhamento terapêutico: história, clínica e saber. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (1), 30-39.
- Silva, A. S. T. (2005). *A Emergência do Acompanhamento Terapêutico: O processo de constituição de uma clínica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Silva, M. V. O. & Costa, F. R. M. & Neves, L. M. (2010). Programa de Intensificação de Cuidados: Experiência Docente-Assistencial em Psicologia e Reforma Psiquiátrica. *Psicologia ciência e profissão*, 30 (4), 882-895.
- Simões, C. H. D. (2005). *A produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil de 1960 a 2003: uma análise crítica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Zamignani, D. R.; Kovac, R. & Vermes, J. S. (2007). *A clínica de portas abertas: experiências e fundamentação do acompanhamento terapêutico e da prática clínica em ambiente extraconsultório*. São Paulo, SP: Editoras Núcleo Paradigma/ ESETec.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito inicial da presente pesquisa foi abarcar toda a produção científica sobre AT e proceder uma revisão sistemática dos resultados encontrados. Chegamos ao fim deste estudo com um sentimento ambíguo, primeiramente pela consciência que um grande passo no que tange à sistematização desta produção foi dado, mas ao mesmo tempo, um sentimento de frustração pelos recortes (necessários) que foram efetuados neste universo que, *a priori*, parecia ínfimo, mas que ao longo do percurso se mostrou muito maior do que imaginávamos.

O trabalho investigativo apresentado mostra que se levarmos em conta que nem sempre as bases de dados captam tudo o que acontece de publicações importantes em uma determinada área, que nasce na sociedade e aos poucos vem ganhando terreno nas Universidades, devemos sim pesquisar os livros da área (primeiro recorte), que representam inesgotáveis fontes de informações, e que se mostraram inviáveis de incluir em nosso trabalho por dois motivos: pela natureza física do material que nos obrigaria a adquiri-los para proceder a análise, visto que não encontramos exemplares de toda a produção nas bibliotecas das cinco Universidades de Curitiba, e também pelo fator tempo, visto que essa pesquisa teve de respeitar os limites impostos pelo programa de mestrado.

Outro recorte realizado – e que deverá ser pesquisado *a posteriori* – são as monografias de graduação (nas mais diversas áreas, mas principalmente em psicologia e enfermagem), especialização (com destaque para especializações de educação especial e inclusiva, psicologia clínica e enfermagem psiquiátrica) e formação em AT. Recortamos ainda os artigos de AT publicados em anais de congresso, principalmente por termos nos deparado com diversos trabalhos publicados em congressos que não tinham como temática o AT, inviabilizando encontrar todos ou a aproximação da totalidade de trabalhos.

Outra busca que procedemos e não incluímos nesse trabalho refere-se aos grupos de pesquisa, profissionais e instituições que estão praticando o AT e fomentando/desenvolvendo pesquisas na área. O principal motivo dessa exclusão foi em respeito aos limites pré-

estabelecidos, visto que nessa busca foi difícil separar o profissional do acadêmico nos sites e instituições.

Tendo posse de todos esses dados acreditamos na importância de cruzar dados da produção científica brasileira com a de outros países para entendermos se estamos caminhando ao mesmo passo de pesquisadores de outras realidades além da nossa, que por si só conta com muita diversidade social, cultural, e econômica, fortalecendo assim um “fazer” que é próprio da diversidade.

No início do trabalho lançamos um questionamento: é possível abarcar em uma revisão sistemática, a totalidade da produção científica de uma determinada área do conhecimento e compreender como ela se encontra na atualidade? Acreditamos que sim, isso é possível, mas concluímos que mais de uma pesquisa é necessária para atingir esse propósito.

Partimos da hipótese de que houve um exacerbado crescimento da produção científica sobre AT desde o ano de 1985 e ao final da pesquisa, observamos que a hipótese foi confirmada ao longo da análise dos dados. E, finalmente, constatamos que o campo do Acompanhamento Terapêutico é, seguramente, um campo aberto e que necessita continuamente de diálogo, para que esse crescimento torne-se consistente com sua prática, e com a dinâmica das reflexões que constituem seu *fazer* e seu *pensar*. Por ser um campo tão dinâmico, é absolutamente necessário realizar pesquisas e discussões, de modo a extrair dessa prática “(...) elementos teóricos que a aproximem da ciência humana do vivido, da experiência cotidiana, da interlocução terapêutica lá onde ela ocorre e está sujeita a todo tipo de interferências inerentes à vida” (Antúnez, 2011, p. 8).

ANEXOS

Anexo 3- Tabela 3: Artigos sobre acompanhamento terapêutico publicados em Periódicos Científicos

Ano	Autor(es)	Título das Produções	Revista da Publicação
1985	Eggers, José Carlos.	Acompanhamento terapêutico: um recurso técnico em psicoterapia de pacientes críticos.	Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul.
1991	Braga, Filho; Gonzaga, Luiz.	Acompanhamento terapêutico: esboço de articulação de uma terapêutica profana.	Revista de Terapia Ocupacional da USP.
1991	Marques, Maria Regina Margini.	Atelier Bricoleur: intervenção no atendimento das psicoses.	Revista de Terapia Ocupacional da USP.
1994	Farah, Itamar.	A clínica do acompanhamento terapêutico: uma alternativa que pode dar certo: atendimento de pessoas portadoras de síndrome de down (parte 1).	Temas sobre desenvolvimento.
1994	Farah, Itamar.	A clínica do acompanhamento terapêutico: uma alternativa que pode dar certo: atendimento de pessoas portadoras de síndrome de down (parte 2).	Temas sobre desenvolvimento.
1995	Sereno, Deborah.	Acompanhamento Terapêutico e produção de cinema.	Percurso.
1995	Medeiros, Liliâne L. Carvalho	Da experiência de acompanhamento terapêutico com crianças psicóticas: relato de um caso.	Perfil: Boletim de Psicologia.
1996	Ayub, Paula.	Do amigo qualificado ao acompanhante terapêutico.	Infante: Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência.
1997	Porto, Maurício.	Quarto-mundo.	Percurso.
1997	Salotti, Maria Regina Ribeiro; França, Sonia Aparecida Moreira.	Acompanhamento terapêutico: prática dinâmica de ocupação do espaço urbano.	Vertentes.
1997	Zamignani, Denis Roberto.	O Trabalho do Acompanhante Terapêutico: A prática de um analista do Comportamento.	Revista Biociências.
1998	Cataldo Neto, Alfredo; Zanella, Ana Paula.	O acompanhante terapêutico (AT) no tratamento de pacientes psiquiátricos graves.	Revista de Medicina da PUC RS.
1999	Palombini, Analice de Lima.	O louco e a rua: a clínica em movimento mais além das fronteiras institucionais.	Educação, subjetividade & poder
1999	Proença, Patrícia França; Lapastini, Maria Alice Barbosa.	Entrevista com Dr. Eduardo Kalina.	Psicologia: Teoria e Prática.
2000	Kasper, Simone Goulart.	Transitando pela Clínica do AT.	Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
2000	Moreira, Geisa Maria Emília Lima.	O acompanhante terapêutico - impasses e possibilidades do atendimento domiciliar.	Psicologia em Revista.
2000	Silva, Alex Sandro Tavares.	A "Clínica de Rua": Acompanhamento Terapêutico.	Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul.
2001	Deus, Ricardo Telles	O Sirenista.	Pulsional: Revista de Psicanálise.
2001	Fráguas, Veridiana; Berlinck, Manoel Tosta.	Entre o pedagógico e o terapêutico: algumas questões sobre o acompanhamento terapêutico dentro da escola.	Revista Estilos da Clínica.
2002	Backes, Carmen.	O Fóbico e Seu Acompanhante.	Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
2002	Donini, Angela; Marques, Débora Gavira; Mecca, Renata Caruso; Oliveira Neto, Sebastião; Silva, Fernanda de Paula.	Acompanhamento terapêutico e transtornos alimentares.	O mundo da saúde.
2002	Maia, Maria Silvana.	O louco na cidade: clínica na rua. Moradia protegida e Acompanhamento Terapêutico.	A rede: clínica ampliada em saúde mental.
2002	Aguiar, Jair Rodrigues.	A clínica do Acompanhamento Terapêutico. Clínica urgentemente.	A rede: clínica ampliada em saúde mental.
2002	Palombini, Analice de Lima.	Passagens obstruídas: quartos privativos, mínimas janelas.	Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Clínica da adolescência.
2002	Ribeiro, Thaís da Cruz Carneiro.	Acompanhar é uma barra: considerações teóricas e clínicas sobre o acompanhamento psicoterapêutico.	Psicologia, Ciência e Profissão.
2002	Santos, Lúcia Grossi dos; Nogueira, Anamaria Batista; Dutra, Juliana Barbosa Rezende.	O acompanhamento terapêutico como dispositivo clínico na reinserção social do psicótico	Revista Psicologia Plural.
2002	Canongia, Ana Irene; Teixeira, Sônia Regina Lima Pinto.	O recurso terapêutico do acompanhamento visibilizado no (en)canto.	Pulsional: revista de psicanálise.
2002	González, Luis Enrique Rubi	El lazo social: la función de testigo desde el acompañamiento terapêutico em las psicosis.	Pulsional: revista de psicanálise.
2002	Jeruzalinski, Julieta.	O AT e a construção de um protagonismo.	Pulsional: revista de psicanálise.

2003	Freitas, Ana Paula de	O espaço cênico da rua: psicodrama e acompanhamento terapêutico com a terceira idade.	Revista Brasileira de Psicodrama.
2003	Kirschbaum, Debora Isane Ratner; Rosa, Tatiane Morelati	Os trabalhadores de enfermagem como acompanhantes terapêuticos de um centro de atenção psicossocial.	Revista da Escola de Enfermagem da USP.
2003	Moreira, Jacqueline de Oliveira	Matrizes históricas do acompanhamento terapêutico: raízes e conceituação	Pulsional: revista de psicanálise.
2003	Nogueira, Anamaria Batista; Pereira, Angélica da Costa; Peixoto, Daniela Gurgel; Dutra, Juliana Barbosa Rezende; Santos, Lúcia Grossi dos	Pesquisando a história do acompanhamento terapêutico	Revista Psicologia Plural
2004	Camargo, Rodrigo Ferraz.	Espaço e estrutura: o caso urbano.	Mental.
2004	Fonseca, José Paulo.	Luto antecipatório: experiências familiares diante de uma morte anunciada.	Família e Comunidade.
2004	Quagliatto, Helga de Souza Machado; Santos, Ricardo Gomides	Psicoterapia psicanalítica e acompanhamento terapêutico: uma aliança de trabalho	Psicologia, Ciência e Profissão.
2004	Souza, Alexandre Moreira de; Cabrit, Elaine Costa; Costa, Elaine; Koda, Mima Yamazato; Ramalho, Simone Aparecida	O acompanhamento terapêutico: uma estratégia de reabilitação psicossocial.	Psicologia em Revista.
2005	Andrade, Rubia Laine de Paula; Pedrão, Luiz Jorge	Algumas considerações sobre a utilização de modalidades terapêuticas não tradicionais pelo enfermeiro na assistência de enfermagem psiquiátrica.	Revista Latinoamericana de enfermagem.
2005	Almeida, Beatriz Helena de.	A mulher que não existe no laço social: um caso de paranoia.	Estilos da Clínica.
2005	Araujo, Fabio.	Do amigo qualificado à política de amizade.	Estilos da Clínica.
2005	Bellenzani, Renata; Malfitano, Ana Paula Serrata	Juventude, vulnerabilidade social e exploração sexual: um olhar a partir da articulação entre saúde e direitos humanos.	Saúde e Sociedade.
2005	Carniel, Aline Dadalte; Pedrão, Luiz Jorge	A prática de acompanhante terapêutico com o portador de transtorno mental.	SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas.
2005	Guerra, Andréa Máris Campos; Milagres, Andréa Franco	Com quantos paus se faz um acompanhamento terapêutico? contribuições da psicanálise a essa clínica em construção.	Estilos da Clínica.
2005	Hermann, Maurício Castejón	O significante e o real na psicose: ferramentas conceituais para o acompanhamento terapêutico.	Estilos da Clínica.
2005	Palombini, Analice de Lima; Cabral, Károl Veiga; Belloc, Márcio Mariath	Acompanhamento terapêutico: vertigens da clínica no concreto da cidade.	Estilos da Clínica.
2005	Pulice, Gabriel Omar; Manson, Federico; Teperman, Daniela. (Trad.)	Acompanhamento terapêutico: contexto legal, coordenadas éticas e responsabilidade profissional.	Estilos da Clínica.
2005	Pitiá, Ana Celeste de Araújo.	O resgate da cidadania: o acompanhamento terapêutico e o aspecto da reabilitação psicossocial.	Saúde em Debate.
2005	Ribot, Georgette; Machado, M. Stella.	Da errância à transumância: acompanhamento educativo de adolescentes delinquentes.	Revista Estilos da Clínica.
2005	Santos, Lúcia Grossi dos; Motta, Juliana Meirelles; Dutra, Maria Cristina Bechelany	Acompanhamento terapêutico e clínica das psicoses.	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.
2005	Simões, Cristiane Helena Dias; Kirschbaum, Débora Isane Ratner	Produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil de 1960 a 2003: uma análise crítica	Revista Gaúcha de Enfermagem.
2006	Estellita-Lins, Carlos; Oliveira, Verônica Miranda; Coutinho, Maria Fernanda	Acompanhamento terapêutico: intervenção sobre a depressão e o suicídio.	Psychê.
2006	Fiorati, Regina Célia; Saeki, Toyoko	O acompanhamento terapêutico: criatividade no cotidiano	Psychê.
2006	Fujihira, Carolina Yuki	Acompanhando a inclusão: um percurso ético	Psychê.
2006	Lerner, Rogério	Matriz discursiva da contra-transferência: discussão ética acerca do acompanhamento terapêutico e de instituições de saúde mental.	Psychê.
2006	Londero, Igor; Pacheco, Janaína Thais Barbosa	Por que encaminhar ao acompanhante terapêutico? Uma discussão considerando a perspectiva de psicólogos e psiquiatras.	Psicologia em estudo.
2006	Maia, Suzana Magalhães.	O acompanhamento terapêutico como uma técnica de manejo.	Psychê.
2006	Metzger, Clarissa.	Contornos e fragmentação do eu na psicose: reflexão a partir do acompanhamento terapêutico de uma	Psychê.

		adolescente.	
2006	Muylaert, Marília Aparecida.	AT como dispositivo clínico: uma perspectiva da esquizoanálise.	Psychê.
2006	Palombini, Analice de Lima.	Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político.	Psychê.
2006	Peixeiro, Maíra Humberto.	A clínica do acompanhamento terapêutico: intervenções quando a recusa toma a cena.	Psychê.
2006	Piccinini, Walter.	O acompanhante terapêutico.	Psychiatry On-line Brazil.
2006	Pitiá, Ana Celeste de Araújo	Um olhar sobre o acompanhamento terapêutico pelo conceito reichiano de auto-regulação social.	Psychê.
2006	Pitiá, Ana Celeste de Araújo; Santos, Manoel Antônio dos	O acompanhamento terapêutico como estratégia de continência do sofrimento psíquico.	SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.
2006	Safra, Gilberto	Placement: modelo clínico para o acompanhamento terapêutico.	Psychê.
2006	Salvari, Lúcia de Fátima Carvalho; Dias, Cristina Maria de Souza Brito.	Os problemas de aprendizagem e o papel da família: uma análise a partir da clínica.	Estudos de Psicologia.
2006	Sereno, Deborah	Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva	Psychê.
2006	Silva, Alex Sandro Tavares da; Silva, Rosane Neves da	A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental.	Psicologia, Ciência e Profissão.
2006	Varella, Maria do Rosário Dias; Lacerda, Fernanda; Madeira, Michelângela	Acompanhamento terapêutico: da construção da rede à reconstrução do social.	Psychê.
2006	Freitas, Ana Paula de.	Transformações da expansividade afetiva de idosos com transtornos psiquiátricos como avaliação dos resultados do acompanhamento terapêutico.	Revista Brasileira de Psicodrama.
2006	Veloze, Renata Simões; Serpa Junior, Octávio Domont.	O acompanhamento terapêutico “em ação” no campo público da assistência em saúde mental.	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.
2006	Yagiu, Hailton	Reflexões sobre o enquadre no acompanhamento terapêutico	Psychê.
2006	Zilberleib, Carlota Maria Oswald Vieira	O acompanhamento terapêutico e as relações de objeto em pacientes-limites	Psychê.
2008	Azevedo, Thaís; Dimenstein, Magda.	O Acompanhamento Terapêutico no cuidado em Saúde Mental.	Estudos e Pesquisas em Psicologia.
2008	Fiorati, Regina Célia; Saeki, Toyoko	O acompanhamento terapêutico na internação hospitalar: inclusão social, resgate de cidadania e respeito à singularidade.	Interface – Comunicação, Saúde e Educação.
2008	Melão, Mariana Soares.	A escrita e a constituição do sujeito: um caso de autismo.	Estilos da Clínica.
2008	Paravidini, João Luiz Leitão; Alvarenga, Cérisse	Acompanhamento Terapêutico (AT) e saberes psicológicos: enfrentando a história.	Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia.
2008	Sousa, Namara.	Atuação em rede de proteção social.	Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar.
2008	Moraes, Maria Cristina	Comentários sobre o trabalho do acompanhamento terapêutico (at): uma outra possibilidade terapêutica de intervenção.	Revista Psicoterapia Psicanalítica.
2008	Moraes, Gabriela Soviero; Herrera, Linda Betina.	O acompanhamento terapêutico (at): uma outra possibilidade terapêutica de intervenção.	Revista Psicoterapia Psicanalítica.
2008	Zanetti, Clovis Eduardo.	O Acompanhamento Terapêutico (AT) no Hospital Geral: Música e Psicologia Aplicada à Saúde.	Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar.
2009	Bezerra, Cíntia Guedes; Dimenstein, Magda	Acompanhamento terapêutico na proposta de alta-assistida implementada em hospital psiquiátrico: relato de uma experiência	Psicologia Clínica.
2009	Brandalise, Fernando; Rosa, Gabriela Lyra	Velhas Estradas: Caminho Novo – Acompanhamento Terapêutico No Contexto Da Reforma Psiquiátrica	Cadernos Brasileiros de Saúde Mental.
2009	Brandalise, Fernando; Rosa, Gabriela Lyra	Estratégias clínicas: a construção de projetos terapêuticos e o acompanhamento terapêutico-at na atenção psicossocial.	Cadernos Brasileiros de Saúde Mental.
2009	Estellita-Lins, Carlos; Oliveira, Verônica Miranda; Coutinho, Maria Fernanda	Clínica ampliada em saúde mental: cuidar e suposição de saber no acompanhamento terapêutico.	Ciência. Saúde Coletiva.
2009	Nogueira, Anamaria Batista	O acompanhamento terapêutico e sua caracterização em Betim e Belo Horizonte.	Psicologia em Revista.
2009	Estellita-Lins, Carlos; Oliveira, Verônica Miranda; Coutinho, Maria Fernanda; Bteshe, Mariana.	Por uma Tentativa de Situar o Acompanhamento Terapêutico entre a Psicanálise e a Psiquiatria Comunitária.	Revista AdVerbum.
2009	Palombini, Analice de Lima	Utópicas cidades de nossas andanças: flânerie e amizade no acompanhamento terapêutico	Fractal: Revista de Psicologia.
2009	Pitiá, Ana Celeste de Araújo; Furegato, Antonia Regina Ferreira	O Acompanhamento Terapêutico (AT): dispositivo de atenção psicossocial em saúde mental.	Interface – Comunicação, Saúde e Educação.

2009	Ribeiro, Alessandra Monachesi	A idéia de referência: o acompanhamento terapêutico como paradigma de trabalho em um serviço de saúde mental.	Estudos de Psicologia.
2009	Santos, Ricardo Gomide	A inserção do acompanhamento terapêutico em um modelo interdisciplinar de atendimento a pacientes neurológicos.	Cadernos Brasileiros de Saúde Mental.
2009	Werneck Filho, Braz Dario.	Acompanhamento Terapêutico com pacientes maníacos: reconstruções teóricas baseadas na prática clínica.	Psychiatry On Line Brazil.
2009	Werneck Filho, Braz Dario.	Hospital-Dia e Acompanhamento Terapêutico: trabalhos essenciais em saúde mental.	Psychiatry On Line Brazil.
2010	Carniel, Aline Cristina Dadalte; Pedrão, Luiz Jorge	Contribuições do acompanhamento terapêutico na assistência ao portador de transtorno mental.	Revista Eletrônica de Enfermagem.
2010	Chauf-Berlinck, Luciana	O acompanhamento terapêutico e a formação do psicólogo: por uma saúde humanizada.	Arquivos Brasileiros de Psicologia.
2010	Costa, Ana Paula Carvalhoda; Poli, Maria Cristina	Dos discursos no laço social: a construção de uma moradia possível na psicose.	Psicologia em revista.
2010	Hermann, Maurício Castejón	Acompanhamento terapêutico, sua criação em uma montagem institucional de tratamento e as ofertas de laço social	Estilos da Clínica.
2010	Lattanzio, Felipe Figueiredo; Braga, Lucas Henrique.	O acompanhamento terapêutico na perspectiva lacaniana: contribuições para uma clínica em construção.	Revista Estudos Lacanianos.
2010	Silva, Marcos Vinícius de Oliveira; Costa, Fernanda Rebouças Maia; Neves, Luane Matos.	Programa de Intensificação de Cuidados: Experiência Docente-Assistencial em Psicologia e Reforma Psiquiátrica	Psicologia: Ciência e Profissão.
2010	Vilela, Aline Aguiar Mendes; Silva, Celso Renato; Oliveira, Janette Brito de.	O AT como recurso clínico no tratamento da psicose.	CliniCaps – Impasses da clínica.
2010	Wachs, Felipe; Jardim, Camila; Paulon, Simone Mainieri; Resende, Vera.	Processos de subjetivação e territórios de vida: o trabalho de transição do hospital psiquiátrico para serviços residenciais terapêuticos.	Physis Revista de Saúde Coletiva.
2010	Werneck Filho, Braz Dario.	Os três elementos essenciais do Acompanhamento Terapêutico: encontro no cotidiano, intuição e movimento.	Psychiatry On Line Brazil.
2011	Gulassa, Daniel, C. R.	“Tire-me desta, mas daqui não me deixe sair!” Hospitalismo: Reflexões sobre o drama da (co) dependência em instituição psiquiátrica.	Revista Brasileira de Psicodrama.
2011	Reis Neto, Raymundo de Oliveira; Pinto, Ana Carolina Teixeira; Oliveira, Luiz Gustavo Azevedo	Acompanhamento terapêutico: história, clínica e saber.	Psicologia, Ciência e Profissão.
2011	Leães, Marcelo Lubisco.	Estendendo a psicanálise: acompanhamento terapêutico na cidade, o corpo e possibilidades.	Revista do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre.
2012	Gerab, Cristiana Kehdi; Berlinck, Manoel Tosta.	Considerações sobre o enquadre na clínica do AT.	Estilos da Clínica.
2012	Londero, Mario Francis Petry; Paulon, Simone Mainieri	Intermitências no cotidiano: criação e resistência na clínica	Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental.
2012	Marco, Mariana Nunes da Costa; Calais, Sandra Leal.	Acompanhante Terapêutico: caracterização da prática profissional na perspectiva da análise do comportamento.	Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva.
2012	Montezi, Aline Vilarinho.	A importância do cotidiano oferecido pelo acompanhante terapêutico a pacientes psicóticos.	Estudos Interdisciplinares em Psicologia.
2012	Sereno, Deborah	Sobre a ética no acompanhamento terapêutico (AT).	Psicologia em Revista.
2012	Barretto, Kleber Duarte	A terceira margem do rio: reflexões para uma ética do acompanhar.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVESSAR.
2012	Chauf-Berlinck, Luciana	JJ, o menino sol: o AT na volta para casa.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVESSAR.
2012	Chauf, Marilena	Desencontros e encontros.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVESSAR.
2012	Chávez, Alejandro	El rol, la autopercepción del rol y la función.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVESSAR.
2012	Dozza, Leonel M.	Enquadre abierto y clínica de lo cotidiano.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVESSAR.
2012	Mauer, Suzana Kuras de; Resnizky, Silvia.	Acompanhamento Terapêutico e lógicas fraternas.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVESSAR.
2012	Portela, Mayda.	El a-fectarse do AT y sus efectos en el tratamiento.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVESSAR.
2012	Ramos, Fernanda Quirino; Majolo, Thiago.	Instantes de encontros com crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVESSAR.
2012	Safra, Gilberto.	Acompanhamento Terapêutico: uma clínica assentada na ética.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVESSAR
2013	Affonso, Karina Costa.	O show da fé e o acompanhamento terapêutico:	Revista de Acompanhamento

		acompanhando na igreja internacional da graça de Deus, no centro de São Paulo.	Terapêutico ATRAVERSAR.
2013	Antúñez, Andrés Eduardo Aguirre; Martins, Florinda.	Acompanhamento Terapêutico: vinculação dos fenômenos contingentes e da vida privada.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVERSAR.
2013	Elias, Andressa Mariana Saldanha.	Acompanhamento Terapêutico em hospital de reabilitação fisioterápica.	Fractal: Revista de Psicologia.
2013	Freitas, Ana Paula.	Olhares e perspectivas do acompanhante terapêutico sobre a família do acompanhado.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVERSAR.
2013	Romero, Raúl Guillermo; Sacadura, Siddhartha Araújo Rocha Cabral. (Trad.)	O acompanhamento terapêutico, campo de intervenções específicas, uma questão ética.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVERSAR.
2013	Sacadura, Siddhartha Araújo Rocha Cabral.	Autenticidade e a práxis do acompanhamento terapêutico.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVERSAR.
2013	Silva, Dami; Silveira, Ricardo Wagner Machado.	Devires e drivers da clínica: acontecimentos no acompanhamento terapêutico.	Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia.
2013	Yagiú, Hailton.	Management no acompanhamento terapêutico de uma paciente psicótica idosa.	Revista de Acompanhamento Terapêutico ATRAVERSAR.
2013	Disconsi, Aline Martins; Cavedon, Bárbara Zaffari; Greff, Bruno Prates; Chassot, Carolina Seibel; Galvão, Carolina; Leães, Marcelo Lubisco; Carvalho, Mônica Garrafiel.	Acompanhamento Terapêutico: Andanças pelo dentro e o fora da Instituição.	Psicologia & Sociedade.
2013	Oliveira, Rafael Wolski	Os caminhos da reforma psiquiátrica: Acompanhamento Terapêutico, propagação e contágio na metrópole.	Psicologia & Sociedade.
2013	Porto, Maurício.	A pólis arquipélago: Notas do Acompanhamento Terapêutico.	Psicologia & Sociedade.
2013	Lemke, Ruben Artur; Silva, Rosane Azevedo Neves.	Itinerários de construção de uma lógica territorial do cuidado.	Psicologia & Sociedade.
2013	Costa, Luis Artur; Fonseca, Tania Mara Galli.	Cidades Sutis: Dispersão Urbana e da rede de saúde mental.	Psicologia & Sociedade.
2013	Marques, Mariana Ribeiro.	A prática do acompanhamento terapêutico como estratégia de expansão territorial: uma incursão cartográfica.	Psicologia & Sociedade.
2013	Meira, Ana Marta.	As crianças na cidade e o acompanhamento terapêutico.	Psicologia & Sociedade.
2013	Cunda, Mateus Freitas; Piccinini, Carlos Augusto; Meimes, Maíra Ainhoren; Nerva, Pedro Craidy; Martins, Carolina Hetz; Machry, Denise Santos; Mendes Ribeiro, Marianne Stolzmann.	Ensaio de uma rede ampliada entre os circuitos de exclusão dos adolescentes.	Psicologia & Sociedade.
2013	Lazzarotto, Gislei Domingas Romanzini; Carvalho, Julia Dutra; Becker, Julia Lângaro.	Acompanhando micropolíticas juvenis: estratégias clínico-institucionais.	Psicologia & Sociedade.
2013	Pitiá, Ana Celeste de Araújo.	Acompanhamento Terapêutico e ação interdisciplinar na atenção psicossocial.	Psicologia & Sociedade.
2013	Fiorati, Regina Célia.	Acompanhamento Terapêutico, Clínica e atenção psicossocial: uma relação possível? Reflexão crítica segundo a hermenêutica dialética de Jürgen Habermas.	Psicologia & Sociedade.
2013	Vasconcelos, Michele de Freitas Faria; Machado, Dagoberto de Oliveira; Mendonça Filho, Manoel.	Acompanhamento Terapêutico e reforma psiquiátrica: questões, tensões e experimentações de uma clínica antimanicomial.	Psicologia & Sociedade.
2013	Gonçalves, Laura Lamas Martins; Barros, Regina Duarte Benevides.	Função de Publicização do Acompanhamento Terapêutico: a produção do comum na clínica.	Psicologia & Sociedade.
2013	Kibrit, Bruna	Possibilidades e desafios na Inclusão Escolar.	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.
2013	Acioli Neto, Manoel de Lima & Amarante, Paulo Duarte de Carvalho.	O Acompanhamento Terapêutico com estratégia de cuidado na atenção psicossocial.	Psicologia, Ciência e Profissão.

Anexo 2- Tabela 4: Dissertações de Mestrado em AT

Ano	Autor(a)	Título	Instituição de Ensino Superior (IES)
1995	Reis Neto, R.O.	Acompanhamento Terapêutico: Emergência e trajetória histórica de uma prática em saúde mental no Rio de Janeiro.	Pontifícia Universidade Católica/RJ. Psicologia Clínica.
1996	Sereno, D.	Acompanhamento Terapêutico de Pacientes Psicóticos: Uma clínica na cidade.	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
1997	Barretto, K.D.	Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança pelos Campos da Transicionalidade: Relatos de um Acompanhante Terapêutico.	Pontifícia Universidade Católica/SP. Psicologia Clínica.
1999	Cauchick, M.P. ¹⁰	Intervenções no acompanhamento terapêutico.	Pontifícia Universidade Católica/SP.
1999	Araújo, A.	O acompanhamento terapêutico no processo de desinstitucionalização hospitalar.	Programa de Pós Graduação em Educação Especial. Universidade Federal São Carlos.
2002	Carregari, J.C.	Cartografias da "Excepcionalidade": para uma (re) invenção das práticas de cuidado.	Mestrado em Psicologia. Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho". UNESP – Assis.
2002	Carvalho, S.S.	Acompanhamento Terapêutico: Que clínica é essa?	Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.
2002	Ramos, L.H.	Funcionamento mental e a eficácia adaptativa de acompanhantes terapêuticos que atuam com pacientes psicóticos.	Universidade Metodista de São Paulo. Psicologia.
2003	Fráguas, V.	Saindo do ab(aut)ismo: o vivido de uma experiência a partir de um trabalho de acompanhamento terapêutico.	Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de SP.
2003	Richter, E. P.	Fragmentos de um acompanhamento terapêutico: Reflexões a partir da teoria crítica da sociedade.	Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica/SP).
2004	Pelliccioli, E.	O trabalho do acompanhamento terapêutico em grupos: novas tecnologias na rede pública de saúde.	Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
2005	Silva, A.S.T.	A Emergência do Acompanhamento Terapêutico: O processo de constituição de uma clínica.	Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul
2005	Simões, C.H.D.	A produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil de 1960 a 2003: uma análise crítica	Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas.
2005	Araújo, F.	Um passeio esquivo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos clínicos à política da amizade.	Universidade Federal Fluminense. Mestrado em Psicologia.
2005	Belloc, M.M.	Ato criativo e cumplicidade.	Mestrado em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2005	Cabral, K.V.	Acompanhamento terapêutico como dispositivo da reforma psiquiátrica: considerações sobre o setting.	Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul
2005	Zilberleib, C.M.O.V.	O acompanhamento terapêutico e as relações de objeto em pacientes-limite.	Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica/SP.
2006	Alvarenga, C.	Trânsitos da clínica do acompanhamento terapêutico (AT): da via histórica à cotidiana	Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia.
2006	Fiorati, R.C.	Acompanhamento Terapêutico: uma estratégia terapêutica em uma unidade de internação psiquiátrica.	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo.
2006	Deus, R.T.	O psicótico e o seu ninho: um estudo clínico sobre o setting e os seus destinos.	Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica/SP.
2007	Benevides, L.L.M. G.	A função de publicização do acompanhamento terapêutico na clínica: O contexto, o texto e o foratexto do AT.	Universidade Federal Fluminense. Mestrado em Psicologia.
2007	Coelho, C.F.M.	Convivendo com Miguel e Mônica: uma proposta de acompanhamento terapêutico de crianças autistas.	Universidade de Brasília. Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura.
2007	Nogueira, A.B.	O acompanhamento terapêutico na psicose [manuscrito]: possibilidades de uma orientação analítica.	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais.
2008	Carniel, A.C.D.	O acompanhamento terapêutico na assistência e reabilitação psicossocial do portador de transtorno mental.	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo.
2008	Fujihira, C. Y.	Reflexões sobre a inclusão: o trajeto de uma clínica do acompanhamento terapêutico focado na deficiência.	Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.
2009	Marinho, D.M.	Acompanhamento Terapêutico: Caminhos clínicos, políticos e sociais para a consolidação	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

¹⁰Apesar de termos tido acesso ao livro que foi fruto dessa dissertação em books.google.com.br, não encontramos referência do setor em que foi desenvolvido o mestrado.

		da Reforma Psiquiátrica brasileira.	
2009	França, D.A.	Passado da tarde: um estudo sobre o "setting clínico ambulante" do Acompanhamento Terapêutico de grupo.	Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília.
2009	Ghertman, I.A.	Aproximações a uma metapsicologia freudiana da escuta: ressonâncias a partir do campo do acompanhamento terapêutico.	Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.
2009	Parra, L.S.	Atando laços e desatando nós: reflexões sobre a função do acompanhamento terapêutico na inclusão escolar de crianças autistas.	Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília.
2009	Peixoto, A.C.	Os trajetos do Acompanhamento Terapêutico na cidade (São Paulo, 1980 - 2004).	Pontifícia Universidade Católica/SP. Mestrado em História.
2010	Bazhuni, N.F.N.	Acompanhamento Terapêutico como dispositivo psicanalítico de tratamento das psicoses na saúde mental.	Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.
2010	Possani, T.	A experiência de \ sentir com\ (Einführung) no acompanhamento terapêutico: a clínica do acontecimento.	Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.
2011	Ramos, F. Q.	Reflexões sobre o potencial terapêutico dos encontros com crianças e adolescentes em situação de rua no centro da cidade de São Paulo.	Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.
2011	Gerab, C.K.	A desorientação no acompanhamento terapêutico.	Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica/SP.
2011	Costa, A.P.C.	O acompanhamento terapêutico no processo de construção de uma moradia possível na psicose: uma pesquisa psicanalítica.	Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2011	Miranda, C. M.	Saúde Mental infanto-juvenil: uma reflexão sobre políticas públicas a partir do dispositivo intercessor como meio de produção de conhecimento na práxis.	Mestrado em Psicologia. Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho". UNESP – Assis.
2011	Londero, M. F. P.	O acontecer na clínica: quando o criar resiste ao cotidiano.	Mestrado em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2011	Marco, M. N. C.	Acompanhante Terapêutico: caracterização da prática profissional na perspectiva analítico-comportamental.	Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho". UNESP – Bauru.
2011	Macedo, S. P.	A clínica no espaço público: vivência de atores envolvidos no processo de acompanhamento terapêutico (AT).	Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho". UNESP – Bauru.
2011	Iamin, S.R.S.	Adolescentes na vivência do câncer: A interface da pesquisa-cuidado e acompanhamento terapêutico.	Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia Aplicada à Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdades Pequeno Príncipe
2012	Fonseca, G. M.	Os caminhos no Acompanhamento Terapêutico.	Mestrado em Psicologia. Universidade Federal Fluminense.
2012	Carvalho, J.D.	Mergulhos de uma psicologia no acompanhamento juvenil: clínica porvir?	Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2012	Gonçalves, C.A.B.	A contratransferência na clínica contemporânea: abertura para o inédito.	Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.
2012	Marchi, S.	A arte como intermediador terapêutico para o desenvolvimento humano.	Mestrado em Psicologia Clínica. Universidade de São Paulo
2012	Tristão, K. G.	Acompanhamento Terapêutico: concepção e significados da prática de AT na Grande Vitória – ES.	Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo.
2012	Araripe, N. B.	A atuação do acompanhante terapêutico no processo de inclusão escolar.	Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Ceará.
2012	Nascimento, A. K. C.	Implicações da Ação Clínica dos Acompanhantes Terapêuticos nas redes sociais da cidade de Recife – PE.	Psicologia Clínica. Universidade Católica de Pernambuco.
2013	Silva, D.	Entre-lugares e entre-tempos: cartografias de um acompanhamento terapêutico.	Psicologia Aplicada. Universidade Federal de Uberlândia.
2013	Yaegashi, M. S.	Percepções e sentimentos do acompanhante terapêutico de pessoas em sofrimento psíquico.	Mestrado em Enfermagem. Universidade Guarulhos.

Anexo 3 – Tabela 5: Teses de Doutorado e de Livre Docência em AT

Ano	Autor(a)	Título	Instituição de Ensino Superior (IES)
2002	Pitiá, A.C.A.	Acompanhamento terapêutico com enfoque da psicoterapia corporal: uma clínica em construção.	Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.
2006	Farinha, M.G.	Acompanhamento Terapêutico como estratégia de inserção da pessoa em sofrimento psíquico na comunidade: estudo em um programa de Saúde da Família.	Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.
2006	Silveira, R.W.M.	Amizade e Psicoterapia.	Pontifícia Universidade Católica/SP. Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica.
2007	Palombini, A.L.	Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica.	Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. (Saúde Coletiva)
2008	Hermann, M. C.	Acompanhamento terapêutico e psicose: um articulador do real, simbólico e imaginário.	Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia.
2011	Chauí-Berlinck, L.	Andarilhos Do Bem: Os Caminhos Do Acompanhamento Terapêutico.	Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia.
2012	Antúñez, A. E. A.	Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia.	Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia.
2013	Santos, Ricardo Gomide.	Acompanhamento Terapêutico de pacientes neurológicos: uma experiência de ensino em psicanálise.	Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia.

Anexo 4: Listagem completa de Referências

- Acioli Neto, M. L. & Amarante, P. D. C. (2013). O Acompanhamento Terapêutico como estratégia de cuidado na atenção psicossocial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33 (4), 964-975.
- Affonso, K. C. (2013). O show da fé e o acompanhamento terapêutico: acompanhando na igreja internacional da graça de Deus, no centro de São Paulo. *A Travessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 27-43.
- Aguiar, J. R. (2002). A clínica do Acompanhamento Terapêutico. Clínica urgentemente. *A Rede: clínica ampliada em saúde mental*, 1 (1), 42-48.
- Almeida, B. H. M. (2005). A mulher que não existe no laço social: um caso de paranoia. *Estilos da clínica*, 10 (19), 122-131.
- Alvarenga, C. (2006). *Trânsitos da clínica do acompanhamento terapêutico (AT): da via histórica à cotidiana* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- Andrade, R. L. P. & Pedrão, L. J. (2005). Algumas considerações sobre a utilização de modalidades terapêuticas não tradicionais pelo enfermeiro na assistência de enfermagem psiquiátrica. *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, 13 (5), 737-742.
- Antúnez, A. E. A. (2011) (Org.). *Acompanhamento Terapêutico: casos clínicos e teorias*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Antúnez, A. E. A. (2012). *Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia* (Tese de livre Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Antúnez, A. E. A. & Martins, F. (2013). Acompanhamento Terapêutico: vinculação dos fenômenos contingentes e da vida privada. *A Travessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 2 (1), 19-26.
- Araripe, N. B. (2012). *A atuação do acompanhante terapêutico no processo de inclusão escolar* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Ceará.
- Araújo, A. (1999). *O acompanhamento terapêutico no processo de desinstitucionalização hospitalar* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal São Carlos, São Paulo.
- Araújo, F. (2005). *Um passeio esquivo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos clínicos à política da amizade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Araujo, F. (2005). Do amigo qualificado à política da amizade. *Estilos da clínica*, 10 (19), 84-105.

- Associação de Acompanhamento Terapêutico (n.d.). Sobre o AT. *Associação de Acompanhamento Terapêutico (AAT) Web site*. Acedido Junho 7, 2013, em <http://www.aat.org.br/sobre-o-at/>.
- Ayub, P. (1996). Do amigo qualificado ao acompanhante terapêutico. *Infanto: Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência*, 4 (2), 37-40.
- Azevedo, T. & Dimenstein, M. (2008). O Acompanhamento Terapêutico no cuidado em Saúde Mental. *Estudos e Pesquisas em Psicologia (UERJ)*, 8 (3), 658-671.
- Backes, C. (2002). O Fóbico e Seu Acompanhante. Em: Psicopatologia do Espaço e Outras fronteiras. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 10 (22), 30-37.
- Barretto, K. D. (1997). *Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança pelos Campos da Transicionalidade: Relatos de um Acompanhante Terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Barretto, K. D. (1997). Uma proposta de uma visão ética no acompanhamento terapêutico. EM: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A CASA (Org.). *Crise e cidade: acompanhamento terapêutico* (pp.241-268). São Paulo, SP: Escuta.
- Barretto, K. D. (2012). A terceira margem do rio: reflexões para uma ética do acompanhar. *A Travessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 45-57.
- Bazhuni, N. F. N. (2010). *Acompanhamento Terapêutico como dispositivo psicanalítico de tratamento das psicoses na saúde mental* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bellenzani, R. & Malfitano, A. P. S. (2006). Juventude, vulnerabilidade social e exploração sexual: um olhar a partir da articulação entre saúde e direitos humanos. *Saúde e Sociedade*, 15 (3), 115-130.
- Belloc, M. M. (2005). *Ato criativo e cumplicidade* (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Benevides, L. L. M. G. (2007). *A função de publicização do acompanhamento terapêutico na clínica: O contexto, o texto e o foratexto do AT* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Berger, E, Morettin, A. V., & Braga Neto, L. (1991). Introdução à Clínica do Acompanhamento Terapêutico: I. História. Em: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.). *A rua como espaço clínico - Acompanhamento terapêutico*. (pp.17-23). São Paulo,SP: Escuta.
- Bezerra, C. G., & Dimenstein, M. (2009). Acompanhamento terapêutico na proposta de alta-assistida implementada em hospital psiquiátrico: relato de uma experiência. *Psicologia Clínica*, 21 (1), 15-32.
- Braga, F. & Gonzaga, L. (1991). Acompanhamento terapeutico: esboço de articulação de uma terapêutica profana. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, 2 (4), 146-156.

- Brandalise, F. & Rosa, G. L. (2009a). Velhas Estradas: Caminho Novo – Acompanhamento Terapêutico No Contexto Da Reforma Psiquiátrica. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 1 (1). (CD-ROM).
- Brandalise, F. & Rosa, G. L. (2009b). Estratégias clínicas: a construção de projetos terapêuticos e o acompanhamento terapêutico-at na atenção psicossocial. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 1 (2), 150-161.
- Cabral, K. V. (2005). *Acompanhamento terapêutico como dispositivo da reforma psiquiátrica: considerações sobre o setting* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Camargo, R. F. (2004). Espaço e estrutura: o caso urbano. *Mental*, 2 (2), 55-65.
- Canongia, A. I. & Teixeira, S. R. L. P. (2002). O recurso terapêutico do acompanhamento visibilizado no (en)canto. *Pulsional: revista de psicanálise*, 15 (162), 11-14.
- Carniel, A. C. D. (2008). *O acompanhamento terapêutico na assistência e reabilitação psicossocial do portador de transtorno mental* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Carniel, A. C. D. & Pedrão, L. J. (2005). A prática de acompanhante terapêutico com o portador de transtorno mental. *Revista Eletrônica de Saúde Mental Álcool e Drogas (SMAD)*, 1 (2), 1-12.
- Carniel, A. C. D., & Pedrão, L. J. (2010). Contribuições do acompanhamento terapêutico na assistência ao portador de transtorno mental. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 12 (1), 63-72.
- Carregari, J. C. (2002). *Cartografias da “Excepcionalidade”: para uma (re) invenção das práticas de cuidado* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo.
- Carrozzo, N. L. M. (1991). Introdução à Clínica do Acompanhamento Terapêutico: III. Campo da Criação, Campo Terapêutico. Em: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.). *A rua como espaço clínico - Acompanhamento terapêutico*. (pp.31-40). São Paulo, SP: Escuta.
- Carvalho, S. S. (2002). *Acompanhamento Terapêutico: Que clínica é essa?* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília.
- Cataldo Neto, A. & Zanella, A. P. (1998). O acompanhante terapêutico (AT) no tratamento de pacientes psiquiátricos graves. *Revista de Medicina da PUC – RS*, 8 (4), 166-71.
- Cauchick, M. P. (1999). *Intervenções no acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Chauí-Berlinck, L. (2010). O acompanhamento terapêutico e a formação do psicólogo: por uma saúde humanizada. *Arquivos brasileiros de psicologia* (Online), 62 (1), 90-96.

- Chauí-Berlinck, L. (2011). *Andarilhos Do Bem: Os Caminhos Do Acompanhamento Terapêutico* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Chauí-Berlinck, L. (2012). JJ, o menino sol: o AT na volta para casa. *ATraversar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 31-38.
- Chauí, M. (2012). Desencontros e encontros. *ATraversar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 09-18.
- Chávez, A. (2012). El rol, la autopercepción del rol y la función. *ATraversar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 77-90.
- Coelho, C. F. M. (2007). *Convivendo com Miguel e Mônica: uma proposta de acompanhamento terapêutico de crianças autistas* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.
- Costa, A. L. F. (2006). *Publicação e avaliação de periódicos científicos: paradoxos da classificação qualis em psicologia* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte.
- Costa, A. P. C. (2011). *O acompanhamento terapêutico no processo de construção de uma moradia possível na psicose: uma pesquisa psicanalítica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Costa, A. P. C. & Poli, M. C. (2010). Dos discursos no laço social: a construção de uma moradia possível na psicose. *Psicologia em revista*, 16 (2), 409-427.
- Costa, L. A. & Fonseca, T. M. G. (2013). Cidades sutis: dispersão urbana e da rede de saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 21-30.
- Cunda, M. F., Piccinini, C. A., Meimes, M. A., Nerva, P. C., Martins, C. H., Machry, D. S., & Mendes Ribeiro, M. S. (2013). Ensaio de uma rede ampliada entre os circuitos de exclusão dos adolescentes. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 46-54.
- Deleuze, G.; Fortes, L.R.S. trad. (1974). *Lógica do Sentido*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Deus, R. T. (2001). O Sirenista. *Pulsional: revista de psicanálise*, 14 (150), 36-40.
- Deus, R.T. (2006). *O psicótico e o seu ninho: um estudo clínico sobre o setting e os seus destinos* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica São Paulo, São Paulo.
- Disconsi, A. M., Cavedon, B. Z., Greff, B. P., Chassot, C. S., Galvão, C., Leães, M. L., & Carvalho, M. G. (2013). Acompanhamento terapêutico: andanças pelo dentro e o fora da instituição. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 65-72.
- Donini, A.; Marques, D. G.; Mecca, R. C.; Oliveira Neto, S. & Silva, F. P. (2002). Acompanhamento terapêutico e transtornos alimentares. *O mundo da saúde*, 26 (3), 435-439.

- Dozza, L. M. (2012). Encuadre abierto y clínica de lo cotidiano. *A Traversar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 59-66.
- Eggers, J.C. (1985). Acompanhamento terapêutico: um recurso técnico em psicoterapia de pacientes críticos. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 7 (1), 5-10.
- Elias, A. M. S. (2013). Acompanhamento terapêutico em hospital de reabilitação fisioterápica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25 (1), 207-216.
- Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.) (1991). *A rua como espaço clínico. Acompanhamento terapêutico*. São Paulo, SP: Escuta.
- Equipe de ATs do Instituto A CASA. (1997). *Crise e Cidade: Acompanhamento terapêutico*. São Paulo, SP: EDUC.
- Estellita-Lins, C., Oliveira, V. M., & Coutinho, M. F. (2006). Acompanhamento terapêutico: intervenção sobre a depressão e o suicídio. *Psyche (Online)*, 10 (18), 151-166.
- Estellita-Lins, C., Oliveira, V. M., & Coutinho, M. F. (2009). Clínica ampliada em saúde mental: cuidar e suposição de saber no acompanhamento terapêutico. *Ciência: saúde coletiva*, 14 (1), 205-215.
- Estellita-Lins, C., Oliveira, V. M., Coutinho, M. F., & Bteshe, M. (2009). Por uma Tentativa de Situar o Acompanhamento Terapêutico entre a Psicanálise e a Psiquiatria Comunitária. *AdVerbum*, 4 (2), 59-63.
- Farah, I. (1994a). A clinica do acompanhamento terapeutico: uma alternativa que pode dar certo: atendimento de pessoas portadoras de síndrome de down (parte 1). *Temas sobre desenvolvimento*, 17 (3), 35-37.
- Farah, I. (1994b). A clinica do acompanhamento terapeutico: uma alternativa que pode dar certo: atendimento de pessoas portadoras de síndrome de down (parte 2). *Temas sobre desenvolvimento*, 19 (4), 25-32.
- Farinha, M.G. (2006). *Acompanhamento Terapêutico como estratégia de inserção da pessoa em sofrimento psíquico na comunidade: estudo em um programa de Saúde da Família* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fiorati, R. C. (2006). *Acompanhamento Terapêutico: uma estratégia terapêutica em uma unidade de internação psiquiátrica* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fiorati, R. C. (2013). Acompanhamento terapêutico, clínica e atenção psicossocial: uma relação possível? Reflexão crítica segundo a hermenêutica dialética de Jürgen Habermas. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 82-89.
- Fiorati, R. C., & Saeki, T. (2006). O acompanhamento terapêutico: criatividade no cotidiano. *Psyche*, 10 (18), 81-90.

- Fiorati, R. C., & Saeki, T. (2008). O acompanhamento terapêutico na internação hospitalar: inclusão social, resgate de cidadania e respeito à singularidade. *Interface*, 12 (27), 763-772.
- Fonseca, G. M. (2012). *Os caminhos no Acompanhamento Terapêutico* (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Fonseca, J. P. (2004). Luto antecipatório: experiências familiares diante de uma morte anunciada. *Família e Comunidade*, 1 (1), 39-67.
- Fráguas, V. & Berlinck, M. T. (2001). Entre o pedagógico e o terapêutico: algumas questões sobre o acompanhamento terapêutico dentro da escola. *Revista Estilos da Clínica*, 6 (11), 7-16.
- Fráguas, V. (2003). *Saindo do ab(aut)ismo: o vivido de uma experiência a partir de um trabalho de acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- França, D. A. (2009). *Passeio da tarde: um estudo sobre o "setting clínico ambulante" do Acompanhamento Terapêutico de grupo* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.
- Freitas, A. P. (2003). O espaço cênico da rua: psicodrama e acompanhamento terapêutico com a terceira idade. *Revista brasileira de psicodrama*, 11 (1), 11-26.
- Freitas, A. P. (2006). Transformações da expansividade afetiva de idosos com transtornos psiquiátricos como avaliação dos resultados do acompanhamento terapêutico. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 14 (2), 47-63.
- Freitas, A. P. (2013). Olhares e perspectivas do acompanhante terapêutico sobre a família do acompanhado. *A Travessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 09-18.
- Fujihira, C. Y. (2006). Acompanhando a inclusão: um percurso ético. *Psyche*, 10 (18), 101-108.
- Fujihira, C. Y. (2008). *Reflexões sobre a inclusão: o trajeto de uma clínica do acompanhamento terapêutico focado na deficiência* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gerab, C. K. (2011). *A desorientação no acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Gerab, C. K. & Berlinck, M. T. (2012). Considerações sobre o enquadre na clínica do AT. *Estilos da Clínica*, 17 (1), 88-105.
- Ghertman, I.A. (2009). *Aproximações a uma metapsicologia freudiana da escuta: ressonâncias a partir do campo do acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Gonçalves B. L. (2007). *A função de publicização do acompanhamento terapêutico na clínica. O contexto, o texto e o fora-texto do AT* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Gonçalves, C. A. B. (2012). *A contratransferência na clínica contemporânea: abertura para o inédito* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gonçalves, L. L. M. & Benevides de Barros, R. D. (2013). Função de publicização do Acompanhamento Terapêutico: a produção do comum na clínica. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 108-116.
- González, L. E. R. (2002). El lazo social: la función de testigo desde el acompañamiento terapéutico em las psicosis. *Pulsional: revista de psicanálise*, 15 (162), 23-27.
- Guerra, A. M. C., & Milagres, A. F. (2005) Com quantos paus se faz um acompanhamento terapêutico?: contribuições da psicanálise a essa clínica em construção. *Estilos da clínica*, 10 (19), 60-83.
- Gulassa, D. C. R. (2011). "Tire-me desta, mas daqui não me deixe sair!" Hospitalismo: Reflexões sobre o drama da (co) dependência em instituição psiquiátrica. *Revista brasileira de psicodrama*, 19 (2), 57-71.
- Hermann, M. C. (2005). O significante e o real na psicose: ferramentas conceituais para o acompanhamento terapêutico. *Estilos da clínica*, 10 (19), 132-153.
- Hermann, M. C. (2008). *Acompanhamento terapêutico e psicose: um articulador do real, simbólico e imaginário* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hermann, M. C. (2010). Acompanhamento terapêutico, sua criação em uma montagem institucional de tratamento e as ofertas de laço social. *Estilos da clínica*, 15 (1), 40-59.
- Iamin, S. R. S. (2011). *Adolescentes na vivência do câncer: A interface da pesquisa-cuidado e acompanhamento terapêutico* (Dissertação de Mestrado). Faculdades Pequeno Príncipe, Paraná.
- Jerusalinzky, J. (2002). O AT e a construção de um protagonismo. *Pulsional: revista de psicanálise*, 15 (162), 32-41.
- Kasper, S. G. (2000). Transitando pela clínica do AT. *Correio da APPOA*, 9 (82), 19-26.
- Kibrit, B. (2013). Possibilidades e desafios da Inclusão Escolar. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16 (04), 683-695.
- Kirschbaum, D. I. R. & Rosa, T. M. (2003). Os trabalhadores de enfermagem como acompanhantes terapêuticos de um centro de atenção psicossocial. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37 (1), 97-106.
- Lattanzio, F. F. & Braga, L. H. (2010). O acompanhamento terapêutico na perspectiva lacaniana: contribuições para uma clínica em construção. *Revista Estudos Lacanianos*, 3 (4), 0.

- Lazzarotto, G. D. R., Carvalho, J. D., & Becker, J. L. (2013). Acompanhando micropolíticas juvenis: estratégias clínico-institucionais. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 55-64.
- Leães, M. L. (2011). Estendendo a psicanálise: acompanhamento terapêutico na cidade, o corpo e possibilidades. *Revista do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre*, 18, 167-174.
- Lemke, R. A. & Silva, R. A. N. (2013). Itinerários de construção de uma lógica territorial do cuidado. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 9-20.
- Lerner, R. (2006). Matriz discursiva da contra-transferência: discussão ética acerca do acompanhamento terapêutico e de instituições de saúde mental. *Psyche*, 10 (18), 21-28.
- Londero, I., & Pacheco, J. T. B. (2006). Por que encaminhar ao acompanhante terapêutico? uma discussão considerando a perspectiva de psicólogos e psiquiatras. *Psicologia em Estudo*, 11 (2), 259-267.
- Londero, M. F. P. (2011). *O acontecer na clínica: quando o criar resiste ao cotidiano* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Londero, M. F. P. & Paulon, S. M. (2012). Intermitências no cotidiano: criação e resistência na clínica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15 (4), 812-824.
- Luiz, B. A. J. (2002). Meta-Análise: definição, aplicações e sinergia com dados espaciais. *Cadernos de Ciência e Tecnologia*, 19 (3), 407-428.
- Macedo, S. P. (2011). *A clínica no espaço público: vivência de atores envolvidos no processo de acompanhamento terapêutico (AT)* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo.
- Maia, M. S. (2002). O louco na cidade: clínica na rua. Moradia protegida e Acompanhamento Terapêutico. Clínica urgentemente. *A Rede: clínica ampliada em saúde mental*. 1(1): 58-62.
- Maia, S. M. (2006). O acompanhamento terapêutico como uma técnica de manejo. *Psyche*, 10(18), 29-40.
- Marchi, S. (2012). *A arte como intermediador terapêutico para o desenvolvimento humano*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Marco, M. N. C. (2011). *Acompanhante Terapêutico: caracterização da prática profissional na perspectiva analítico-comportamental*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. UNESP – Campus Bauru. São Paulo.
- Marco, M. N. C. & Calais, S. L. (2012). Acompanhante terapêutico: caracterização da prática profissional na perspectiva da análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 14(3), 4-18.

- Marinho, D. M. (2009). *Acompanhamento Terapêutico: Caminhos clínicos, políticos e sociais para a consolidação da Reforma Psiquiátrica brasileira*. Dissertação do Mestrado. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Marques, M. R. M. (1991). Atelier Bricoleur: intervenção no atendimento das psicoses. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, 2(4): 201-10.
- Marques, M. R. (2013). A prática do Acompanhamento terapêutico como estratégia de expansão territorial: uma incursão cartográfica. *Psicologia & Sociedade*, 25(n. spe. 2), 31-40.
- Mauer, S. K. & Resnizky, S. (1987). *Acompanhantes Terapêuticos e pacientes psicóticos. Manual Introdutório a uma estratégia clínica*. Campinas: Papirus.
- Mauer, S. K., & Resnizky, S. (2008). *Acompanhantes Terapêuticos: atualização teórico-clínica*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Mauer, S. K. & Silvia, R. (2009). *Territórios do Acompanhamento Terapêutico*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Mauer, S. K. & Resnizky, S. (2012). Acompanhamento Terapêutico e lógicas fraternas. *ATraversar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, ano I, N.1. 19–30.
- Medeiros, L. L. C. (1995). Da experiência de acompanhamento terapêutico com crianças psicóticas: relato de um caso. *Perfil: Boletim de Psicologia*, 8: 83–89.
- Meira, A. M. (2013). As crianças na cidade e o acompanhamento terapêutico. *Psicologia & Sociedade*, 25(n. spe.2),41-45.
- Melão, M. S. (2008). A escrita e a constituição do sujeito: um caso de autismo. *Estilos da Clínica*, 13(25), 94-117.
- Metzger, C. (2006). Contornos e fragmentação do eu na psicose: reflexão a partir do acompanhamento terapêutico de uma adolescente. *Psyche*, 10(18),41-52 .
- Miranda, C. M. (2011). *Saúde Mental infanto-juvenil: uma reflexão sobre políticas públicas a partir do dispositivo intercessor como meio de produção de conhecimento na práxis*. Mestrado em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. UNESP – Campus Assis. São Paulo.
- Montezi, A. V. (2012). A importância do cotidiano oferecido pelo acompanhante terapêutico a pacientes psicóticos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 3, n. 2, p. 258-264.
- Moraes, G. S. & Herrera, L. B. (2008). O acompanhamento terapêutico (at): uma outra possibilidade terapêutica de intervenção. *Revista Psicoterapia Psicanalítica*. (10) 153 – 158.
- Moraes, M. C. (2008). Comentários sobre o trabalho do acompanhamento terapêutico (at): uma outra possibilidade terapêutica de intervenção. *Revista Psicoterapia Psicanalítica*. (10) 159 – 161.

- Moreira, G. M. E. L. (2000). O acompanhante terapêutico - impasses e possibilidades do atendimento domiciliar. *Psicologia em Revista*, 1(10): 35-43
- Moreira, J. O. (2003). Matrizes históricas do acompanhamento terapêutico: raízes e conceituação. *Pulsional: revista de psicanálise*, 16(173), 48-59.
- Moura, C.P. (2002). Algumas considerações sobre o Acompanhamento Terapêutico. Em: *A Rede: clínica ampliada em saúde mental*, 1 (1), 55 -57.
- Muñoz, S. I. S.; Takayanagui, A. M. M.; Santos, C. B. & Sanchez-Sweatman, O. (2002). Revisão Sistemática de Literatura e Metanálise: Noções Básicas sobre seu Desenho, Interpretação e Aplicação na Área da Saúde. *Anais do VIII Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem* (p.7). Acedido em Dezembro 12, 2013, em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=msc0000000052002000200010&ing=pt&nrm=isso
- Muylaert, M. A. (2006). AT como dispositivo clínico: uma perspectiva da esquizoanálise. *Psyche*, 10 (18), 109-114.
- Nascimento, A. K. (2012). *Implicações da Ação Clínica dos Acompanhantes Terapêuticos nas redes sociais da cidade de Recife – PE* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco.
- Nogueira, A. B. (2007). *O acompanhamento terapêutico na psicose [manuscrito]: possibilidades de uma orientação analítica* (Dissertação do Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- Nogueira, A. B. (2009). O acompanhamento terapêutico e sua caracterização em Betim e Belo Horizonte. *Psicologia em revista*, 15 (2), 204-222.
- Nogueira, A. B. & Pereira, A. C. & Peixoto, D. G. & Dutra, J. B. R. & Santos, L. G. (2003). Pesquisando a história do acompanhamento terapêutico. *Revista psicologia plural*, 11(16), 7-17.
- Oliveira, R. W. (2013). Os caminhos da reforma psiquiátrica: Acompanhamento Terapêutico, propagação e contágio na metrópole. *Psicologia & Sociedade*, 25(n. spe. 2), 90-94.
- Palombini, A. L. (1999). O louco e a rua: a clínica em movimento mais além das fronteiras institucionais. *Educação, subjetividade & poder*, 6, 25-31.
- Palombini, A. L. (2002). Passagens obstruídas: quartos privativos, mínimas janelas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Clínica da adolescência*, (23), 63-68.
- Palombini, A. L. (2006). Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. *Psychê*, 10 (18), 115-127.
- Palombini, A. L. (2007). *Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica* (Tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- Palombini, A. L. (2009). Utópicas cidades de nossas andanças: flânerie e amizade no acompanhamento terapêutico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21 (2), 295-318.
- Palombini, A. L., Cabral, K. V., & Belloc, M. M. (2005). Acompanhamento terapêutico: vertigens da clínica no concreto da cidade. *Estilos da clínica*, 10 (19), 32-59.
- Parra, L. S. (2009). *Atando laços e desatando nós: reflexões sobre a função do acompanhamento terapêutico na inclusão escolar de crianças autistas* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.
- Paulin, L. F. & Turato, E. R. (2004). Antecedentes da reforma psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970. *Histórias, Ciência, Saúde – Manguinhos*, 11 (2), 241-58.
- Paravidini, J. L. L., & Alvarenga, C. (2008). Acompanhamento Terapêutico (AT) e saberes psicológicos: enfrentando a história. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 1 (2), 172 - 188.
- Peixeiro, M. H. (2006). A clínica do acompanhamento terapêutico: intervenções quando a recusa toma a cena. *Psyche*, 10 (18), 67-80.
- Peixoto, A.C. (2009). *Os trajetos do Acompanhamento Terapêutico na cidade (São Paulo, 1980 - 2004)* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Pelliccioli, E. (2004). *O trabalho do acompanhamento terapêutico em grupos: novas tecnologias na rede pública de saúde* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Philippi, M. M. (2004). *Co-construindo Pontes entre a Gestalt-terapia e as Terapias Sistêmicas Construtivistas Construcionistas Sociais: Subjetividade e Intersubjetividade em Questão*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica - Universidade de Brasília, Brasília.
- Piccinini, W. (2006). O acompanhante terapêutico. *Psychiatry On-line Brazil. Sessão História da Psiquiatria*, 1 (11), 0.
- Pitiá, A. C. A. (2002). *Acompanhamento terapêutico com enfoque da psicoterapia corporal: uma clínica em construção* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pitiá, A. C. A. (2005). O resgate da cidadania: o acompanhamento terapêutico e o aspecto da reabilitação psicossocial. *Saúde em Debate*, 29 (70), 179-185.
- Pitiá, A. C. A. (2006). Um olhar sobre o acompanhamento terapêutico pelo conceito reichiano de auto-regulação social. *Psyche*, 10 (18), 141-150.
- Pitiá, A. C. A. (2013). Acompanhamento Terapêutico e ação interdisciplinar na atenção psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 73-81.
- Pitiá, A. C. A., & Santos, M. A. (2006). O acompanhamento terapêutico como estratégia de continência do sofrimento psíquico. *Revista Eletrônica de Saúde Mental Álcool e Drogas (SMAD)*, 2 (2), 1-18.

- Pitiá, A. C. A., & Furegato, A. R. F. (2009). O Acompanhamento Terapêutico (AT): dispositivo de atenção psicossocial em saúde mental. *Interface*, 13 (30), 67-77.
- Portela, M. (2012). El a-fectarse do AT y sus efectos en el tratamiento. *A Travessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 39-43.
- Porto, M. (1997). Quarto mundo. *Percurso*, 18 (1), 51-58.
- Porto, M. (2013). A pólis arquipélago - notas do acompanhamento terapêutico. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe.2), 2-8.
- Possani, T. (2010). *A experiência de “sentir com” (Einfühlung) no acompanhamento terapêutico: a clínica do acontecimento* (Dissertação do Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Proença, P. F. & Lapastini, M. A. B. (1999). Entrevista com Dr. Eduardo Kalina. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1 (1), 57-72.
- Pulice, G. O. & Manson, F. & Teperman, D. (Trad.) (2005). Acompanhamento terapêutico: contexto legal, coordenadas éticas e responsabilidade profissional. *Estilos da clínica*, 10 (19), 12-31.
- Quagliatto, H. S. M. & Santos, R. G. (2004). Psicoterapia psicanalítica e acompanhamento terapêutico: uma aliança de trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24 (1), 74-81.
- Ramos, F. Q. (2011). *Reflexões sobre o potencial terapêutico dos encontros com crianças e adolescentes em situação de rua no centro da cidade de São Paulo* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ramos, F. Q. & Majolo, T. (2012). Instantes de encontros com crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo. *A Travessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 67-75.
- Ramos, L.H. (2002). *Funcionamento mental e a eficácia adaptativa de acompanhantes terapêuticos que atuam com pacientes psicóticos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.
- Reis Neto, R. O. (1995). *Acompanhamento terapêutico: emergência e trajetória histórica de uma prática em saúde mental no RJ* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Reis Neto, R. O.; Teixeira Pinto, A. C., & Oliveira, L. G. A. (2011). Acompanhamento terapêutico: história, clínica e saber. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (1), 30-39.
- Ribeiro, A. M. (2009). A idéia de referência: o acompanhamento terapêutico como paradigma de trabalho em um serviço de saúde mental. *Estudos de Psicologia*, 14 (1), 77-83.
- Ribeiro, T. C. C. (2002). Acompanhar é uma barra: considerações teóricas e clínicas sobre o acompanhamento psicoterapêutico. *Psicologia ciência e profissão*, 22 (2), 78-87.

- Ribot, G. & Machado, M. S. (2005). Da errância à transumância: acompanhamento educativo de adolescentes delinquentes. *Estilos da Clínica*, 10 (19), 106-121.
- Richter, E. P. (2003). *Fragmentos de um acompanhamento terapêutico: Reflexões a partir da teoria crítica da sociedade* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Romero, R. G. & Sacadura, S. A. R. C. (Trad.). (2013). O acompanhamento terapêutico, campo de intervenções específicas, uma questão ética. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 45-56.
- Sacadura, S. A. R. C. (2013). Autenticidade e a práxis do acompanhamento terapêutico. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 57-74.
- Safra, G. (2006). Placement: modelo clínico para o acompanhamento terapêutico. *Psyche*, 10 (18), 13-20.
- Safra, G. (2012). Acompanhamento Terapêutico: uma clínica assentada na ética. *ATravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (1), 91-98.
- Salotti, M. R. R. & França, S. A. M. (1997). Acompanhamento terapeutico: prática dinâmica de ocupação do espaço urbano. *Vertentes*, (3), 111-118.
- Salvari, L. F. C. & Dias, C. M. S. B. (2006). Os problemas de aprendizagem e o papel da família: uma análise a partir da clínica. *Estudos de Psicologia*, 23 (3), 251-259.
- Santos, L. G. & Nogueira, A. B. & Dutra, J. B. R. (2002). O acompanhamento terapêutico como dispositivo clínico na reinserção social do psicótico. *Revista Psicologia Plural*, 11 (16), 99-120.
- Santos, L. G. & Motta, J. M. & Dutra, M. C. B. (2005). Acompanhamento terapêutico e clínica das psicoses. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8 (3), 497-514.
- Santos, R. G. (2009). A inserção do acompanhamento terapêutico em um modelo interdisciplinar de atendimento a pacientes neurológicos. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 1 (1), 15.
- Santos, R. G. (2013). *Acompanhamento Terapêutico de pacientes neurológicos: uma experiência de ensino em psicanálise* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sereno, D. (1995). Acompanhamento Terapêutico e produção de cinema. *Percurso*, 1 (14), 22-26.
- Sereno, D. (1996). *Acompanhamento Terapêutico de Pacientes Psicóticos: Uma clínica na cidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sereno, D. (2006). Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva. *Psyche*, 10 (18), 167-179.

- Sereno, D. (2012). Sobre a ética no acompanhamento terapêutico (AT). *Psicologia em Revista*, 21 (2), 217-232.
- Silva, A. S. T. (2000). A “Clínica de Rua”: Acompanhamento Terapêutico. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 22 (3), 244.
- Silva, A. S. T. (2005). *A Emergência do Acompanhamento Terapêutico: O processo de constituição de uma clínica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Silva, A. S. T. & Silva, R. N. (2006). A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. *Psicologia ciência e profissão*, 26 (2), 210-221.
- Silva, D. (2013). *Entre-lugares e entre-tempos: cartografias de um acompanhamento terapêutico*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- Silva, D. & Silveira, R. W. M. (2013). Devires e drivers da clínica: acontecimentos no acompanhamento terapêutico. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (1), 71-89.
- Silva, M. V. O. & Costa, F. R. M. & Neves, L. M. (2010). Programa de Intensificação de Cuidados: Experiência Docente-Assistencial em Psicologia e Reforma Psiquiátrica. *Psicologia ciência e profissão*, 30 (4), 882-895.
- Silveira, R. W. M. (2006). *Amizade e Psicoterapia* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Simões, C. H. D. (2005). *A produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil de 1960 a 2003: uma análise crítica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Simões, C. H. D. & Kirschbaum, D. I. R.. (2005). Produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil de 1960 a 2003: uma análise crítica. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 26 (3), 392-402.
- Sousa, N. (2008). Atuação em rede de proteção social. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 11 (2), 73-87.
- Souza, A. M. & Cabrit, E. C. & Costa, E. & Koda, M. Y. & Ramalho, S. A. (2004). O acompanhamento terapêutico: uma estratégia de reabilitação psicossocial. *Psicologia em revista*, 13 (2), 89-96.
- Tristão, K. G. (2012). *Acompanhamento Terapêutico: concepção e significados da prática de AT na Grande Vitória – ES* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Varella, M. R. D. & Lacerda, F. & Madeira, M. (2006). Acompanhamento terapêutico: da construção da rede à reconstrução do social. *Psyche*, 10 (18), 129-140.

- Vasconcelos, M. F. F., Machado, D. O., & Mendonça Filho, M. (2013). Acompanhamento terapêutico e reforma psiquiátrica: questões, tensões e experimentações de uma clínica antimanicomial. *Psicologia & Sociedade*, 25 (n. spe. 2), 95-107.
- Veloza, R. S. & Serpa Junior, O. D. (2006). O acompanhamento terapêutico “em ação” no campo público da assistência em saúde mental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 9 (2), 318-338.
- Vilela, A. A. M. & Silva, C. R. & Oliveira, J. B. (2010). O AT como recurso clínico no tratamento da psicose. *CliniCAPS*, 4 (10), 0.
- Wachs, F. & Jardim, C. & Paulon S. M. & Resende, V. (2010). Processos de subjetivação e territórios de vida: o trabalho de transição do hospital psiquiátrico para serviços residenciais terapêuticos. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 20 (3), 895-912.
- Werneck Filho, B. D. (2009a). Acompanhamento Terapêutico com pacientes maníacos: reconstruções teóricas baseadas na prática clínica. *Psychiatry On Line Brazil*, 14 (7), 0.
- Werneck Filho, B. D. (2009b). Hospital-Dia e Acompanhamento Terapêutico: trabalhos essenciais em saúde mental. *Psychiatry On Line Brazil*, 14 (11), 0.
- Werneck Filho, B. D. (2010). Os três elementos essenciais no Acompanhamento Terapêutico: encontro no cotidiano, intuição e movimento. *Psychiatry On Line Brazil*, 15 (2), 0.
- Witter, G. P. (2005). *Metaciência e Psicologia*. Campinas, SP: Alínea.
- Yaegashi, M. S. (2013). Percepções e sentimentos do acompanhante terapêutico de pessoas em sofrimento psíquico (Dissertação de Mestrado). Universidade Guarulhos, São Paulo.
- Yagiu, H. (2006). Reflexões sobre o enquadre no acompanhamento terapêutico. *Psyche*, 10 (18), 91-100.
- Yagiu, H. (2013). Management no acompanhamento terapêutico de uma paciente psicótica idosa. *Atravessar: Revista de Acompanhamento Terapêutico*, 1 (2), 75-106.
- Zamignani, D. R. (1997). O Trabalho do Acompanhante Terapêutico: A prática de um analista do Comportamento. *Revista Biociências. Taubaté*, 1 (3), 77-90.
- Zanetti, C. E. (2008). O Acompanhamento Terapêutico (AT) no Hospital Geral: Música e Psicologia Aplicada à Saúde. *Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 11 (1), 49-59.
- Zilberleib, C. M. O. V. (2005). O acompanhamento terapêutico e as relações de objeto em pacientes-limite (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Zilberleib, C. M. O. V. (2006). O acompanhamento terapêutico e as relações de objeto em pacientes-limites. *Psychê*, 10 (18), 53-66.